

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**PRISCILA MOURA GUIMARÃES**

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ADULTOS EM SITUAÇÃO DE RUA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE METODOLOGIAS NA PSICOLOGIA CULTURAL**

MACEIÓ, AL

2018

**PRISCILA MOURA GUIMARÃES**

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE ADULTOS EM SITUAÇÃO DE RUA:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE METODOLOGIAS NA PSICOLOGIA CULTURAL**

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, para o Curso de Mestrado em Psicologia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Nadja Maria Vieira Silva.

MACEIÓ, AL  
2018

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante – CRB:1664

G963n Guimarães, Priscila Moura.  
Narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua: considerações sobre metodologias na psicologia cultural / Priscila Moura Guimarães. – 2018.  
117 f.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Nadja Maria Vieira.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió,  
2018.

Bibliografia: f. 70-72.

Anexos: f. 73-117.

1. Psicologia cultural. 2. População em situação de rua. 3. Narrativas autobiográficas. 4. 'Si mesmo'. 5. Processo de significação. Título

CDU: 159.922.26



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

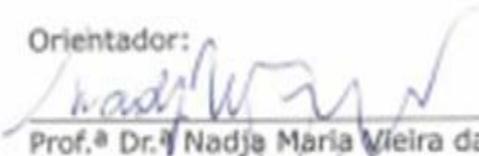
### TERMO DE APROVAÇÃO

**PRISCILA MOURA GUIMARÃES**

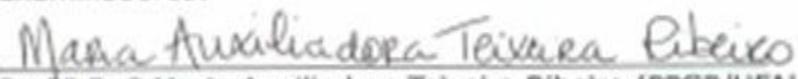
Título do Trabalho: "Narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua: considerações sobre metodologias na Psicologia Cultural".

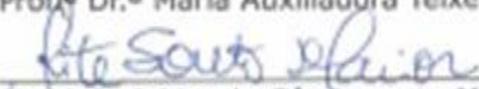
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadja Maria Vieira da Silva (PPGP/UFAL)

Examinadores:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro (PPGP/UFAL)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Souto Major Siqueira Lima (FALE/UFAL)

Maceió-AL, 18 de abril de 2018.

Às vozes que soam de cordas tênues e partem cristais.

## RESUMO

Esta pesquisa foi fundamentada com conceitos e procedimentos metodológicos da Psicologia Cultural. Trabalhou-se nesta pesquisa com dois objetivos centrais: 1) avaliar o potencial das narrativas autobiográficas, enquanto instrumento metodológico para a pesquisa em Psicologia e 2) investigar processos na organização narrativa do *Self* de pessoas em situação de rua que frequentam espaços públicos de acolhimento provisório. Participaram dessa investigação dois adultos em situação de rua. Os dados foram narrativas autobiográficas, realizadas em espaço previamente reservado numa instituição pública de acolhimento social temporário para os participantes. As narrativas foram construídas durante nove entrevistas episódicas realizadas com cada participante. Os resultados apontaram para organização do 'si mesmo' (*Self*) de dois adultos em situação de rua, destacando-se as posições de narrador e protagonista, relacionadas com temas de sua história e perspectiva de tempo. Além disso, os resultados apontaram também, enquanto aspectos de natureza histórica e cultural, para a atuação de forças antagônicas, centrípetas e centrífugas, atuando para a conservação ou inovação de significados nas narrativas. A atuação dessas forças fomentou situações de ambiguidade e tensão consideradas como processos característicos na negociação de significados nas narrativas autobiográficas.

**Palavras-chave:** Narrativas autobiográficas; organização do 'si mesmo'; tempo narrativo; processo de significação.

## ABSTRACT

This research was based on concepts and methodological procedures of Cultural Psychology. This research was carried out with two central objectives: 1) to evaluate the potential of autobiographical narratives as a methodological tool for research in Psychology; and 2) to investigate processes in the narrative organization of the Self of street people who attend public spaces of temporary shelter. Two adults that lived in the street participated in this investigation. The data were autobiographical narratives, carried out in a previously reserved space in a public institution of temporary social reception for the participants. The narratives were constructed during nine episodic interviews with each participant. The results pointed to the organization of the self of two adults in a street situation, highlighting the positions of narrator and protagonist, related to themes of their history and perspective of time. In addition, the results also pointed, as historical and cultural aspects, to the performance of antagonistic, centripetal and centrifugal forces, acting for the conservation or innovation of meanings in narratives. The operation of these forces fostered situations of ambiguity and tension considered as characteristic processes in the negotiation of meanings in the autobiographical narratives.

**Keywords:** autobiographical narratives; organization of the *self*; narrative time; process of signification.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1. Narrativa 1 (Passado) .....</b>	<b>40</b>
<b>Quadro 2. Narrativa 4 (Presente).....</b>	<b>43</b>
<b>Quadro 3. Narrativa 9 (Futuro) .....</b>	<b>49</b>
<b>Quadro 4. Levantamento de frequência de unidades temáticas e posicionamento do <i>self</i> (total: 9 entrevistas J. C. D) .....</b>	<b>50</b>
<b>Quadro 5. Narrativa 1 (Passado) .....</b>	<b>52</b>
<b>Quadro 6. Narrativa 4 (Presente).....</b>	<b>56</b>
<b>Quadro 7. Narrativa 9 (Futuro) .....</b>	<b>59</b>
<b>Quadro 8. Levantamento de frequência de unidades temáticas e posicionamento do <i>self</i> (total: 9 entrevistas W. L. S) .....</b>	<b>61</b>
<b>Quadro 9. Levantamento quantitativo geral dos dois participantes (total: 18 entrevistas) .....</b>	<b>63</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2. A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA – PSR</b> .....	<b>13</b>
<b>3. PSICOLOGIA CULTURAL: UMA RETROSPECTIVA TEÓRICA</b> .....	<b>15</b>
3.1 Vigotski e a abordagem marxista da psicologia.....	15
3.2 Bakhtin e a abordagem dialógica da psicologia.....	17
3.3 Valsiner e a relação semiótica na Psicologia Cultural.....	18
<b>4. PSICOLOGIA CULTURAL E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS</b> .....	<b>21</b>
4.1 ‘Si-Mesmo’ ( <i>Self</i> ) como objeto de conhecimento: Foco no significado e suas aplicações em situações práticas .....	21
4.2 Significado: <u>tempo</u> , história e interpretação .....	22
4.3 O Pensamento como atividade narrativa .....	22
4.4 História contada: As posições de protagonista e narrador.....	24
4.5 A Função do entrevistador nas narrativas autobiográficas.....	24
4.6 Narrativas autobiográficas de acordo com Bakhtin: As relações dialógicas entre autor e leitor .....	25
4.7 Forças centrífugas e centrípetas operantes na narratividade .....	27
<b>5. ATUALIDADES: PESQUISAS QUE SE UTILIZAM DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS</b> .....	<b>28</b>
<b>6. METODOLOGIA</b> .....	<b>32</b>
6.1 Tipo da Pesquisa .....	33
6.2 Participantes .....	33
6.3 Local da pesquisa.....	34
6.4 Procedimentos para construção das narrativas autobiográficas .....	34
6.4.1 Entrevista episódica com os participantes.....	35
6.4.2 Procedimentos para análise das narrativas autobiográficas.....	36
6.4.2.1 Leitura geral nas narrativas autobiográficas.....	37
6.4.2.2 Definição de critérios para segmentação das unidades temáticas .....	37
6.4.2.3 Análise da dinâmica de posicionamento do ‘si-mesmo’ ( <i>Self</i> ) nas narrativas autobiográficas.....	37
6.4.2.4 Diagramação das narrativas.....	39
6.4.2.5 Levantamento de frequência.....	39

6.4.2.6 Análise narrativa do pesquisador.....	39
<b>7. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>40</b>
<b>7.1 Entrevistado J. C. D .....</b>	<b>40</b>
<b>7.2 Entrevistado W. L. S .....</b>	<b>52</b>
<b>7.3 Sobre as experiências de ‘si-mesmo’ (<i>Self</i>) dos adultos em situação de rua participantes dessa pesquisa .....</b>	<b>62</b>
<b>7.4 Sobre o papel do tempo na organização das experiências de ‘si-mesmo’ (<i>Self</i>) nas narrativas autobiográficas .....</b>	<b>64</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: Sobre o potencial das narrativas autobiográficas para análise do funcionamento psicológico humano .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO 1 – ENTREVISTAS DO PARTICIPANTE J. C. D .....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO 2 – ENTREVISTAS DO PARTICIPANTE W. L. S .....</b>	<b>98</b>

## 1. INTRODUÇÃO:

Descreve-se nesse estudo sobre a realização de uma análise de narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua. A partir dessa análise teceram-se considerações sobre características que se assumem na elaboração de metodologias utilizadas em pesquisas orientadas por fundamentos da Psicologia Cultural. O interesse por pessoas em situação de rua surgiu a partir da minha prática na Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) de Maceió/AL, enquanto psicóloga e coordenadora do Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) no atendimento social à população em situação de rua – PSR (assume-se o uso dessa abreviação de agora por diante). Essa população é constituída por pessoas que, na maioria das vezes, perderam seus empregos e romperam vínculos afetivos por não conseguirem conviver dentro de suas casas, com agravamento pela dependência química. O resultado são perdas; do trabalho, da família, dos amigos e até mesmo da esperança de viver.

Nesse contexto observamos que a PSR é um grupo heterogêneo, composto por pessoas com diferentes histórias de vida, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta e a falta de pertencimento à sociedade. São homens, mulheres, jovens, famílias inteiras; muitas dessas pessoas mencionam, em sua trajetória de vida, já ter realizado alguma atividade laboral importante na constituição de sua identidade social. Todavia, com o tempo, algum infortúnio atingiu suas vidas, seja a perda do emprego, seja o rompimento de algum laço afetivo, fazendo com que, aos poucos, perdessem a perspectiva de projeto de vida e utilizassem o espaço da rua como sobrevivência e moradia.

Resume-se, então, que essa condição, característica de um processo de exclusão social no Brasil, tem origem nas dificuldades econômicas e na falta de pertencimento social, de perspectivas, dificuldade de acesso à informação e perda de autoestima. As consequências mais frequentes dessa situação são prejuízos na saúde geral das pessoas, em especial, a saúde mental, o que as leva a relacionarem-se com o mundo do tráfico de drogas e estabelecer padrões e perspectivas de emancipação social muito restritos.

Muitos municípios brasileiros, inclusive Maceió, ofertam espaços públicos para PSR, como forma provisória de acolhimento. Refletiu-se sobre esse cenário, caracterizado pela vulnerabilidade e extrema precariedade na experiência desses seres humanos e realizou-se uma investigação com dois objetivos principais: 1) avaliar o potencial das narrativas autobiográficas para estudar processos psicológicos humanos e 2) estudar as experiências do *Self* de pessoas em situação de rua, que frequentam esses espaços públicos. Investiu-se na possibilidade de que esse apelo dramático provocasse instabilidades e constantes mudanças

emocionais, aspecto que propiciaria uma maior visibilidade da organização narrativa do *Self*. Em outras palavras, acreditou-se que na PSR expressam-se experiências de *Self* fragilizados e desordenados, refletindo configurações de conflitos que favorecem a cenários psicológicos com intensa atividade de negociação narrativa de significados.

Agregou-se à realização dessa investigação, um investimento sobre o conhecimento acerca da relação entre a forma narrativa de linguagem e o funcionamento psicológico humano. Bruner (1997), referência na literatura para esse conhecimento, destacou que as nossas experiências psicológicas são organizadas narrativamente, na medida em que durante a narrativa, uma pessoa tem a oportunidade para resgatar sua história. Nessa perspectiva, os objetivos secundários dessa investigação destinaram-se para discussões sobre o papel do tempo na negociação de significados e organização do *Self* nas narrativas autobiográficas e sobre processos no funcionamento do *Self* em contexto de vulnerabilidade psicossocial.

A relevância dessa pesquisa está na possibilidade de se analisar o funcionamento psicológico de pessoas que compõem a PSR e avaliar o potencial da narrativa autobiográfica, como instrumento metodológico para se trabalhar com essa população. Defende-se que uma característica desse instrumento é configurar oportunidades para pessoas (re) construirem a sua história narrativamente. Nesse sentido, acreditou-se que o fomento às narrativas autobiográficas de quem está em situação de rua constituiu situações ideais para se avaliar o potencial desse instrumento, além de favorecer a novas perspectivas de informações acerca de processos psicológicos de pessoas que estão na rua.

Destaca-se, então, que o enfoque nas narrativas autobiográficas da PSR pressupõe a afiliação teórica dessa pesquisa com a Psicologia Cultural, onde se considera que a base para o funcionamento psicológico são os processos de significação. A narrativa autobiográfica é um dos principais instrumentos teórico e metodológico da Psicologia Cultural utilizado para se conhecer como o indivíduo constitui o 'si-mesmo', o *Self*, a partir de processos de negociação de significados para suas experiências no mundo, que são de natureza histórica e cultural.

Para Bruner (1997, p.98) “o enfoque nos processos de significação traduz um estudo adequado do funcionamento psicológico humano uma vez que os sistemas simbólicos que os indivíduos usam para construir significados arraigados na cultura e na linguagem”. Em outras palavras, os processos de significação traduzem a constituição cultural do funcionamento psicológico humano. Nesse pensamento, uma abordagem adequada para os processos psicológicos pressupõe a análise da produção de significados na linguagem. Bruner (1997) acrescenta ainda que as narrativas são eventos através dos quais os seres humanos organizam

suas experiências psicológicas, sendo *a possibilidade de ordenação dos significados no tempo, o artifício fundamental para essa organização*.

Nesta pesquisa investem-se na expectativa de conhecer o funcionamento psicológico e compor informações sobre essa população em risco; informações sobre suas histórias e sobre o impacto das condições que lhes são disponibilizadas nas ruas. Há ainda, na realização dessa pesquisa, a expectativa de tecer discussões para a ampliação do alcance teórico-metodológico das narrativas autobiográficas nas práticas em psicologia.

Justifica-se, então, a opção pelo aparato conceptual da Psicologia Cultural para este estudo na medida em que ela possibilita uma análise da experiência psicológica das pessoas, sem a alienação dos aspectos socioculturais. Para Bruner (1997), a autobiografia é um importante instrumento metodológico no campo da Psicologia Cultural, pois nela se analisa como o narrador constrói em seu discurso as condições para negociar e renegociar os seus significados na história. Desse modo, a Psicologia Cultural *remonta tanto as relações sociais externas quanto a forma como estas passam a constituir o pensamento humano*. No âmbito da Psicologia Cultural os pesquisadores reafirmam, agregam e atualizam explicações sobre o desenvolvimento humano, apresentadas a partir da psicologia marxista de Vigotski, quando se relevou a origem social dos processos psicológicos humanos.

Além disso, assegurando-se um alinhamento ainda mais profundo deste estudo com o aparato conceptual da Psicologia Cultural, assumiu-se a análise de narrativa como o principal procedimento para interpretação dos processos psicológicos. A expectativa com esse procedimento é a construção de duas dimensões de informações sobre os significados a serem analisados: uma, se dirige para esclarecimentos sobre o funcionamento narrativo do psiquismo humano; outra, complementar, se dirige para as experiências de *Self* de pessoas que compõem a PSR, que o instrumento da autobiografia narrativa potencializou.

Incluiu-se nos procedimentos da investigação que ora se descreve uma revisão da literatura sobre os principais tópicos discursivos envolvidos na pesquisa, entre eles, sobre a PSR e sobre pressupostos teóricos metodológicos da Psicologia Cultural, mais especificamente, sobre as narrativas autobiográficas.

Para atender aos seus objetivos centrais de 1) avaliar o potencial das narrativas autobiográficas para estudar processos psicológicos humanos e 2) estudar as experiências do *Self* de pessoas em situação de rua, esta pesquisa teve como participantes, dois adultos identificados como pessoas em situação de rua que frequentam espaços públicos de acolhimento provisório. Os dados foram suas narrativas, incentivadas a partir de perguntas gerativas (Flick 2007) durante nove entrevistas que foram realizadas, sistematicamente, uma

vez por semana, no Serviço de Acolhimento Institucional para Jovens e Adultos em Situação de Rua Prof<sup>o</sup> Manoel Coelho Neto, situado no bairro Poço da cidade de Maceió/AL. Trata-se de um serviço de acolhimento institucional vinculado aos Serviços de Proteção Especial – Alta Complexidade da Secretaria Municipal de Assistência Social desta capital. Este serviço é um espaço de acolhimento provisório, previsto para pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e ausência de residência ou pessoas em trânsito e sem condições de autossustento.

## **2. A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - PSR**

A PSR é formada por um grupo heterogêneo em termos de sexo, idade, raça e história de vida. Possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados, em que a vulnerabilidade foi progressivamente ampliada antes de chegar a fixar a vida no espaço da rua. A vida dos indivíduos em situação de rua se caracteriza pela inexistência de moradia convencional regular e a utilização de logradouros públicos e áreas urbanas degradadas como espaço de moradia e de sustento. É uma vida marcada por uma dinâmica e rotinas de trabalho informal ou desemprego, de relações sociais frágeis e efêmeras, onde o tecido de apoio e cuidado são desgastados também pelo preconceito e a discriminação, e por uma presença estatal muitas vezes violenta e violadora de direitos básicos.

Há crescente número de pessoas que são excluídas das estruturas convencionais da atual sociedade, como emprego, moradia e privacidade. Viver na rua sempre pressupõe condições precárias de vida, discriminação, baixa autoestima e abandono da sociedade de uma forma geral e de seus antigos vínculos familiares.

A definição de população de rua é complexa, pela multiplicidade de fatores pessoais que as mantêm nessa condição. As várias formas de se tentar encontrar soluções dadas à subsistência e à moradia dificultam a formulação de conceitos mais objetivos. Para Costa (2005), a população rualizada apresenta como característica comum o estabelecimento do espaço público da rua, como campo de relações privadas, e a vivência da exclusão social pelo trinômio: expulsão, desenraizamento e privação. Além disso, declara o autor que “As pessoas em situação de rua fazem parte da paisagem, principalmente dos grandes centros urbanos; e os profissionais da assistência social não podem ficar insensíveis a esse processo, pois a questão da vulnerabilidade encontra-se inserida no mesmo” (COSTA, 2005, p.91).

Supõe-se que o espaço das ruas é um dos elementos mais diversos entre os que povoam o imaginário popular de qualquer sociedade urbana. A ausência de contatos

constantes com o núcleo familiar, como base de sustentação material e afetiva, leva a pessoa em situação de rua a carecer de um grupo de pertencimento. Esses aspectos são preocupantes para os profissionais da assistência social, pois estes têm um papel crítico e reflexivo relacionado ao cuidado de pessoas dentro de seu universo social.

A PSR abrange vários modos de vida na cidade, vários tipos de relações com a rua: pessoas com endereço fixo que passam a maior parte do tempo nos logradouros públicos; pessoas que moram na rua em tempo integral, que há muito perderam qualquer referência domiciliar ou familiar; imigrantes; desempregados, egressos dos sistemas penitenciário e psiquiátrico, pessoas que transitam de uma cidade a outra, entre outras situações que podem ou não ser definidas.

De acordo com Lopes (2014), a pessoa que mora nas ruas viveu um rompimento com as dinâmicas e os padrões estabelecidos pela sociedade, rompeu seus laços com a família, com o emprego, com os domicílios, com tudo aquilo que organiza a sociedade. Viver na rua evidencia as diferenças e os abismos sociais em seu grau máximo. A rua é o local de destino daqueles que perderam seu lugar, seja dos bairros mais abastados, seja das periferias ou dos presídios. Nas palavras desse autor,

A vulnerabilidade social faz com que o grupo viva inúmeros problemas: desconforto em face da diversidade da rua, ambiente sem condições de cuidados básicos, precariedade da vida nas ruas, tendo em vista as condições de higiene, a falta de espaço apropriado para o descanso, o incômodo da insegurança e, principalmente, o olhar suspeito e preconceituoso que, muitas vezes, a sociedade que o cerca lhe dirige. As lutas pela reconstrução dos sentidos de si no mundo são cotidianas e permanentes (LOPES, 2014, p. 41).

Quando alguém vai para a rua levantam-se suposições e opiniões discursivas. Mas, que alternativa uma pessoa encontra na rua? É possível encontrar opinião de que na rua que ela sobreviverá e terá vida afetiva e comunitária. Todavia, destacou Lopes (2014), no caso da rua, tudo se passa ao mesmo tempo e no mesmo lugar, funcionamento que provoca uma alteração nas experiências psíquicas de espaço e tempo. Por essa razão é possível observar que pessoas que moram na rua, muitas vezes, não sabem dizer quanto tempo estão lá. Essas noções começaram a mudar pela situação incômoda das perdas. O tempo de quem está na rua fica marcado a partir do incômodo e o espaço passa a ser concentrado na rua; tudo o que importa para a pessoa é estar com aqueles que também estão ali na rua com ela. Quando eles são tirados da rua, eles se desorganizam e perdem mais uma coisa: a solidariedade das pessoas que lhes oferecem comida e outro tipo de ajuda, por exemplo. Sem isso, eles caem no mais absoluto desamparo.

Observações naturais (sem a sistematicidade de uma investigação científica) revelam alguns sintomas sociais típicos da PSR: difícil confiabilidade, dificuldades para assumir compromissos e obedecer a regras. Com essas características, presumiu-se que as pessoas em situação de rua têm uma experiência de desorganização e instabilidade do *Self*. Essa possibilidade se traduziu como cenário apropriado para o pesquisador que teve como objetivo avaliar o potencial teórico-metodológico das narrativas autobiográficas para as práticas da Psicologia Cultural. Isto porque, assumiram-se as discussões resgatadas da literatura (Bruner, 1997), onde as narrativas autobiográficas retratam o *Self* como um contador de história. Além disso, nessas discussões, através da narratividade o *Self* se organiza transitando no tempo. Isto é, nesse processo ele tem possibilidade de revisitar o passado e antecipar possibilidades do futuro, tudo isso, na janela do presente.

### **3. PSICOLOGIA CULTURAL: UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA**

#### **3.1- Vigotski e a abordagem marxista da psicologia**

A abordagem sócio-histórica de Vigotski fundamentou-se no marxismo e adotou pressupostos do materialismo dialético onde se destaca:

- A ação e procedência social e histórica das experiências humanas;
- A sociedade, como produção histórica das pessoas que, através do trabalho, produzem sua vida material;
- As ideias, como representação da realidade material;
- A realidade material, fundada em contradições que se expressam nas ideias;
- A história, como o movimento contraditório constante das ações humanas, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência e a psicologia.

Fundamentada nesses pressupostos, a psicologia desenvolvida por Vigotski propõe resgatar a historicidade das experiências humanas. A compreensão da dimensão histórica dos processos psicológicos permitiu atualizar a compreensão acerca da experiência da subjetividade e intersubjetividade, incorporando à análise as características do capitalismo contemporâneo. Ou seja, a proposta da psicologia de base sócio histórica é evidenciar as

condições materiais que operam para experiência psicológica, que inclui processos subjetivos e intersubjetivos, como destaca Gonçalves (2003):

É necessário reconhecer o caráter histórico das características da subjetividade. As mediações que as constituem têm sua raiz no capitalismo e suas características atuais. É necessário reconhecer esse caráter histórico também nas diferentes concepções da psicologia que tratam da constituição da subjetividade. (GONÇALVES, 2003 apud BOCK, p. 288).

Abordagens da psicologia que explicam a experiência de subjetividade como uma condição interna do indivíduo, criticam essa posição. Todavia, a historicidade, apontada na psicologia sócio histórica como principal processo para as experiências psicológicas, contradiz a possibilidade dessa direção interna para os processos de subjetivação. O desafio é considerar a complexidade que esse pensamento apresenta. Segundo Gonçalves (2003), na psicologia sócio histórica assume-se as implicações da ação para as explicações sobre o funcionamento psicológico, destacando-se a linguagem como processo de mediação entre o organismo e a cultura. A partir dessa função de mediação, explica-se nessa psicologia, como a linguagem constitui subjetividade e intersubjetividade sem alienar essas experiências de sua origem social.

É relevante destacar que nessa abordagem não se anula individualidades, nem as oprime por uma determinação externa da cultura, visto a referência de Vigotski ao processo eminentemente criativo do encontro de cada organismo com suas experiências sociais. Esse processo criativo é refletido na produção de significados e sentidos, revelados nas relações sociais. Gonçalves (2003) destacou que “os significados presentes nas relações sociais têm caráter ideológico (representam interesses concretos e determinados) e encerram contradições”. Assim se revelam sentidos pessoais e a presença ativa de cada indivíduo nesse processo.

Vigotski (apud Gonçalves, 2003) observou que somente uma psicologia verdadeiramente dialética materialista e histórica poderia explicar a construção do pensamento pois o desenvolvimento humano estava sempre permeado e mediado pelas relações sociais. Mas dizer que as relações sociais originavam o funcionamento psicológico não era suficiente para explicitar os fundamentos dessa nova psicologia. Para Vigotski, ainda era necessário, acrescentar nesse argumento explicações sobre como se constituía essa origem social dos processos psicológicos.

O princípio explicativo apresentado em sua metodologia foi funcionamento da palavra como unidade de análise para o estudo do pensamento, visto que ela une a consciência humana (pensamento) com as experiências culturais concretas da vida. A palavra como

unidade de análise assegura a observação da relação de determinação e indeterminação entre o pensamento de um homem e suas relações sociais. Os processos psicológicos são sócio e culturalmente constituídos por que um indivíduo, num processo inter(ativo), se utiliza da palavra como mediadora de suas experiências culturais, para construção do seu pensamento.

### 3.2- Bakhtin e a abordagem dialógica da psicologia

É possível dizer que Bakhtin possibilitou uma maior amplitude das explicações de Vigotski sobre o papel da linguagem no funcionamento psicológico humano. Isto por que Bakhtin rompe com explicações mais tradicionais da linguística, para destacar na sua análise de textos literários, as relações dialógicas que a linguagem possibilita favorecendo ao complexo engendramento entre autor, personagens e leitor. Nessas condições, na análise de Bakhtin, a linguagem funciona como mediadora constituindo relações complexas entre fenômenos de diferentes naturezas. Nas análises de Bakhtin, essas relações complexas foram definidas como diálogo que assume o caráter de unidade central na perspectiva bakhtiniana.

De acordo com Freitas (1994), Bakhtin revela a consciência dos personagens que ele analisou aliada aos processos do contexto ideológico e social que o enredo literário engendra. Nessa perspectiva a linguagem opera não no indivíduo isoladamente, mas numa dimensão de inter-relação, pois ela é necessariamente endereçada para o *outro*. Assim, as explicações de Bakhtin remete-se também a um funcionamento dialético Bakhtin (apud Freitas, 1994) para a configuração do diálogo entre o *eu* e o *outro* e destaca uma procedência social subjacente à produção dos sentidos enquanto fenômeno que atesta a existência dos personagens e de suas ações. A produção de sentidos, para Bakhtin, é o processo que confirma a condição dialógica da vida, dos personagens e sua relação com o autor e com o leitor.

Para Bakhtin, as relações dialógicas nunca são autônomas, na medida em que as palavras de um personagem pressupõem a fala do *outro* com quem ele se relaciona. Desta forma, o diálogo é um princípio unificador que supera um jogo de tensões entre partes distintas. Enquanto movimento para unificar, o diálogo, que se traduz como relação entre diferentes, promove ao eu e ao outro (as instâncias distintas) autoconhecimento, pelo reconhecimento desse *outro* num movimento alternado. Sobre a complexa caracterização do diálogo, enquanto fenômeno da vida humana, Bakhtin destacou:

(...) compreender a palavra diálogo é, não apenas como a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer que seja. Assim, um discurso escrito é importante para uma discussão ideológica em

grande escala: ele responde a alguma coisa, confirma as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 1990, p. 174).

Nessa perspectiva, o mundo pessoal se revela pelos sentidos que forma repertório de vida de cada pessoa. Segundo Bakhtin (1990), cada pessoa estrutura e transforma seu pensamento sintonizada com suas experiências sociais: “a consciência individual faz parte dos fenômenos da realidade ideológica (...) são ligados às condições e às formas da comunicação social” (BAKHTIN, 1990, p. 75).

Quando Bakhtin formula a sua teoria da linguagem considerando essa relação dialógica socialmente construída ele se referiu criticamente a alguns aspectos da teoria psicanalítica de Freud. Na sua opinião Freud teorizou no seu método da associação livre a alienação de um organismo biológico em relação a sua historicidade. Para Bakhtin (1990 em CLARK e HOLQUIST, 2004), Freud utilizou da linguagem como forma de buscar algo objetivo, sendo ela constituída como ideologias e significados. Deste modo, a linguagem pode processar várias formas de interpretação para as experiências culturais e a relação *eu* e *outro* (analista e paciente) também é constitutiva dessa variabilidade.

Em resumo, em suas explicações sobre o papel da linguagem nos processos psicológicos configurados nos enredos da literatura, Bakhtin também endossou os argumentos acerca da constituição social do pensamento humano. Esse reforço foi demonstrado, sobretudo, nas explicações que ele teceu acerca da atividade de produção de sentidos, onde se confirma a inseparabilidade do *eu* com o *outro* e se ratifica a natureza dialógica da existência humana.

### **3.3- Valsiner e a regulação semiótica na Psicologia Cultural**

Ao longo de seu percurso acadêmico-científico Valsiner manteve ampla interlocução com autores clássicos e contemporâneos da psicologia e de áreas de fronteira, em especial a antropologia, a sociologia, a história e a semiótica. No âmbito epistemológico, Valsiner (2012), apoiou-se na semiótica de Charles Peirce e na sematologia de Karl Bühler e delineou os fundamentos de uma Psicologia Cultural alicerçados em processos semióticos. Para Valsiner, a questão que orienta os fundamentos da Psicologia Cultural é a maneira como a cultura atua no sentir, pensar e agir humano. Nessa dimensão a cultura foi concebida como um processo semiótico de construção, organização e regulação do funcionamento psicológico humano.

Partindo de sua concepção de desenvolvimento humano, que pressupõe movimento e transformação, Valsiner (2012) apontou para o desafio de uma Psicologia Cultural que, em sua opinião, deve se constituir como ciência interdisciplinar do desenvolvimento humano, individual e social, uma vez que, é a articulação entre o pessoal e o coletivo que possibilita a emergência da novidade, principal indicativo do desenvolvimento. Para a superação desse desafio, Valsiner (2012) declarou que Psicologia Cultural precisa exercer fundamentos de uma ciência sistêmica, qualitativa e, sobretudo, idiográfica. Isto é, ela deve ser exercida como “uma disciplina que é geral quanto ao conhecimento básico, ao mesmo tempo em que representa particulares humanos em toda a sua riqueza e procura não se apartar da experiência humana vivida” (p.32).

Nesse sentido, pesquisadores devem ocupar-se de diversas e ricas análises de situações cotidiana às quais se dedicam essa psicologia, tais como as relacionadas à peregrinação religiosa, ao trabalho forçado, à mobilidade geográfica, política e social, à saúde e aos medos de doenças, ao valor do segredo, às formas de casamentos e formações familiares. Segundo Valsiner (2012), “o resultado é outra construção de uma teoria psicológica que reivindica ser científica. [...] e universal, diante de fenômenos psicológicos completamente singulares” (p.29). Esse resultado construtivo, a que Valsiner (2012) se refere como outra construção, é outro justamente quanto às formas de relação pessoa-cultura que postulará, afastando-se de proposições monológicas da relação entre acontecimentos pessoais e sociais, tais como aquelas em que “a pessoa pertence à cultura”, como na psicologia transcultural, e também daquelas em que “a cultura pertence à pessoa”, como na antropologia social.

Na dialogia de Valsiner (2012), a cultura pertence ao sistema psicológico individual, que se constrói pelos processos de internalização e externalização (aqui aparece a perspectiva de Vigotski) em um constante movimento de mútua constituição entre acontecimentos pessoais e sociais (aqui se mostra a perspectiva de bidirecional dos processos de socialização).

Valsiner (2012) apresentou os constructos formadores de sua concepção de cultura como mediação e regulação semiótica, em que a noção de ambiguidade é central:

Se a cultura deve ser explicada pela semiose, a noção de ambiguidade está necessariamente, por conseguinte, no centro de todos os nossos construtos teóricos, do mesmo modo que desempenha um papel central em nossas experiências de vida (p. 49).

Ancorado no que ele mesmo denominou de “bases semióticas da psicologia cultural” relevou uma complexa articulação entre os âmbitos pessoal e coletivo das experiências humanas, onde cada proposição é geneticamente formativa da outra, e todas sistemicamente integradas: “como os seres humanos vivem em uma sociedade e como a sociedade ‘vive no

interior' dos seres humanos" (p. 67). Nessa perspectiva, os ambientes humanos são ambientes socialmente sugestivos em contraposição à ideia de determinação da pessoa pelo ambiente. Distintos significados codificados por diferentes instituições sociais, com propósito de orientação social, sugerem à pessoa maneiras de agir, que elas selecionarão em função desses ou daqueles critérios de valor.

Valsiner (2012) declarou que o pensamento humano é orientado, por um lado, por sugestões sociais e, por outro, por sugestões que emergem no nível privado e oculto. Segundo ele, "é no pensamento humano que o social e o pessoal encontram-se unidos dentro de um processo cultural (semiótico) de construir sentido do mundo e de 'si mesmo'" (p. 231). Observa-se aqui, que este autor refletiu sobre a relação entre pensamento e linguagem, caminho aberto por Vigotski.

Valsiner (2012) destacou ainda que "a vida psicológica humana, em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza" (p. 251). Para ele, o domínio cognitivo constitui uma ferramenta semiótica emergente para organizar o relacionamento afetivo com o mundo. Assim ele apontou para o papel dos afetos e valores na construção de culturas pessoais, apresentando um modelo de mediação semiótica dos processos afetivos, em que os fenômenos da afetividade humana estão organizados em diferentes níveis, nos quais a emoção e os sentimentos apresentam diferentes graus de generalidade.

Valsiner (2012) propôs uma reconstrução metodológica da psicologia baseada na perspectiva idiográfica e sistêmica da Psicologia Cultural. Ele criticou o reducionismo praticado na psicologia a partir de opções por um único método e defendeu que a metodologia de pesquisa também é um processo de construção de conhecimento e, portanto, remete-se a processos epistemológicos e não meramente de aplicação de técnicas já executadas em outras circunstâncias. Nessas condições, a metodologia de uma investigação, depende "das estratégias gerais que definem para onde olhar, quais comparações fazer, e o que assumir sobre os fenômenos antes que as práticas analíticas efetivas sejam postas em prática" (VALSINER, 2012, p. 301). Ela reflete a habilidade do pesquisador, na medida em que este experimenta os fenômenos e pensa sobre eles de maneira intuitiva, construindo teorias a partir da sua perspectiva pessoal. Nesse pensamento, "Os cientistas não são autômatos racionais, mas seres humanos subjetivos, pessoalmente envolvidos, com preferências subjetivas e posições, a partir das quais consideram os assuntos de sua pesquisa" (p. 301).

Dessa maneira, Valsiner (2012) discute sentidos diversos para conceitos fundamentais no processo de investigação científica, relação de causalidade, experimentação, dados preexistentes e generalização, uma vez que na perspectiva da Psicologia Cultural que ele

defende, a generalidade emerge dentro de particularidades de significados e padrões de ação criados pelos seres humanos para enfrentar a indeterminação inerente ao futuro.

#### **4. PSICOLOGIA CULTURAL E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS**

Em seu livro: *Atos de significação* Bruner (1997) demonstrou que é a cultura e não a biologia o aspecto mais relevante para a vida e a mente humana. São as relações das pessoas com a cultura que possibilitam significados para suas ações, situando seus estados intencionais subjacentes, em um sistema interpretativo. A cultura faz isso impondo padrões inerentes aos seus sistemas simbólicos, sua linguagem e modos de discurso; suas formas de explicação lógica são narrativas, com padrões de dependência mútua da vida comum. Observa-se que os argumentos de Bruner (1997) são alternativos aos estudos cognitivistas que consideram os processos mentais humanos análogos aos padrões computacionais.

Dessa forma, Bruner (1997) apresentou o objeto da Psicologia Cultural: uma complexa questão do ‘si-mesmo’ (*Self*) até então posta de lado por ser considerada subjetiva para os procedimentos científicos clássicos. De acordo com esse autor, há várias indagações a respeito do ‘si-mesmo’ (*Self*): sobre a sua constituição (família e posses); sobre a relação com o *Outro* generalizado, através do diálogo; se ele seria conceitual, real ou ideal ou, ainda, se ele seria uma forma de estruturar nossa consciência e nossa identidade.

##### **4.1- ‘Si-mesmo’ (*Self*) como objeto de conhecimento: Foco no significado e suas aplicações em situações práticas**

A Psicologia Cultural ao colocar o problema do ‘si-mesmo’ (*Self*) como seu principal objeto de conhecimento impõe duas exigências. A primeira remete-se a importância do foco nos processos de significação, onde o ‘si-mesmo’ (*Self*) é definido tanto pelo indivíduo quanto pela cultura com quem ele se constitui. A segunda exigência traz a importância das práticas nas quais os significados do ‘si-mesmo’ (*Self*) são atingidos e colocados em uso, apresentando assim uma visão mais distribuída.

O foco nos significados reitera a dimensão histórica do ‘si-mesmo’ (*Self*) que institui realidades circunstanciais ainda que sujeitas à revisão. Isto é, nos processos de significação a pessoa revisa sua história a partir do momento que ela [a história] é contada, contribuindo para a concepção de um ‘si-mesmo’ (*Self*) que se distribui e é revisado historicamente. Para Bruner (1997, p. 96), “uma psicologia que nega questões históricas na sua explicação de

desenvolvimento psicológico perpetua uma tendência anticultural que criou grandes dificuldades para a psicologia contemporânea”. Na segunda exigência o autor destacou o uso prático dos significados, que se realizam através da manifestação de crenças, desejos ou razões sobre o ‘si-mesmo’ (*Self*). Segundo Bruner, para que o conceito do ‘si-mesmo’ (*Self*) seja efetivo na Psicologia Cultural deve-se especificar que ele é ação, revelação e discurso que cerca essa ação.

#### **4.2- Significado: tempo, história e interpretação**

Com esses pressupostos, a Psicologia Cultural se apresenta como uma perspectiva interpretativa dos fenômenos psicológicos, visto que ela procura as regras que os seres humanos usam para compreender a produção de significados em contextos culturais praticados no meio social, considerando a variação de pessoa para pessoa quanto a sua capacidade da ação.

Em uma investigação retrospectiva do conceito de ‘si-mesmo’ (*Self*), Bruner (1997) se utilizou do método da autobiografia que, segundo ele, relata “como o indivíduo pensa que fez, em que cenário, de que modo e por que razão fez. É uma narrativa que carrega passado e presente no seu contexto histórico-cultural” (BRUNER, 1997 p. 104). Essa definição salienta a idiosincrasia, como uma originalidade em relação ao culturalmente previsto e a função da narrativa na interação social. Ou seja, a narrativa lida com a ação e a intencionalidade humana, mediando o mundo previsto culturalmente com o mundo idiosincrático dos desejos, crenças e esperanças; o mundo do ‘si-mesmo’ (*Self*).

Dessa forma, a dimensão narrativa do pensamento abre a porta para o estudo dos significados humanos. No entanto, a construção de significados para as nossas experiências não se desliga dos significados culturais e históricos veiculados nas narrativas em que nascemos nos desenvolvemos e que ordenam as nossas relações, as nossas práticas e os contextos das nossas interações. Ou seja, a narrativa estrutura os significados da nossa vida numa estreita ligação com os significados sociais e culturais já estabelecidos historicamente.

#### **4.3- O pensamento como atividade narrativa**

Bruner (1997) argumentou que sempre se procurou entender a narrativa tentando-se compreender o seu significado, mas pouco se pesquisou sobre os processos de pensamento que engendram uma narrativa e como esta passa a ter significado. Essa tem sido uma tarefa

relativamente recente de muitos psicólogos cognitivistas e pesquisadores da área de linguagem.

Mas a maioria dos estudiosos, com exceção de Vigotski, demorou a dar-se conta do valor primordial da cultura na evolução do pensamento humano. A perspectiva sócio-histórica da teoria de Vigotski, no que diz respeito à atividade cognitiva, contempla a visão de que o comportamento humano só pode ser entendido quando se observam os fatores históricos e sociais que o geraram. Uma das consequências dessa abordagem é que, para Vigotski as dimensões cognitivas e afetivas são inseparáveis, pois são construídas com influências mútuas. Bruner, alinhado com essa perspectiva, relatou:

A implicação mais geral é a de que a cultura se encontra em um constante processo de ser recriada à medida que é interpretada e renegociada por seus membros. Neste ponto de vista, a cultura é tanto um fórum para negociação e renegociação de significado e para explicação da ação quanto um conjunto de regras ou especificações para a ação. De fato, toda cultura mantém instituições especializadas ou ocasiões para intensificação dessa característica 'semelhante a um foro'. Narração de histórias, teatro, ciência e mesmo jurisprudência são técnicas para a intensificação desta função - maneiras de explorar mundos possíveis a partir do contexto de necessidade imediata (BRUNER, 1997, p.99).

A atenção para a forma narrativa como forma de organização do pensamento e, sobretudo, para o papel constitutivo da cultura nessa organização, leva-o a formular um argumento, segundo ele próprio, bastante radical: "(...) *é o impulso para construir narrativas que determina a ordem de prioridade* na qual as formas gramaticais são dominadas pela criança pequena" (BRUNER, 1997, p. 103; grifo adicionado). A base para a sua argumentação encontra-se na seguinte questão: Se a ocorrência do pensamento narrativo é funcional no nível do discurso, o mesmo deve ocorrer com relação à apropriação das estruturas gramaticais por parte das crianças.

De acordo com seu raciocínio, a narrativa exerce uma função desencadeadora na aquisição da linguagem pela criança. O papel essencial da narrativa prosseguiria no decorrer de toda vida dos seres humanos, posto que é através da interpretação de narrativas que as pessoas agem e interagem. Para Bruner (1997, p 105), "Negociar e renegociar os significados por intermédio da interpretação narrativa é (...) um dos corolários das conquistas do desenvolvimento humano, no sentido ontogenético, cultural e filogenético desta expressão". Dessa forma, a constituição das culturas humanas foi possível porque dispomos de narrativas que servem para relacionar significados e ações. Segundo ele, "estar em uma cultura viável é estar inserido em um conjunto de histórias conectadas capazes de estabelecer vínculos mesmo que essas histórias não representem um consenso" (1997, p. 103).

#### 4.4 - História contada: as posições de protagonista e narrador

Uma vez que o pensamento tem a forma narrativa, então o estudo do ‘si-mesmo’ (*Self*) é rigorosamente interpretativo. Nessa abordagem, na forma como o indivíduo conta sua história voluntariamente, ele (o contador da história) não engendra uma construção livre da sua história; ele a delimita pelos eventos de uma vida e pelos requerimentos das histórias que ele esteja em vias de construir. Essa história em desenvolvimento, que assume formas muito mais variadas do que esperado, constituem-se como narrativas autobiográficas.

Segundo Bruner (1997), enquanto histórias do desenvolvimento e em desenvolvimento, as autobiografias espontâneas são constituídas por eventos, ocorrências, projetos que fazem parte de uma vida. Nesse sentido, as autobiografias compartilham uma característica universal: Os eventos históricos das narrativas fazem sentido no centro de cada relato onde se encontra um ‘si-mesmo’ (*Self*) protagonista em processo de construção; um agente ativo e experimentador.

Considerando essa característica universal das narrativas ele destacou que a “autobiografia é um relato apresentado no aqui e agora *por um narrador, a respeito de um protagonista* que leva seu nome que existiu no passado, relatado no presente, presumindo o futuro” (1997, p.115; grifo adicionado). A história narrada termina no tempo presente, quando o protagonista se funde com o narrador; quando quem conta a história se apresenta no tempo presente ao entrar em contato com a forma como é narrada sua história. Em síntese, o protagonista é o ator principal da história narrada, enquanto o narrador justifica sua história.

Os episódios narrativos que compõem essa história aderem à sequência e à justificativa apresentada pelo narrador. Dessa forma, a história é justificada pelo narrador; pela forma como ele revela e se comunica para apresentar o caminho específico ao qual está tomando. Assim, o ‘si-mesmo’ (*Self*), na posição de narrador, não apenas relata, mas justifica sua história; o si-mesmo (*Self*), na posição de protagonista está sempre apontando para o futuro, pois ele narra no presente o que viveu no passado e o que pressupõe viver no futuro.

Em outras palavras, nas autobiografias, o narrador relata sobre o que passou quase sempre abordado no tempo passado, mas, narrativamente, decide o que fazer do passado no próprio momento do relato (presente). Nesse processo, o papel do entrevistador dessas narrativas autobiográficas se torna parte da disseminação que distribui o ‘si-mesmo’ (*Self*) entre suas ocasiões de uso.

#### 4.5- A Função do entrevistador nas narrativas autobiográficas

O entrevistador é responsável pela organização e análise do como o narrador se utiliza da distribuição do 'si-mesmo' (*Self*) na sua narrativa. Na análise do discurso do narrador, o entrevistador se utiliza de pressuposições para explicar seu relato analisado. Bruner (1997) se apontou como entrevistador e descreveu um denso emaranhado de pressuposições acerca de autobiografias de pessoas entrevistadas por ele e por seus colegas. Esses pesquisadores e entrevistadores concentraram-se no estudo de uma família, para defender pressuposições de uma análise que não isola individualmente o narrador, mas inclui nessa análise aspectos da sua constituição social. Nessa conduta reafirmou-se que a narrativa não é apenas um enredo, uma fábula; mas um modo de contar história, um modo que destaca como o narrador e o protagonista estão envolvidos na narrativa.

Enquanto pesquisador, Bruner (1997) revelou como as experiências históricas intrapsíquicas são convertidas em significados, em linguagem, em narrativas e como encontram seu caminho para as mentes de homens e mulheres. Suas análises possibilitaram o conhecimento sobre o processo de conversão (transformação) de eventos históricos sociais em significados (em linguagem e narrativa) e traduzindo o mundo que os seres humanos experimentam nas suas relações com a cultura. Em face dessas transformações ele defendeu que uma Psicologia Cultural deve contemplar e não descartar essas questões, que devem ser do seu principal escopo.

Não se trata de negar a existência dos fatores biológicos, físicos e, até mesmo, de necessidades econômicas. Todavia para o autor, se a Psicologia Cultural insistir que a metodologia da causalidade, do que produz efeito, implicando-se a artificialização para isolamento de elementos em detrimento dos processos, ela não poderá capturar a riqueza social e pessoal das vidas constituídas na cultura, nem estudar sua profundidade histórica. Em sua opinião, está na dedicação à interpretação da profundidade histórica e social, a possibilidade da atribuição justa para ação da cultura sobre nossas experiências psicológicas.

#### **4.6- Narrativas autobiográficas de acordo com Bakhtin: As relações dialógicas entre autor e leitor**

As narrativas autobiográficas têm sido largamente estudadas, dado o grande número de produções e as diversas formas de apresentação desse gênero hoje consagrado. Bakhtin (2003), em sua abordagem filosófica destacou as relações dialógicas entre personagens, meio social e linguagem e, recusou a autoconsciência cartesiana. Para ele, a experiência de

alteridade, é fundamental para o sentido do discurso. Nesta razão dialógica, que vai de encontro à razão cartesiana, Bakhtin apontou a realização da enunciação que suporta a complexa função da linguagem como integradora do organismo e da cultura. Dessa condição constitutiva da linguagem e do discurso literário emergiram questões relevantes para a “lógica” do discurso bakhtiniano sobre a autobiografia.

Para este analista de textos literários, os discursos são fruto da interação; isto é, da participação simultânea de indivíduos, que, nesse contexto, são considerados interlocutores e não mais entidades isoladas. Para Bakhtin (2003), autor e leitor envolvidos no *pacto biográfico* não são sentimentos isolados, mas corpo e mentes atuantes e participantes de uma historicidade; isto é, afetam e são afetados por seus discursos e/ou discursos alheios. Essa relação pressupõe um desejo de ser habitado pela alteridade da linguagem, aspecto fundamental para a concretização de toda e qualquer interlocução. De fato, para Bakhtin, a autobiografia é o registro da afetividade, na qual a ideia de *auto-criação* não supõe autossuficiência, mas apropriação criativa do discurso do outro. Essa espécie de sintonia constitutiva entre interlocutores é o que determina o caráter polifônico da linguagem:

O autor da biografia é o outro possível, cujo domínio sobre mim na vida admito, com a maior boa vontade, que se encontra ao meu lado quando me olho no espelho, quando sonho com a glória, *quando reconstruo uma vida exterior para mim*; é o outro possível que penetrou em minha consciência e que com frequência me governa a conduta, o juízo de valor e que, na visão que tenho de mim, *vem colocar-se ao lado de meu eu-para-mim*. (...) é o outro com quem (...) posso viver, com toda espontaneidade-ingenuidade, uma vida movimentada e feliz. (BAKHTIN, 2003;166-167; grifo adicionado).

Assim, há na ação narrativa autobiográfica, segundo Bakhtin, uma confrontação entre interior e exterior: seja do escritor com o autor/narrador ou do leitor [entrevistador] com tais figuras [funções] da narrativa. Nessa perspectiva, os afetos (e a experiência de valor) determinam a aproximação que se tem do mundo possível veiculado na autobiografia, na sua confrontação com o mundo real. Para Bakhtin (2003) as vozes evocadas na interpretação estão justamente presentes na relação dialógica das várias consciências, sejam elas reais ou criadas.

A obra de Bakhtin fortalece os fundamentos da presente pesquisa, com uma reflexão sobre a biografia e a autobiografia como produções antigas cujo suporte narrativo é o indivíduo e sua memória. Nesse sentido, a memória, enquanto evocação do passado é exercida como fenômeno narrativo, onde a palavra “fenômeno ideológico por excelência [...] é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 1981, p. 36).

#### 4.7- Forças centrífugas e centrípetas operantes na narratividade

Um estado de confrontação, entre interno e externo, entre as dimensões social e pessoal é, como já mencionado, um princípio operante na narratividade. Esse estado de confrontação exerce uma tensão no processo de negociação de significados durante a atividade narrativa. No âmbito das análises de Bruner (2007) esse princípio operante que exerce tensão no processo de negociação de significados foi abordado a partir da dinâmica entre as posições de narrador e protagonista. No âmbito das análises de Bakhtin (2003), essa tensão foi remetida à dinâmica de forças centrífugas e centrípetas atuantes no cerne do funcionamento da linguagem e dos processos de significação, considerando-se a função de endereçamento e da atuação de vozes, como incorporação do discurso do outro. Para Bakhtin, estudar uma narrativa é estudar situações de tensão configuradas na apresentação do encontro psicossocial do eu com o outro, no 'si-mesmo' (*Self*). Essas tensões operam como forças antagônicas, centrípetas e centrífugas, dividindo os conflitos de vozes sociais, gerando relações conflitantes. Para ele, um indivíduo sempre encontra tanto espaço nas contradições das vozes sociais quanto estratégias para resistir à monologização.

Holanda (2016) também refletiu sobre as explicações de Bakhtin e observou que as forças centrípetas, ou seja, as forças de unificação e da centralização são também atravessadas por enunciados que procuram se afastar das vozes dominantes, provocando um movimento de descentralização (forças centrífugas). Reafirmando apontamentos de Bakhtin sobre a tensão no interior das narrativas esse autor declarou que “toda a palavra é sempre réplica à palavra de outrem e assume significação a partir dessa orientação exterior. Ele [Bakhtin] ressalta o aspecto de um campo de batalha, assim os discursos não são neutros, mas estão submetidos a certas regras sociais” (HOLANDA, 2016; pág. 55).

Dessa forma, os discursos movimentam-se gerando as forças centrípetas e centrífugas em uma batalha discursiva, cujas relações reinscrevem-se na linguagem. Sobre esse funcionamento, Elichirigoity (2008, p. 181) destacou em seu texto: “Mas o que torna diferente as diferenças? Essa questão dos filósofos modernos também preocupa Bakhtin e ele se concentra na possibilidade de abranger diferenças numa simultaneidade”.

Em resumo, Bakhtin (2003) revelou que forças interativas antagônicas operam como tensão na forma narrativa da linguagem e nas produções discursivas, aspecto que outros autores, filiados a uma perspectiva estruturalista e mais tradicional da linguística excluíram de suas análises. As considerações de Bakhtin para essas forças possibilitaram um olhar para aspectos que podem ser definidos como extralinguísticos, mas que estão definitivamente

implicados nas produções discursivas como, por exemplo, a necessidade de estabilidade das sociedades ser conciliada com sua necessidade de adaptar-se a novas condições históricas, ou de um texto ser diferente em contexto diferente, ou, ainda, da possibilidade de incorporação de tanta coisa que é compartilhada com outros à experiência individual de ‘si mesmo’ (*Self*).

## **5. ATUALIDADES: PESQUISAS QUE SE UTILIZAM DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS**

As narrativas autobiográficas têm sido estudadas, dado as diversas formas de apresentação desse gênero que é hoje bem reconhecido. Discute-se, a seguir, sobre as metodologias desenhadas e os conceitos relevados em pesquisas recentes, voltadas para a análise de fenômenos configurados nas narrativas autobiográficas.

Germano (2009) analisou as narrativas autobiográficas de três mulheres de uma comunidade pobre próxima a Fortaleza/CE. A pesquisa foi intitulada como *Experiência, Memória e Sofrimento em Narrativas Autobiográficas de Mulheres* e teve como objetivo compreender o modo como essas mulheres produziam sentidos sobre ‘si mesmo’ (*Self*) durante a construção de enredos. Com esse objetivo o autor observou o modo como as narradoras formatavam os eventos que protagonizaram ou dos quais tomaram conhecimento e que julgavam mais dignos de menção ou mais adequados à expressão de ‘si mesmo’ (*Self*). Esta pesquisa partiu do pressuposto de que a forma narrativa de linguagem fornece uma estrutura que permite a pessoa conferir sentido às experiências pessoais e coletivas, incluindo a ideia que faz sobre si mesma (*Self*) ao longo da vida. Para o autor, as narrativas ordenam o vivido, construindo as regras que organizam a memória do passado e orientam tanto a consciência atual do narrador quanto a sua ação futura.

A narrativa autobiográfica foi o principal conceito trabalhado nessa pesquisa que se alinhou com estudiosos de vários campos de estudo que compartilham a compreensão de que as narrativas constituem-se como princípio organizador das ações humanas (Bruner, 1994, 1997, 1998; Polkinghorne, 1988; Ricoeur, 1996; Sarbin, 1986). Bruner (apud GERMANO, 2009) declarou que o pensamento e o texto narrativo apresentam características que permitem aos seres humanos lidar com a heterogeneidade dos mundos sociais e da experiência temporal, revela na sequencialidade dos eventos narrados. Para Sarbin (apud GERMANO, 2009), “os seres humanos pensam, percebem, imaginam e fazem escolhas morais de acordo com estruturas narrativas” (p.08). Nessa perspectiva, a memória é um processo dinâmico e contínuo de construção e reconstrução do tempo, que envolve o trabalho de interpretação e

imaginação (BROCKMEIER, 2002). Para Brockmeier (apud GERMANO, 2009), a forma narrativa modela as mais complexas construções humanas relativas ao tempo, entre as quais se incluem as “sínteses temporais” que as pessoas criam para dar sentido às suas vidas e à diversidade de suas experiências presentes, passadas e futuras no curso de sua existência.

Foi na perspectiva da Psicologia Cultural que Germano (2009), o autor da pesquisa supracitada examinou as autobiografias dessas três mulheres. Seu propósito foi examinar os vínculos entre narrativa, memória e experiência de ‘si mesmo’ (experiências do *Self*), tais como se apresentaram nos enredos construídos por essas mulheres em situação de entrevista. Nesse exame, ele destacou que a história autobiográfica dessas mulheres mostrou-se uma expressão simultaneamente singular e coletiva; uma experiência íntima e social. Nesse sentido, a história autobiográfica se remete aos problemas do discurso, em particular às suas condições de produção, dado que o falante ocupa certo tempo histórico e certo contexto sociocultural e esses “lugares” condicionam a sua atividade discursiva em busca de seus sentidos distintos e únicos.

Com o propósito de se destacar uma perspectiva social da análise de narrativas foi difundida nesta pesquisa a técnica da Entrevista Narrativa (E.N.), sistematizada por Schütze (apud GERMANO 2009), onde se focalizou a reconstituição da relação entre processos biográficos individuais e mecanismos coletivos. Esta técnica objetivou a revelação de estruturas de processos pessoais e sociais na ação narrativa, como também possíveis recursos de enfrentamento ao sofrimento e à mudança.

Para Schütze (apud GERMANO 2009), a E.N. encoraja o entrevistado a contar espontaneamente algum acontecimento importante de sua vida ou mesmo toda a sua história, até que ele mesmo indique que finalizou sua narrativa. Na primeira narração evitam-se as interrupções ao narrador em seu processo de criação do enredo, de modo a acompanhar a versão livre ou improvisada de seu relato. A situação encorajadora inicial pode ser a sugestão de um tema ou mesmo uma pergunta geral: “Gostaria de conhecer um pouco da sua vida. Se você pudesse me contar a história da sua vida, por onde começaria?”. Após a primeira narração desliga-se o gravador e perguntas são endereçadas ao entrevistado visando esclarecimentos sobre o conteúdo relatado, especialmente alusões, ambiguidades, lacunas e passagens inverossímeis.

Na pesquisa realizada por Germano (2009), também se fizeram perguntas de cunho descritivo sobre situações, pessoas, hábitos, instituições e outros elementos suscitados no relato do informante. Por fim, o pesquisador fez perguntas teóricas sobre a forma de pensar do narrador. Ao longo de todo o relato as pistas sobre como o informante teoriza acerca do

mundo e de suas próprias ações figuram usualmente nos comentários argumentativos; isto é, enunciados que veiculam o universo simbólico do ator social (valores, juízos, generalizações, teorias, etc.). Nesse momento se abordava as razões porque os episódios aconteceram do modo como o narrador contou ou por que o narrador tomou as decisões que tomou.

As entrevistas foram transcritas e analisadas em seus aspectos referenciais (conteúdo) e textuais (estrutura), de modo a observar os temas mais significativos nas trajetórias de vida estudadas, bem como a forma como são construídos os enredos; isto é, como essas mulheres ordenaram e explicaram os episódios e acontecimentos da sua vida ao longo da narrativa. A análise das narrativas abarcou elementos usualmente estudados no espaço-tempo das personagens, nas funções e lógica narrativa que mereceram atenção particular nas histórias contadas. Considerando também as questões já apresentadas sobre os efeitos da interação entre o falante e o ouvinte, também foram observados os sentidos condicionados pela situação de entrevista. Em síntese, os procedimentos adotados na análise dos dados foram: 1. Transcrição das Entrevistas Narrativas (E.N); 2. Tratamento do material: a) Identificação da sequência de ações; b) Identificação dos núcleos narrativos (redução da história em unidades significativas); c) Classificação das funções narrativas. 3. Análise das personagens; 4. Análise do espaço e do ambiente; 5. Análise do tempo da narrativa; 6. Tratamento do material não indexado 7. Reconstrução do enredo ou intriga de cada E.N.; 8. Comparação das narrativas individuais e identificação de uma narrativa coletiva ideal-típica no contexto de vida das mulheres da comunidade.

Os resultados partiram da premissa de que as autobiografias são estudadas em seus elementos referenciais (“o que elas contam”), textuais (“como” elas contam) e performativos (o que os narradores “fazem” ao contar para outra pessoa sua história). Para o autor da pesquisa, no aspecto referencial, as histórias comunicam a trajetória de sofrimento precoce e contínuo, associada às condições de classe social (pobreza e trabalho precarizado), de gênero (vulnerabilidade da mulher, especialmente na relação conjugal) e questões geracionais (a difícil educação dos filhos). Em termos textuais, as histórias tendem a explorar os momentos regressivos (Gergen & Gergen, 1986; apud GERMANO 2009). No aspecto performativo, as narradoras fazem uso terapêutico da entrevista, solicitando apoio e reivindicando retoricamente uma imagem positiva para ‘si mesmo’ (para *o Self*) a partir da polaridade “frágil-forte”. De acordo com o autor da pesquisa,

O relato autobiográfico inscreve a vida íntima na história social e cultural, pois ao narrar a própria história, instaura-se um campo de negociação e reinvenção identitária onde a narradora tem a liberdade de dispor de um repertório de episódios,

cenários, personagens e paisagens afetivas a ser configurado e comunicado a outrem (GERMANO, 2009, p 10).

Nos resultados dessa análise, a história individual não reproduziu a história coletiva, mas criou um campo de possibilidades onde as mulheres puderam afirmar sua singularidade ao dizer-se de outro modo e imaginar outros horizontes para sua existência. Sobre a participação do entrevistador, Germano (2009) relatou que o papel de ouvir é tarefa delicada e particularmente importante nos dias atuais. O autor declarou ainda que não há formas para assegurar a validade da interpretação da narrativa autobiográfica, já que o discurso do narrador se constrói “em movimento”, no instável espaço intersubjetivo da situação comunicativa.

Serpa (2008) também se utilizou da narrativa biográfica como desenho metodológico. A sua pesquisa teve como título “Narrativas Autobiográficas de Jovens em Conflito com a Lei”. Os participantes foram oito rapazes em cumprimento de medidas socioeducativas. Serpa (2008) orientou sua pesquisa narrativo-discursiva com contribuições de Bruner, Kenneth Gergen e Mary Gergen sobre a modelação da narrativa do *Self*. Nesta pesquisa o autor também se utilizou da técnica de E.N para analisar como jovens cumprindo medidas socioeducativas relatavam sua trajetória de vida até o presente com foco na estruturação narrativa das histórias contadas.

Em seus pressupostos teóricos, Serpa (2008) destacou o conceito de narrativa de Sarbin (1986) que apontou para a centralidade do evento histórico na ação e inteligibilidade humanas. Para Sarbin (apud SERPA 2008) a narrativa é um ato dramático e dinâmico que sugere que o real se configura como uma teia de múltiplos eventos interconectados e influenciados pelas ações de vários agentes que buscam satisfazer suas necessidades e metas. Crossley (apud SERPA 2008) destaca que “a perspectiva narrativo-discursiva filia-se ao paradigma do construcionismo social e é proposta como um desafio a abordagens em psicologia social que tendem a minimizar a estruturação linguística e cultural da experiência individual e coletiva” (SERPA, 2008, p. 02).

Serpa (2013) também referencia as ideias de K. Gergen e M. Gergen (1986; 2001) sobre o sentido de movimento, ou de direção da narrativa no tempo. Nessa referência ele destacou que a narrativa é um artifício linguístico construído e reconstruído pelas pessoas nos relacionamentos e funcionam como histórias que são sistemas simbólicos usados para propósitos sociais tais como justificação, crítica e solidificação social.

Serpa (2008) e M. Gergen e K. Gergen (1986; 2001) distinguem três formas de narrativas: A narrativa progressiva (quando eventos estão articulados de forma que alguém,

constantemente, progride em direção a uma meta); a narrativa regressiva (relatos nos quais alguém se afasta continuamente da meta ou condição valorizada); narrativa de estabilidade (quando a sequência de eventos é articulada de modo que o protagonista permanece basicamente sem alteração em termos avaliativos).

Serpa (2008) também referencia as ideias de Bruner para destacar que na produção e recepção de histórias parecem configurar fenômenos transculturais, cuja competência é adquirida cedo na infância e permite a criança partilhar os sentidos expostos em sua cultura, interpretar o mundo e agir sobre ele.

Os dados de Serpa (2008) foram analisados através da separação do material (temáticas relatadas nas entrevistas) e comparação dos relatos autobiográficos. Nos resultados observou-se que as narrativas autobiográficas são transacionais e estreitamente dependentes dos contextos da enunciação, servindo tanto as funções sociais gerais quanto as localizadas, envolvidas nas interações imediatas. Dessa forma encontrou-se nessa pesquisa pontos de diálogos que permitiram refinar a sensibilidade do psicólogo em sua tarefa de compreender o processo escorregadio com que as pessoas dão sentido para ‘si mesmo’ (sentido para o *Self*) e ao seu mundo.

Resume-se, então, que nas duas pesquisas, as narrativas se consolidam na arena social. A adoção e manutenção de qualquer forma narrativa dependem da habilidade do indivíduo para negociar sua versão e avaliação, processo realizado em grande parte de modo antecipado. Revisitando as palavras de Bruner “Ao contar a sua história, o indivíduo geralmente modela e organiza seu relato de acordo com as convenções publicamente aceitáveis” (BRUNER, 1997, p. 66).

Considerando-se a complexidade com que se configura a relação entre a forma narrativa da linguagem e o funcionamento psicológico humano defende-se aqui o aprofundamento do conhecimento sobre *como o ser humano constrói suas experiências de modo narrativo* e lhes atribui significados. Concorde-se que para esse aprofundamento pode-se fomentar narrativas autobiográficas nos mais diferentes cenários culturais. Nessa perspectiva propõe-se aqui que essas narrativas estejam relacionadas com as experiências de pessoas que compõem a PSR. O aspecto teórico metodológico que se destaca nessa investigação é sobre o papel do tempo na negociação e organização de significados para a experiência do *Self*, narrativamente constituído.

## 6. METODOLOGIA

## 6.1-Tipo da pesquisa

Nesta investigação o pesquisador assumiu características de sua visão idiográfica de mundo. Com essa atitude os procedimentos aqui utilizados se afastaram da busca por relação de causalidade linear para produção de conhecimento científico, para relevar o turno interpretativo nessa produção. Defende-se que considerar o turno interpretativo para produção de informações científicas significa ser coerente com a manifestação natural dos fenômenos objetivados na investigação, que nessa condição estão sempre enraizados em uma rede complexa de interdependências. Para reforçar essa coerência, essa pesquisa também foi orientada por princípios do *ciclo metodológico* descrito por Valsiner (2012). Para Valsiner, “os métodos e os dados *são construídos pelo pesquisador* com base na estrutura específica do processo cíclico de construção do conhecimento geral” (2012, p. 302, grifo adicionado). Isto é, nesse ciclo sustenta-se um diálogo profundo entre observações empíricas, reflexões sobre teorias e as experiências intuitivas, indutivas e dedutivas do pesquisador.

Assim, durante toda a investigação fomentaram-se interpretações acerca dos objetos investigados, que neste caso foram: os processos na organização do ‘si mesmo’ (Self) de pessoas em situação de rua, configurados em suas narrativas autobiográficas, focalizando-se, principalmente, o papel do tempo para essa organização, a partir do seu impacto na negociação de significados nas narrativas. O outro objeto de estudo nessa pesquisa, foi o potencial dessas narrativas, enquanto instrumento teórico-metodológico para estudar os processos psicológicos humanos.

Considerando esses pressupostos, o tipo de pesquisa adotado aqui foi o estudo de casos. Escolheu-se o estudo de casos, uma vez que este tipo de pesquisa possibilita conhecer situações específicas, abrindo a oportunidade para que um aspecto de um problema seja estudado em profundidade dentro de um período de tempo limitado.

## 6.2- Participantes

Participaram dessa pesquisa dois adultos do sexo masculino, identificados como PSR. Esses adultos eram atendidos por um programa municipal de acolhimento provisório voltado para a PSR.

A participação desses adultos na pesquisa foi confirmada através da autorização do Comitê de Ética para realização desta pesquisa e pela sua assinatura dos respectivos participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. É importante ressaltar

que antes das assinaturas do TCLE, os participantes receberam explicações e esclarecimentos sobre o estudo para que pudessem decidir voluntariamente sobre sua participação ou não nesta pesquisa.

### **6.3- Local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada no Serviço de Acolhimento Institucional para Jovens e Adultos em Situação de Rua Profº Manoel Coelho Neto, situado no bairro Poço da cidade de Maceió/AL. Trata-se de um serviço de acolhimento institucional vinculado aos Serviços de Proteção Especial – Alta Complexidade da Secretaria Municipal de Assistência Social. Este serviço é um espaço de acolhimento provisório, previsto para PSR, desabrigados por abandono, migração e ausência de residência ou pessoas em trânsito e sem condições de autossustento. O atendimento na unidade institucional oferece acolhimento imediato e emergencial, com profissionais preparados para receber os usuários em qualquer horário do dia ou da noite, enquanto se realiza um estudo diagnóstico detalhado de cada situação, para os encaminhamentos necessários.

### **6.4- Procedimentos para construção das narrativas autobiográficas**

O material empírico para esta pesquisa foram narrativas autobiográficas de pessoas que frequentam o referido programa municipal de acolhimento provisório. Para fomentar essas narrativas, foram realizadas entrevistas narrativas que, segundo Flick (2007, p. 31) “enfocam as experiências biográficas e, através da análise das narrativas, pode-se estudar tópicos e contextos mais amplos”. Procedeu-se, então as orientações desse pesquisador sobre as entrevistas episódicas. De acordo com ele, entrevistas episódicas têm como característica principal “a suposição de que as experiências que um sujeito adquire sobre um determinado domínio sejam armazenadas e sejam lembradas nas formas de conhecimento narrativo-episódico” (FLICK, 2007, p. 172). Nessa perspectiva, considerou-se que esse método foi apropriado para este estudo, uma vez que foi solicitado aos participantes da pesquisa que eles falassem a partir do dia em que foram morar nas ruas. Além disso, optou-se pelas narrativas episódicas, por que suas características asseguraram aos participantes diferentes possibilidades para reorganizar pensamentos, experiências e informações, considerando-se o nosso investimento, como já se pontuou em momentos anteriores, nas suas experiências de risco, vulnerabilidade e fragmentação do *Self*, como possibilidade para a intensificação de

situações de negociação de significados nas suas narrativas. Foram realizadas nove entrevistas: três no tempo passado, três no presente e três no futuro, para cada participante. O detalhamento dos procedimentos para o controle do tempo durante as entrevistas episódicas está descrito a seguir.

#### **6.4.1- Entrevistas episódicas com os participantes**

As entrevistas foram realizadas nos dias de atendimento dos adultos participantes no serviço municipal de acolhimento provisório, com intervalos de sete dias entre uma e a outra. Para incentivar as narrativas foi realizada uma “pergunta gerativa de narrativa” (FLICK, 2007, p. 173). A partir dessa pergunta gerativa, o pesquisador esteve atento para providenciar outras perguntas circunstanciais, alinhadas com o desenvolvimento do conteúdo das narrativas dos adultos durante as entrevistas. No entanto, um padrão comportamental foi assumido pelo pesquisador no momento da manifestação dessas perguntas circunstanciais: as perguntas preservaram o tempo da pergunta gerativa (passado, presente e futuro). Dessa forma, durante as três entrevistas no tempo passado, as perguntas circunstanciais que o pesquisador manifestou foram sempre no tempo passado. Da mesma forma procedeu-se quando as entrevistas foram no tempo presente e no futuro.

Julgou-se necessário incluir no desenho metodológico da investigação, situações que estimulassem aos participantes a reflexão sobre o tempo de suas experiências narradas, considerando-se que a análise da organização das experiências de ‘si mesmo’ (Self) seriam conduzidas tomando-se o papel do tempo, como parâmetro para negociação dos significados nas narrativas.

Nesta pesquisa, a pergunta gerativa foi apresentada na entrevista inicial da seguinte forma: *O que fez você ir morar nas ruas?* A narrativa da primeira entrevista foi transcrita e, posteriormente modelada no formato de uma história, retirando-se as falas do pesquisador e procedendo-se pequenos ajustes na coesão do texto. Desse procedimento foi estruturada uma nova pergunta gerativa derivada das informações apresentadas pelo entrevistado na sua narrativa (história). Essa história (que corresponde a organização do texto transcrito da primeira narrativa) e uma segunda pergunta gerativa foi o material para introduzir a segunda entrevista. Esse procedimento foi realizado para as nove entrevistas planejadas para essa pesquisa.

No encaminhamento desses procedimentos, realizaram-se, então, três entrevistas no tempo passado, três no tempo presente e três no tempo futuro (com três histórias e três

perguntas gerativas correspondentes). A variação do tempo (passado, presente e futuro) das perguntas gerativas foi uma estratégia metodológica para controlar o *tempo* das experiências enquanto parâmetro fundamental para a organização dos significados na narrativa.

Esses procedimentos totalizaram 18 entrevistas (9 para cada participante), que foram gravadas em áudio com equipamento adequado e com o consentimento prévio dos participantes. Considerando-se que nesse estudo se realizou uma sequência de entrevistas, acreditou-se que dessa forma, se assegurou aos participantes uma possibilidade para relacionarem entrevistas posteriores com as anteriores.

#### 6.4.2- Procedimentos para análise das narrativas autobiográficas

As narrativas foram analisadas considerando-se dois parâmetros fundamentais, alinhados com aspectos que vinculam a forma narrativa de linguagem e o funcionamento psicológico, discutidos nos pressupostos teórico-metodológicos da presente pesquisa: 1) processos de negociação de significados das experiências dos participantes de acordo com os três tempos analisados (passado, presente e futuro) e, com relacionado com esse parâmetro, 2) a dinâmica entre as posições de narrador e protagonista (Bruner, 1997) e entre as forças centrípetas e centrífugas (Bakhtin, 2003), considerando-se essa dinâmica constitutiva da negociação de significados e organização das experiências de ‘si mesmo’ (Self);

Para esclarecimento, significados nessa análise foram concebidos como processo e não como estrutura estável. Nessa perspectiva, para capturar do processo de negociação de significados, foi procedida uma decomposição das narrativas em unidades temáticas considerando-se as discussões de Bakhtin (1988) acerca da relação entre tema, significação e sentido, onde ele denominou de *tema* “o sentido e a expressão de uma situação histórica concreta que dá origem a uma enunciação” (1988, p. 128). O tema, nesse pensamento é “o sentido da enunciação completa” (p. 128). Definido dessa forma, o tema inclui formas linguísticas e elementos não verbais da situação (como por exemplo, a avaliação do narrador sobre suas experiências históricas). Além disso, Bakhtin (1988) observou também que, embora alguns temas sejam reconhecidos, a noção de início e fim não é precisa, pois “*o tema da enunciação é na essência irreduzível a análise*” (p. 129, grifo adicionando).

Em resumo, para a análise da negociação de significados, enquanto processo para organização narrativa do ‘si mesmo’ (*Self*) procedemos ao seguinte encaminhamento: 1) destacamos as posições do ‘si mesmo’ (*Self*), se protagonista ou narrador, dentro de cada unidade temática e 2) agregamos às posições de narrador e protagonista, uma discussão sobre

a dinâmica de forças centrípetas e centrífugas, enquanto movimentos do ‘si mesmo’ (Self), para conservar (narrador) ou para inovar (protagonista) aspectos de suas experiências históricas (no tempo) narradas. No detalhamento a seguir, apresentam-se todas as etapas cumpridas para esse encaminhamento:

6.4.2.1- *Leitura geral das narrativas autobiográficas:* As narrativas foram transcritas e depois lidas e relidas, várias vezes, pela pesquisadora, com o objetivo de familiarização e apropriação do seu conteúdo.

6.4.2.2- *Definição de critérios para segmentação das unidades temáticas:* Para segmentação das unidades temáticas utilizamos dois critérios:

1) Frequência de palavras repetidas: Durante a leitura das entrevistas observou-se nas narrativas situações em que determinadas palavras foram repetidas frequentemente. A repetição dessas palavras foi tomada como um parâmetro para segmentar a unidade temática, como se ilustra no exemplo: “*Foi quando fui para a cadeia quando ‘tive’ briga com a mulher. Acabei parando na cadeia. Aí por causa dessa briga com a mulher eu fui parar na cadeia”* (a repetição de palavra *Cadeia* fundamentou, então, a definição da unidade temática como cadeia).

2) Relação tema, sentido e significado (Bakhtin, 1988): A partir das discussões de Bakhtin sobre essa relação, observou-se que não a frequência de repetição da palavra não era suficiente para contemplar a configuração diversa dos temas. Nas narrativas autobiográficas aqui estudadas, foram configuradas situações em que um mesmo sentido foi sinalizado através do uso de palavras diferentes. Isto é, os participantes, narrativamente, remeteram-se a informações semelhantes por meio de palavras sinônimas. Essas situações podem ser ilustradas com o exemplo: “*O que me fez ir morar na rua foi a bebida e a maconha também”*. Nesse caso, a unidade temática foi denominada como *drogas*.

6.4.2.3- *Análise da dinâmica de posicionamento do ‘si mesmo’ (Self) nas narrativas autobiográficas: Posição de narrador e protagonista:* De acordo com Bruner (1997) os eventos históricos das narrativas autobiográficas fazem sentido no centro de cada relato onde se encontra um ‘si-mesmo’, a partir de posicionamentos como protagonista ou como narrador.

Em síntese, para Bruner, *o protagonista é o ator principal da história narrada*, enquanto *o narrador justifica sua história*. Trata-se de duas posições em que ‘si mesmo’ (*Self*) se utiliza para regular e organizar suas experiências. Na presente análise, assumiu-se a caracterização de Bruner (1997) para a dinâmica de posições do ‘si mesmo’ (*Self*), de narrador e de protagonista, nas narrativas autobiográficas. Essas posições foram marcadas dentro das unidades temáticas, descritas no item anterior.

A posição de narrador foi marcada, dentro das unidades temáticas observando-se a presença de justificativas agregadas ao resgate de memórias (experiências passadas). Isto é, na posição de narrador, destacou-se o direcionamento dos sentidos às suas experiências narradas para o passado. Nessa posição, a justificativa do narrador para as experiências passadas foi uma atualização dessas experiências no presente. A presença de justificativas indicou a decisão do entrevistado sobre o que pode fazer com os significados para experiências passadas durante a narrativa. O exemplo abaixo foi recortado das narrativas analisadas e ilustram esse processo:

Exemplo 1 - *“Agora, novo eu tinha a cabeça quente. Qualquer coisa que eu fazia o estopim acendia e a bomba estourava. Aí pronto, era por isso que eu arrumava briga, arrumava problema”* (entrevista tempo passado).

Neste exemplo 1, observou-se que o entrevistado se remeteu às suas experiências passadas e agregou ao seu resgate da lembrança uma justificativa “era por isso que eu arrumava briga”. De acordo com Bruner (1997) essa relação da posição de narrador com as justificativas é típica das narrativas autobiográficas.

A posição de protagonista foi marcada em situações quando o entrevistado avaliou suas experiências, destacando-se nessas situações, o direcionamento dos sentidos por ele atribuído para as suas experiências narradas para o futuro. No momento em que avaliou, o entrevistado agregou características novas as suas experiências. Esse aspecto novo esteve relacionado com o seu olhar para o futuro. O exemplo abaixo ilustra esse funcionamento.

Exemplo 2 - *“Assim, eu tendo minha casinha eu vou ‘tá’ no que é meu. Vou viver a minha vida, vou reconstruir minha vida, continuar pra frente”* (entrevista no tempo futuro).

Nesta situação indicada no exemplo 2, a posição de protagonista foi marcada observando-se que o entrevistado se referiu a experiências futuras “*eu vou viver a minha vida, vou reconstruir a minha vida...*”. Ele antecipou o futuro de suas experiências agregando avaliação às suas experiências ‘*continuar pra frente*’.

*6.4.2.4- Diagramação das narrativas:* Nesta pesquisa os procedimentos até agora descritos foram aplicados às 18 narrativas autobiográficas analisadas. Os resultados dessa aplicação foram diagramados; isto é, as etapas analíticas aplicadas às narrativas, com a finalidade de explicar *como* a organização das experiências do ‘si mesmo’ (*Self*) refletiram processos de negociação de significados nas narrativas, foram organizadas em quadros. Os quadros possuem três colunas que identificam as unidades temáticas e as posições do *Self*. Uma coluna para observação foi preservada para situações não previstas. A forma como esses quadros foram elaborados e apresentados foi intencionada para possibilitar a visualização do esquema sequencial de aplicação dos procedimentos. Nesses quadros, assegurou-se a visualização dos posicionamentos de ‘si mesmo’ (*Self*) – como narrador ou como protagonista - relacionados com as unidades temáticas que, por sua vez, foram possíveis de serem analisadas, quanto à diversidade e frequência, em ampla correlação com o tempo narrativo (passado, presente e futuro) das experiências dos entrevistados. Nos quadros as posições do ‘si mesmo’ (*Self*) foram sinalizadas por cores: **vermelho** representa a posição de protagonista; **azul** que representa a posição de narrador e o **verde** que representa a posição indefinida. As palavras nucleares das quais se derivaram as unidades temáticas foram sublinhadas nestas diagramações para dar mais visibilidade na compreensão da narrativa.

*6.4.2.5- Levantamento de frequência:* Após a etapa de diagramação foi realizado um levantamento da frequência de ocorrência das situações diagramadas. Esse levantamento foi organizado em quadros, onde é possível observar as frequências relacionadas com as categorias: unidades temáticas, posição de narrador e protagonista e tempo da narrativa.

*6.4.2.6- Análise narrativa do pesquisador:* A última fase desse estudo foi destinada para uma articulação entre as informações derivadas das diferentes etapas dos procedimentos para contemplar os objetivos de: a) destacar a dinâmica de forças centrípeta e centrífuga na negociação dos significados, relacionando-a com as posições de narrador e protagonista; b) considerar essas explicações sobre essa dinâmica para discutir o papel do tempo na organização das experiências de ‘si mesmo’ (*Self*) de pessoas em situação de rua, refletindo a

distribuição das unidades temáticas de acordo com o tempo das experiências (passado, presente e futuro) e, por último, c) apresentar uma avaliação desta pesquisa com relação ao potencial das narrativas autobiográficas para o estudo de processos psicológicos humanos.

## 7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Selecionaram-se seis entrevistas (do total de 18) para serem exploradas na apresentação desses resultados (as 18 entrevistas podem ser encontradas, na íntegra, nos anexos 1 e 2 deste trabalho). No esquema para essa apresentação definiu-se três entrevistas para cada participante, sendo uma no passado, uma no presente e uma no futuro. Na apresentação, os participantes serão diferenciados por iniciais, fictícias. Nesse esquema também foi incluído o levantamento das frequências das situações analisadas. O quadro de levantamento apresentado corresponde ao total das nove entrevistas de cada participante da pesquisa. Esse esquema de apresentação pode ser conferido a seguir:

### 7.1 Entrevistado J.C.D.

QUADRO 1 - Narrativa 1 (Passado)

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Drogas	O que me fez ir morar na rua foi a <u>bebida</u> e a <u>maconha</u> também.	
Família	Essas coisas aí. Me envolvia em muitos problemas e compliquei muito a minha <u>família</u> . Aí resolvi largar minha <u>família</u> de mão e ir embora para bem longe. <b>E agora é que eu “tô” voltando pra cá, pra Maceió.</b>	
Mudança	Passei doze anos <u>longe</u> daqui, só que eu já havia ido pra rua aqui porque aqui mesmo eu já “tava” na rua. Não foi só quando eu <u>saí</u> daqui não. Aqui mesmo eu já vivia na rua.	
Família	Eu brigava com a minha <u>família</u> e “ia” pra rua.	
Mudança	Aí eu fui pra <u>longe</u> e fiquei <u>andando</u> por aí. Num <u>estado</u> e outro. “Tive” em <u>São Paulo</u> , “tive” em <u>Minas Gerais</u> , “tive” na <u>Bahia</u> , um <u>bocado</u> de estado aí, um <u>bocado</u> de cidade.	
Família	Então larguei minha <u>família</u> porque eu me envolvi com bebida e com droga. Aí resolvi largar minha <u>família</u> para evitar problema pra <u>eles</u> , só isso aí.	
Mudança	Então nesses doze anos fui para <u>São Paulo</u> , <u>Minas</u> , <u>Bahia</u> , <u>Mato Grosso do Sul</u> , em vários estados. Agora todos em situação de rua também.	

Drogas	Eu “ia” para albergue, consegui casa também, consegui mulher, mas não deu certo porque a mulher era usuária de <u>droga</u> também e “tive” vários problemas. Aí foi quando consegui parar de <u>beber</u> .	
Cadeia	Foi quando fui para a <u>cadeia</u> quando “tive” briga com a mulher. Acabei parando na <u>cadeia</u> . Aí por causa dessa briga com a mulher eu fui parar na <u>cadeia</u> .	
Drogas	<b>Eu parei de <u>beber</u>, já “tava” uns cinco anos e alguns dias que eu parei de <u>beber</u>.</b>	
Mulheres	Havia a <u>mãe dos meus filhos</u> que mora em Anadia. Ali eu levei uma “gaia”, aí eu resolvi largar. Eu resolvi largar porque não adianta brigar, nem nada. <u>Ela</u> também não me agrediu, nem nada. E <u>essa segunda, essa outra</u> , foi porque <u>ela</u> me agrediu e eu retribuí a agressão dela.	
Cadeia	Aí deu no que deu, fui parar na <u>cadeia</u> . Passei um ano e mais uns meses <u>preso</u> .	
Drogas	Aí esse tempo todinho parei de <u>beber</u> . Lá dentro tinha <u>cachaça</u> , mas não queria <u>beber</u> . Aí resolvi que iria parar de <u>beber</u> e até hoje não “tô” <u>bebendo</u> mais, nem uso <u>droga</u> . Usei lá dentro da cadeia <u>maconha</u> ainda, mas agora não uso. Desde menino usando, desde menino <u>bebendo</u> , não dá nem vontade mais. <b>E quando dá vontade eu passo por cima dessa vontade. Eu me controlei e até hoje “tô” me controlando. Espero que me controle mais ainda pra ver se saio <u>dessa</u>.</b>	
Família	Já que eu procurei mudar, minha <u>família</u> não acredita mais em mim né?! Aí meu <u>irmão</u> não veio aqui. Nunca que <u>ele</u> veio aqui me olhar pra saber: “ô miserável, você tá bem?” (risos). Nunca! <b>Até hoje eu “tô” aqui e <u>ele</u> não veio ainda.</b>	
Drogas	E eu penso em ir lá em cima, mas lá em cima “tive” problema por causa da <u>bebida</u> . “Tive” problema por causa da <u>bebida</u> , “tive” briga. Esses problemas aí com pagamento da <u>bebida</u> e não posso andar pra lá assim de bobeira.	
Família	<b>Porque meu <u>irmão</u> tem medo que os “cabra” vai e se vinga da <u>família</u> dele por causa de mim. Aí eu também não vou lá para evitar preocupação pra <u>ele</u>. Aí eu “tô” aqui esperando que <u>ele</u> apareça pra poder a gente conversar, se ele aparecer né? Não sei se <u>ele</u> vai aparecer. Eu acho que eu vou embora pra minha casa e <u>ele</u> não vai aparecer. Estou com dezoito anos que “tô” na rua, mas doze anos longe da <u>família</u>.</b>	
Mudança	Com dezoito anos <u>saí do estado de Alagoas</u> e fui embora. Porque eu vivia do <u>estado de Alagoas</u> para o estado da Bahia.	

Família	<p>Onde tenho <u>família</u> lá. Mas minha <u>família</u> é de Alagoas mesmo, mas em Salvador tem algumas pessoas da <u>família</u>. Aí quando minha <u>tia</u>, minhas duas <u>tias</u> e meu <u>pai</u> morreu, aí foi que eu sumi de vez.</p>	
Mudança	<p>Fui pra <u>longe</u>. Fui pra <u>Mato Grosso</u>, fui pra <u>Minas Gerais</u>.</p>	
Brigas	<p><b>Eu tenho sangue muito doce para o lado de <u>briga</u>, aí pronto!</b></p>	
Tranquilidade	<p><b>Agora que eu “tô” mais velho, eu “tô” dando uma “<u>aquetada</u>”.</b></p>	
Brigas	<p>Agora, novo eu tinha a <u>cabeça quente</u>. Qualquer coisa que eu fazia o <u>estopim</u> acendia e a <u>bomba</u> estourava. Aí pronto, era por isso que eu arrumava <u>briga</u>, arrumava <u>problema</u>.</p>	
Tranquilidade	<p>Agora não, agora eu “tô” mais <u>tranquilo</u>, mais <u>paciente</u>.</p>	
Remédio	<p><b>“Tô” tomando <u>remédio</u> e “tá” tudo em dia.</b></p>	
Tranquilidade	<p><b>Tudo <u>sossegado</u> pra poder dormir em paz e não ter problema.</b> “Tô” bem <u>tranquilo</u> agora.</p>	
Drogas	<p>Então, a saída para as ruas foi a <u>bebida</u> e o uso da <u>maconha</u> também. Mas a <u>maconha</u> a família não sabia, mas se sabia não dizia nada.</p>	
Família	<p>Porque larguei da minha <u>família</u> e <u>eles</u> têm medo de mim. Tenho vários <u>irmãos</u> mais velho, maior do que eu, mas <u>eles</u> não respeita. <u>Eles</u> tem medo, a verdade é essa. E eu que já aprontei, <u>eles</u> tem medo mesmo. <b>Aí eu não tenho o que perder. Eu acho que <u>eles</u> pensam assim: “<u>ele</u> não tem o que perder e a gente tem”.</b> Aí foi por isso que saí de casa, porque “tava” aprontando demais, arrumando muita confusão. Não queria prejudicar os meus <u>irmãos</u> e fui embora. Minha <u>irmã</u> mesmo. Passei em Delmiro Gouveia, <u>ela</u> mandou eu dormir só uma noite e no dia seguinte, de manhã cedo, <u>ela</u> botou eu no carro e me mandou embora para Maceió. Aí chegou aqui o outro <u>irmão</u>, já falou que não queria que eu fosse pra casa <u>dele</u>. Que o pessoal ainda “tava” me procurando. Aí eu falei que <u>ele</u> não se preocupasse que eu não “ia” pra casa <u>dele</u>. Quando cheguei no albergue liguei pra <u>ele</u>. Aí falei pra <u>ele</u>: “cuida da tua <u>família</u> que eu me viro”, e aí <u>ele</u> disse: “Obrigado C.!” Daí “cabou-se” e nunca mais veio aqui porque era pra <u>ele</u> vir pra cá, porque <u>ele</u> era o único irmão que me acolheu. <b>Só que agora <u>ele</u> não acredita. <u>Ninguém</u> acredita que eu mudei. Eu parei de beber, mas <u>ninguém</u> acredita.</b></p>	
Tranquilidade	<p>Eu “tô” mais <u>tranquilo</u>, “tô” mais <u>sossegado</u>. Antes eu era uma praga. Agora eu “tô” <u>sossegado</u> graças à Deus!</p>	

Indefinido	<b>Então “tá” tudo certo! Já respondi a pergunta e já deu para falar do que “tava” preso.</b>	
Família	<b>O que “tá” preso é que <u>ele [irmão]</u> não me procura pra me ver. Um psicólogo lá do CAPS mandou <u>ele</u> ir lá procurar ele e <u>ele</u> disse que não. E fica nesse negócio. <u>Ele</u> pediu para não ir na casa <u>dele</u> e eu vou fazer o que lá? Aí complica! <u>Ele</u> tem que me procurar. Então se eu vê algum conhecido eu mando um recado pra <u>ele</u> vir. Quando eu <u>vêele</u>, a gente vê o que pode fazer. Porque fui olhar meu <u>primo</u> que trabalha na polícia federal, conversei com <u>ele</u> e me tratou muito bem. Só não vi os outros <u>primos</u>. Mas o que eu queria era ver o meu <u>irmão</u>. O meu <u>irmão</u> até agora nada!</b>	
Moradia	<b>E “tô” aqui até sair minha <u>casinha</u>, que se Deus quiser vai sair agora em dezembro. E é isso mesmo!</b>	

## LEGENDA

SIGLA	POSIÇÃO	COR
<b>PROT</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Vermelho</b>
<b>NAR</b>	<b>Narrador</b>	<b>Azul</b>
<b>INDEF</b>	<b>Indefinido</b>	<b>Verde</b>

Observação: Essa legenda deve ser aplicada a todos os quadros apresentados na presente análise.

De acordo com o quadro 1 as unidades temáticas apresentadas foram: drogas, família, mudança, cadeia, mulheres, brigas, tranquilidade, remédio, moradia e uma situação temática indefinida. Com relação à dinâmica de posições de ‘si mesmo’ (*Self*) observou-se a predominância do narrador. No entanto, também foram verificadas posições de protagonista. As posições de protagonista estiveram relacionadas com as seguintes unidades temáticas: família, drogas, brigas, remédio, tranquilidade, moradia. Na maioria das vezes a posição de protagonista esteve presente na unidade temática “família” e não transitou nos temas: mulheres, cadeia e mudança. A posição de narrador não foi relacionada ao tema “remédio”; mas esteve presente nas demais unidades temáticas.

## QUADRO 2: Narrativa 4 ( Presente)

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
------------------	--------------------------	-----

Emprego	O que faz eu estar ainda em situação de rua é que eu não tenho <u>emprego</u> entendeu. Não tenho condições financeiras, não tenho <u>emprego</u> . Não tenho como me erguer novamente.	
Moradia	Tá faltando uma <u>casa</u> que agora a dona J. fez a inscrição <u>habitação</u> pra mim e eu consegui.	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento	Que essa <u>dona J.</u> é uma estrela de luz pra mim né, <u>ela é minha vida</u> .	
Moradia	Ela vai conseguir uma <u>casa</u> pra mim já. Já fez a <u>habitação</u> e eu vou morar no meu <u>cantinho</u> .	
Cidadão	E vou viver <u>minha vida</u> novamente né, normal. Uma vida de <u>cidadão</u> , se Deus quiser porque ultimamente...	
Moradia	Eu tinha conseguido uma <u>casa</u> lá em Cuiabá, morava com a mulher e tudo. Mas perdi a <u>casa</u> pra ela e fiquei na rua de novo, em situação de rua. Aí “vim me” embora pra cá. Aí agora aqui eu fiz a <u>habitação</u> , vou conseguir a <u>casa</u> de novo. Já tá tudo certinho, só esperar agora em dezembro talvez eu consiga minha <u>casa</u> . Só isso aí. “Tô” pra conseguir minha <u>casa</u> se Deus quiser! Eu consegui uma <u>casa</u> em Cuiabá, cheguei a morar na <u>casa</u> com a mulher, mas a mulher começou a me colocar na parede e queria que eu fosse embora de qualquer jeito.	
Brigas	Quando foi no dia “deu” ir embora aí ela, a gente <u>brigou</u> e deu no que deu.	
Cadeia	Fui parar na <u>cadeia</u> .	
Benefício	Aí eu perdi o <u>benefício</u> que eu tinha também, tive <u>benefício</u> . Lá em Cuiabá eu já recebia o <u>benefício</u> e agora eu vou ver se consigo de novo o <u>benefício</u> . Mas lá eu tinha meu <u>benefício</u> .	
Emprego	<u>Trabalhava</u> e ainda ganhava mil conto por mês, ainda fazia <u>serviço</u> fim de semana, feriado eu fazia esse <u>servicinho</u> e ganhava um troquinho. Não ficava <u>parado</u> maneira alguma.	
Conhecimento	Agora aqui não, aqui eu “tô” parado de tudo quanto é jeito. Não tenho <u>conhecimento</u> , aqui eu não tenho nenhum, aí fica difícil pra mim. Que o que importa é o <u>conhecimento</u> , a pessoa tendo <u>conhecimento</u> a pessoa consegue <u>serviço</u> , consegue essas coisas.	
Família	Se eu conseguir minha casa eu vou lá em cima, converso com meu <u>irmão</u> , converso com meus <u>primos</u> e consigo minhas coisinhas e com meu <u>irmão</u> vou ver se consigo um <u>servicinho</u> pra eu me manter né. É isso aí!	
Benefício	O <u>benefício</u> que eu recebia era o auxílio doença, <u>problema psicológico</u> .	

Moradia	E o cadastro da <u>habitação</u> foi no “ <u>minha casa, minha vida</u> ”. A <u>casa</u> em Cuiabá eu ganhei de um colega meu. Teve em área de risco aí ele saiu da <u>casa</u> pra ganhar uma <u>casa</u> e eu fiquei na <u>casa</u> dele. Aí aquela <u>casa</u> que era dele ficou sendo minha, ele me deu. Aí só que a mulher teve o olho grande e começou a crescer o olho e a querer ficar com a <u>casa</u> . Arrumei a <u>casinha</u> todinha e ela quis ficar com a <u>casa</u> .	
Brigas	Aí ela acabou me <u>batendo</u> , aí eu me <u>zanguei</u> . Eu “tava” bêbado e tinha tomado remédio aí <u>meti o pau</u> nela também. Meti a <u>faca</u> nela, deu um “ <u>desmantelo</u> ” lá. Agora as <u>pauladas</u> eu lembro vagamente, mas desse negócio de <u>faca</u> eu não lembro não.	
Cadeia	Aí fui pra <u>cadeia</u> , passei um ano e onze meses. Todo mundo na <u>cadeia</u> lá gostava de mim. Tinha uns pessoal lá que gostava, a maioria e a maioria é o que importa. Alguns tinha raiva, mas não tinha coragem de enfrentar. Eu era meio enjoado <u>lá dentro</u> também, eu não era boa peça também não. Aí pronto! Saí da <u>cadeia</u> .	
Moradia	E fui procurar meu destino, fiquei no <u>albergue</u> .	
Cadeia	Aí foi meu <u>juízo</u> . Fui <u>juizado</u> . Aí fui liberado porque caiu por <u>lesão corporal</u> .	
Mulheres	E não foi tudo aquilo que <u>ela</u> dizia. <u>Ela</u> falou que eu bati <u>nela</u> com taco de sinuca e dentro de casa não tem sinuca, nem tinha taco. E <u>ela</u> enganchou num...eu enganchei na corrente do cachorro e lá não tinha cachorro entendeu? Porque o nosso cachorro era uma cachorrinha que tinha fugido. E <u>ela</u> inventou muita mentira.	Refere-se à mulher com quem ele morava
Cadeia	Só que a advogada foi muito boa e caiu tudo por terra, aí eu fui só condenado por <u>lesão corporal</u> . Baixou tudo pra <u>lesão corporal</u> , aí era seis meses de <u>reclusão</u> e como eu já <u>passei um ano e onze meses eu saí livre pela portada frente</u> sossegado entendeu?	
Moradia	E ela ficou com a <u>casa</u> que ela queria né? Só isso! Isso tudo em Cuiabá.	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	Agora quando eu cheguei aqui encontrei <u>essa estrela, esse anjo de luz, a minha princesa J. Essa J.</u> tá no meu coração, <u>ela</u> fez muita coisa por mim, <u>ela</u> me ajuda muito. Quando tem qualquer problema eu “vô” lá conversar com <u>ela</u> e <u>ela</u> me atende muito bem, entendeu? E é assim, <u>dona J.</u> tá sendo uma mãe pra mim. Uma mãe que eu não tive. <u>Ela</u> tá sendo uma mãe mesmo. E eu gosto muito da <u>dona J.</u> Ave Maria, se alguma pessoa falar mal da <u>dona J.</u> E num lugar desse não falta quem fale né? <u>eu fico com o coração apertado.</u> Mas como não pode brigar, não pode fazer nada aí eu também fico calado. Que <u>ela</u> sabe que a maioria do	

	<p>peçoal fala <u>dela</u>. Na frente fala bem e atrás fala mal. Mas eu não tenho o que falar <u>dela</u>, pra mim <u>ela</u> é um anjo de luz, <u>ela</u> é minha estrela guia. Não tem pra onde. É isso aí.</p>	
Emprego	<p>Não tenho <u>emprego</u> e “tô” esperando essa casa. Eu “tô” aqui nesse lugar e não tem condições “deu” sair pra longe pra procurar um <u>emprego</u>.</p>	
Família	<p>Também “tô” no aguardo que meu <u>irmão</u> me procure, na esperança que um dia meu <u>irmão</u> apareça aí.</p>	
Moradia	<p>Aí eu fico por <u>aqui</u> sempre.</p>	<p>“aqui” refere-se ao albergue</p>
Conhecimento	<p>E também não tenho <u>conhecimento</u>.</p>	
Emprego	<p>Quem tem <u>profissão</u> pra arrumar <u>emprego</u> é difícil, imagina eu que não tenho <u>profissão</u>. Tô com 49 anos e não tenho uma <u>profissão</u>.</p>	
Benefício	<p>Vou tentar ver se consigo o <u>benefício</u>. Já vai ser o mês que vem, dia 10 do mês que vem, 08h40min da manhã. Aí eu vou ver se consigo receber o <u>benefício</u> de volta que aí já melhora, já ajuda. Aí eu “tando” no meu canto eu vou ver o que eu consigo fazer com esse <u>benefício</u>. É isso aí.</p>	
Transtorno Mental	<p>O benefício que vou tentar é de <u>problema psicológico</u>, mas não sei o que é. Da outra vez quando eu fui pegar minha carteirinha de ônibus, diz que era... meu Deus do céu, diz que era <u>esquizofrenia</u>. O médico explicando pro outro que “ia” ficar no lugar dele, aí ele explicou que era <u>esquizofrenia</u>. Aí eu coloquei isso na cabeça. Aí eu fui e perguntei pro outro médico e o outro médico disse: “não é <u>esquizofrenia</u>, você não tem <u>esquizofrenia</u>”. Então, eu não sei o que é. Porque um disse uma coisa e o outro já disse que é outra e agora “vamo” vê aí com esse médico, o que ele vai resolver pra mim.</p>	
Benefício	<p>Vou <u>ver se consigo</u>, se eu <u>não conseguir</u> também a vida continua.</p>	<p>Refere-se ao benefício</p>
Moradia	<p>Eu tendo meu <u>cantinho</u> eu tenho que correr atrás de qualquer jeito.</p>	
Emprego	<p>Eu vô querer <u>trabalhar</u> porque um salário também é meio complicado, não dá. Eu vô vê se <u>trabalho</u> como servente de pedreiro, qualquer coisa que dê pra <u>trabalhar</u> eu <u>trabalho</u>.</p>	
Moradia	<p>E a <u>casa</u> só falta esperar o sorteio. E se Deus quiser sai esse sorteio aí e eu fico contente. Assim que disser: “óh o seu nome saiu no diário oficial”.</p>	
Família	<p>Aí eu já vou procurar meu <u>primo</u>, já vou procurar o meu <u>irmão</u> pra poder <u>eles</u> me ajudarem com os móveis, com as coisas né? Da minha casinha. Porque <u>eles</u></p>	

	querem ver eu quieto num canto, então essa é a oportunidade. E eu já tô velho também e não “tô” aguentando mais andar não.	
Moradia	É a oportunidade “deu” me estabelecer num <u>canto</u> . Porque agora eu tô sozinho, <b>vou ficar sozinho no meu canto.</b>	
Mulheres	Não quero saber de “ <u>muié</u> ” pra perturbar meu juízo não. Porque essas “ <u>muié</u> ” desmantelada de albergue pra mim não tem futuro. Isso aí não é “ <u>muié</u> ” não, isso é “bagueio”. Isso aí tudinho tem problema com droga, tem problema com bebida, tem problema com a família. É a mesma coisa do “homi”, talvez pior que o “homi”. Porque o homem já é desmantelado mesmo, mas quando a “ <u>muié</u> ” chega a ficar numa situação dessa é porque boa coisa não é. E <u>a minha</u> eu tirei numa casa dessas. Tirei, <u>ela</u> disse que tinha parado de usar droga. Eu acreditei, dei a maior força. Fiquei, fiquei e quando foi morar comigo poucos dias depois “tava” chupando que nem uma cascavel, parecendo que “tava” chupando um doce bem gostoso de tanto fumar pedra. Aí eu chegava em casa e eu já percebia porque eu ajudava lá no albergue de Cuiabá. Aí eu percebia que <u>ela</u> tinha usado. E eu dizia: “já usou essa porcaria aí?”. E <u>ela</u> : “larga minha vida, você não tem nada a ver com minha vida não... que não sei o que, não sei o que”. Aí começava a discutir, só brigava comigo e eu fazia rir e brincar e tudo. Aí acabou no que acabou, deu o problema que deu. Então a vida continua, larguei <u>ela</u> pra lá e foi viver a vida <u>dela</u> , morrer com as próprias mãos. E eu “tô” tocando minha vida pra frente.	
Moradia	<b>Agora vou viver no meu <u>cantinho</u> sossegado, sem ninguém pra encher minha paciência.</b>	
Mulheres	<b>Se arrumar é <u>uma pessoa</u> que eu primeiro tenho que conhecer a família, tenho que conhecer todo mundo pra ver o temperamento <u>da pessoa</u>. Não vou mais me agarrar com a primeira coisa que vem porque eu não ando desesperado mesmo. Eu sou feio, mas não tô desesperado não. É isso aí.</b>	
Indefinido	<b>Vou tocar minha vida pra frente se Deus quiser. É o que eu mais quero.</b>	
Tranquilidade	Esse tempo de tormenta já passou, eu agora “tô” muito mais <u>sossegado</u> .	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento	Quando eu cheguei aqui eu ainda era meio estourado, mas a pessoa maravilhosa que a <u>dona J. é, ela</u> conversando comigo amoleceu meu coração.	
Indefinido	Meu coração ficou igual a uma manteiga, passa a faca, afunda a faca, coração mole.	
Brigas	E agora já tive muita <u>discussão</u> aqui.	

Transtorno Mental	<b>Porque um lugar desse aqui que “tô” fazendo meu <u>tratamento</u>, num lugar desse aqui não é um lugar pra uma pessoa que nem eu.</b>	
Indefinido	<b>Porque sempre tem uma pessoa pra encher a paciência. Aqui é o sistema da rua, a gente não ouve nada, não vê nada e não fala nada e é isso aí. Só isso mesmo.</b>	

Neste quadro 2 (narrativa 4), observou-se que as unidades se diversificaram, pois foram acrescentadas outras unidades temáticas como emprego, coordenadora do Serviço de Acolhimento, cidadão, benefício, conhecimento e transtorno mental que não foram verificadas no tempo passado (narrativa 1, 2 e 3). Com relação às posições de ‘si mesmo’ (*Self*) nessa narrativa, verificou-se um maior equilíbrio na dinâmica das posições de narrador e protagonista, principalmente quando o entrevistado se remeteu aos temas de moradia e emprego. No entanto, na unidade temática “cadeia”, a posição de protagonista tornou-se predominante pelo número de vezes repetidas. A posição de narrador não apareceu relacionada com a unidade temática “cidadão”.

### QUADRO 3: Narrativa 9 (Futuro)

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Moradia	<b>Daqui pra frente se Deus quiser vou conseguir a minha <u>casinha</u> e vou trabalhar pra tocar minha vida pra frente né? Viver minha vida que já “tava” num fosso. Agora não, agora eu “tô” querendo construir minha vida. E eu conseguindo minha <u>casinha</u>, vou <u>morar</u> no que é meu. Vou viver a minha vida.</b>	
Emprego	<b>Vou <u>trabalhar</u> de novo, vou tocar minha vida pra frente. É isso aí! É começar a <u>trabalhar</u>.</b>	
Família	<b>E com a ajuda de meu <u>irmão</u> eu vou continuar minha vida, porque pra começar tem que ter a ajuda de alguém. Eu vou procurar meu <u>irmão</u> pro meu <u>irmão</u> me ajudar. E aí eu tenho certeza que <u>ele</u> vai me ajudar. Pra <u>ele</u> arrumar um serviço pra mim. Pra quando eu me apertar também eu recorro a <u>ele</u>. <u>Sempre recorri a ele e ele sempre me ajudou. Aí ele me empresta dinheiro, eu pago a ele quando for pra pagar algumas contas quando eu estiver sem dinheiro. Eu sempre procuro ele, aí pego emprestado com ele e depois eu pago. É isso aí!</u></b>	
Moradia	<b>Assim, eu tendo minha <u>casinha</u> eu vou “tá” no que é meu. Vou viver a minha vida, vou reconstruir minha vida, continuar pra frente. Então é isso aí. Sair do <u>albergue</u> já é uma vitória. Vou pra minha <u>casinha</u>, começo a trabalhar, vou comprando minhas</b>	

	coisinhas, mobiliando minha <u>casa</u> e cuidando da minha saúde. Aí esse homem aí vai tocar a vida pra frente, é isso aí, tocar a vida.	
Emprego	<u>Eu vendia prestação.</u> Então eu já posso <u>trabalhar</u> com isso, mas vou pegar o empréstimo por fora porque quando estiver em tempo eu tenho como recorrer a minha aposentadoria que “tô” ficando velho né?	
Cidadão	<u>É difícil falar sobre a gente mesmo, é difícil.</u> Mas eu vou me sentir um <u>cidadão</u> de bem.	
Moradia	<u>Porque eu vou ter minha casa.</u>	
Emprego	<u>Vou ter meu trabalho, vou andar com as minhas próprias pernas, vou me sustentar.</u>	
Cidadão	Então o que <u>eu</u> quiser comer eu como, na hora que eu quiser dormir <u>eu</u> durmo, se <u>eu</u> não quiser dormir <u>eu</u> não durmo entendeu? <u>Eu</u> vou viver pra mim mesmo. Não vou viver à custa dos outros, esperando pelos outros. <u>Porque aqui a gente espera pelos outros né?</u>	O “eu” se refere a cidadão, pois é o momento em que o entrevistado apresenta uma autonomia de reconhecimento por ser um cidadão.
Moradia	<u>E eu tendo minha casa eu vou viver minha vida. É isso aí, só isso. Trabalhar e viver minha vida. Tocar minha vida pra frente, se Deus quiser e ele quer. Minha casa vai sair, logo, logo “tá” saindo. Já é um bom começo. “Tô” esperando que saia essa casinha aí, já sonhei tanto com essa casa, sonhei demais, já pensei, já fiz muitos planos com a chegada dessa casa. Conseguir minhas coisinhas, comprar minhas coisinhas, mobiliar minha casa da maneira que eu quero. Não deixar faltar nada e trabalhar pra tocar minha vida pra frente, pra não faltar nada dentro de casa e sempre ter um troquinho separado pra quando precisar ter um dinheiro. É isso aí, meu plano é esse. Agora explicar esses negócio é difícil porque falar logo na casa já fico agoniado. Agoniado pela espera, porque “tô” esperando essa casa já tem dias já. Logo, logo ela sai.</u>	
Família	<u>Eu não consegui mais contato com o meu irmão porque se não eu ia pedir um celular pra pegar contato com ele, do meu sobrinho e minha sobrinha. Do meu primo eu tenho na caderneta.</u>	

Celular	Mas não <u>ligo</u> daqui do albergue, ligo do <u>celular</u> de alguém. Coloco crédito e <u>ligo</u> .	
Família	Quando eu <u>tinha</u> meu celular ligava direto pra <u>ele</u> , era a <u>única</u> pessoa que eu tinha o número quando “tava” longe daqui.	
Celular	Mas agora eu não tenho <u>celular</u> porque eu vendi <u>para comprar os remédios e fiquei sem celular</u> .	
Tranquilidade	<b>Quero viver minha vida <u>sossegado</u>, <u>tranquilo</u> e sem problemas. Só isso mesmo!</b>	

Neste quadro 3 ( narrativa 9) observou-se uma redução na diversidade das unidades temáticas. Mas ao lado dessa redução observou-se que o entrevistado explorou mais os argumentos dentro das unidades temáticas apresentadas, principalmente quando se tratou de moradia e família. A posição de protagonista foi predominante. Durante a posição de narrador, o entrevistado transitou na maior parte dos temas, menos em moradia, emprego e tranquilidade.

Com relação à dinâmica de posições de ‘si mesmo’ (*Self*) observou-se que a situação de posicionamento de protagonista foi predominante. No entanto, também foram verificadas posições de narrador. As posições de protagonista estiveram relacionadas com as seguintes unidades temáticas: tranquilidade, emprego e moradia.

O aspecto mais relevante na configuração desses resultados foi a observação da redução das unidades temáticas relacionada com o aumento de situações de posicionamento de protagonista. Nos resultados dessas narrativas observou-se que o entrevistado reduziu os temas e durante a organização das experiências dentro das unidades que permaneceu, ele se posicionou, mais frequentemente como protagonista. Destaca-se que essa posição se caracteriza pelo olhar para o futuro. O entrevistador se organizou, ao assumir a posição de protagonista, ao visualizar suas futuras experiências.

**QUADRO 4: Levantamento de frequência de unidades temáticas e posicionamento do *Self* ( total: nove entrevistas de J.C.D.)**

UNIDADES TEMÁTICAS	PAS	PRES	FUT	POSIÇÃO DO <i>SELF</i>			OBS
				NAR	PROT	INDEF	
DROGAS (bebida, cachaça, maconha)	19	02	***	17	04	01	
FAMÍLIA (mãe, irmão, primo e tia)	22	03	03	29	14	***	
MUDANÇA (transitar pelos estados)	11	***	***	11	01	***	
CADEIA (julgamento e prisão)	04	04	***	07	01	***	

MULHERES (companhia, companheira)	02	03	***	04	02	***	
COORDENADORA DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO (antigo albergue, Dona J.)	***	05	***	05	***	01	
BRIGAS (problemas, cabeça quente, discussão, faca, lesão corporal, bater, zangar)	08	05	01	12	03	01	
TRANQUILIDADE (tranquilo, sossegado, cautela, paciente)	04	12	05	10	16	***	
INDEFINIDO	03	04	02	06	04	***	
MORADIA (casa, casinha, canto e albergue)	02	12	12	16	26	02	
EMPREGO (profissão, trabalhar e serviço)	***	05	06	06	09	***	
CIDADÃO (viver para 'si mesmo' e ter autonomia)	***	01	03	02	03	01	
BENEFÍCIO	***	04	***	02	02	***	
CONHECIMENTO (profissional)	***	02	***	01	01	02	
REMÉDIO	01	01	***	01	01	***	
TRANSTORNO MENTAL (esquizofrenia e problema psicológico)	***	02	***	01	01	***	
CELULAR (crédito e ligar)	***	***	02	02	***	***	
LEMBRANÇA (lembrar, "tape", memória)	02	***	***	02	***	***	
MOTIVO (motivo)	01	***	***	01	01	***	
MEDO (medo, cismado)	02	***	01	03	***	***	
ALEGRIA (alegria)	01	***	***	01	***	***	
ABANDONO (jogado, cachorro jogado, apego)	05	01	***	06	***	***	
PENSAMENTO (pensar, observar)	03	03	***	03	04	***	
TRISTEZA (tristeza)	01	01	***	02	***	***	
CORAGEM (sem medo, nem aí)	01	***	***	01	***	***	
MORTE (sombra da morte)	01	***	***	01	***	***	
AGRESSÃO (bater, apanhar, maldade, judiar)	05	02	***	06	***	***	
CULPA (culpa)	01	***	***	01	01	***	
PERDÃO (perdão)	01	***	***	***	01	***	
ESPERANÇA (mudar)	01	***	***	01	01	***	
TRABALHO (carregar bujão de água e gás)	01	***	***	01	***	***	
PREOCUPAÇÃO (pena das pessoas)	***	03	***	03	***	***	
AMIZADE (amizade, dar conselho)	***	02	***	03	02	***	
LIBERDADE	***	***	01	02	01	***	

De acordo com o levantamento de frequências indicado neste quadro 4, a unidade temática família foi mais frequente no tempo passado e esteve mais relacionada com a

posição de narrador. As unidades temáticas moradia e tranquilidade foram mais frequentes no tempo presente e esteve relacionada com a posição de protagonista. Observou-se, também que a unidade temática moradia foi mais frequente no tempo futuro e esteve relacionada com a posição de protagonista. Por fim, considerando-se todos os tempos (passado, presente e futuro) o entrevistado se posicionou mais como narrador do que como protagonista.

## 7.2 Entrevistado W. L. S.

QUADRO 5: Narrativa 1 (Passado)

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Família	O que me fez ir morar na rua em primeiro lugar foi a <u>família</u> porque comecei assim cedo.	
Casamento	Primeiro me <u>casei</u> com 19 anos, não tinha a experiência mesmo né com a vida de <u>casado</u> . Assim, cara jovem. Aí passei a ter toda a responsabilidade que eu não queria né?	
Drogas	E comecei a sair no mundo, me entreguei ao <u>álcool</u> eu a <u>bebedeira</u> .	
Família	E não respeitava mais <u>família</u> , fiquei no mundo mesmo, abandonei a <u>família</u> e hoje eu “tô” assim perambulando no mundo assim.	
Moradia	Onde eu chego eu tento fazer daquele local um <u>lar</u> até eu encontrar uma coisa melhor pra mim. “Tô” esperando sair <u>daqui</u> pra ver se melhora e consigo minha <u>casinha</u> . Isso aqui é o que eu posso lhe falar da minha vida um pouco. É isso aí o que me fez sair de <u>casa</u> .	“daqui” refere-se ao albergue
Indefinido	E tem mais coisa né, que certas coisas não dá pra falar.	
Família	Não aceitam mais eu dentro de casa, a minha <u>família</u> . Sou do Ceará e minha <u>família</u> lá do Ceará. Quando eu tentei voltar <u>eles</u> não abriram mais a porta pra mim e eu me sinto, pelo que eu fiz, rejeitado. Aí eu não tenho mais cara de voltar pra casa, pra viver com <u>eles</u> .	
Coragem	Não tenho mais. Como se diz assim: não me acho com <u>coragem</u> mais.	
Acolhimento	Aí fico assim no mundo até o dia que Deus quiser e <u>agradeço por ter sido acolhido aqui</u> .	
Desprezo	É isso que eu tenho, tem muitas coisas e fico sem jeito de falar ao <u>desprezo</u> que me deram e fiquei com trauma.	
Família	Minha <u>mãe</u> me desprezou também. Minha <u>mãe</u> não quis mais acordo comigo. Meu <u>pai</u> morreu, não cheguei a encontrar com <u>ele</u> quando “tava” no mundo. E meus <u>irmãos</u> nunca quiseram assim intimidade assim pra	

	conversar, botar os papos em dia. Tudo que eu falava pra <u>eles</u> eu era mentiroso o certo eram <u>eles</u> . Eu não podia se aproximar da minha <u>mãe</u> que minha <u>irmã</u> encostada mais velha dizia que eu não prestava.	
Drogas	A <u>cachaça</u> destruiu um pouco da minha vida.	
Pensamento	Aí não <u>pensava</u> né, mas hoje eu já <u>penso</u> . Mas queria que fosse antes eu <u>pensasse</u> porque eu acho que é tarde agora.	
Família	Eu prefiro “ <u>tá</u> ” assim, eu não sei o que acontece lá e <u>eles</u> não sabem o que acontece comigo aqui.	
Fé	Eu só peço à <u>Deus</u> mesmo em ter me ajudado e a tocar minha vida.	
Esperança	<u>Esperança</u> em mudar a minha vida eu não tenho porque assim, se eu não fiz antes agora que eu não vou fazer mais.	
Coragem	Não tenho mais condições, eu tenho a experiência só não tenho mais <u>coragem</u> pra voltar pra família e fazer de novo. Não tenho mais <u>coragem</u> pra isso. Aí é isso assim.	
Família	Eu abandonei todos da minha <u>família</u> em 2007.	
Mudança	E fui para o <u>mundão</u> . Eu fui pro <u>Maranhão</u> , do <u>Maranhão</u> fui pra <u>Recife</u> , de <u>Recife</u> eu voltei pro <u>Ceará</u> de novo, do <u>Ceará</u> fui pro sul pra <u>Santa Catarina</u> , fui morar em <u>Joenville</u> , fui pra <u>São Paulo</u> e <u>mudei</u> . Aí vim pra <u>Londrina</u> e hoje eu “ <u>tô</u> ” aqui.	
Família	Quando voltei pro <u>Ceará</u> não me reaproximei da <u>família</u> , fui pra outra cidade no <u>Ceará</u> e não pra ficar perto <u>deles</u> . Ninguém sabe onde é que eu “ <u>tô</u> ” no momento, nenhum <u>deles</u> . Perdi contato <u>deles</u> tudinho.	
Mudança	Aí de <u>Londrina</u> eu vim pra cá. Aí “ <u>tô</u> ” <u>aqui</u> agora.	“aqui” refere-se à Maceió
Moradia	Tentando arrumar minha <u>casinha</u> como te falei pra ver se eu melhora a minha vida.	
Velhice	Porque desse jeito não dá não, eu “ <u>tô</u> ” <u>envelhecendo</u> . Daqui a pouco “ <u>tô</u> ” com <u>cinquenta anos</u> e aí? Vou viver como? Em abrigo? Tem condições não.	
Drogas	Foi mais a <u>bebida</u> porque a <u>bebida</u> não leva ninguém a nada mesmo não. Hoje quando eu tenho uns problemas aqui eu fico pensando será que eu devo <u>beber</u> outra vez. Eu não digo que não <u>bebo</u> , mas não para ficar <u>bêbado</u> , é só para espairecer um pouco. Não <u>bebo</u> mais como eu <u>bebia</u> antes. Chegou a um ponto que a <u>cachaça</u> fez isso comigo, a <u>cachaça</u> não, a minha vontade.	
Família	E me destruiu lá com minha <u>família</u> , hoje eu me sinto sem ninguém da minha <u>família</u> . E agora minha <u>família</u> é onde eu chego, é complicado. Tenho <u>filhos</u> e <u>neta</u> , pra te falar a verdade eu nem sei a idade dos meus <u>filhos</u>	

	<b>mais. Não tenho mais contato com <u>eles</u> né. E minha mãe eu não sei nem se “tá” viva também. Meu <u>padrinho</u> que eu tive também não sei se <u>ele</u> “tá” vivo. Enfim eu perdi o contato todos, não tenho comunicação nenhuma mais.</b>	
Certidão	<b>Pra pedir o <u>registro</u> meu, nem o nome do <u>cartório</u> eu sabia direito porque se eu tivesse o contato com minha mãe ficava mais fácil. Demorou três meses para chegar a <u>certidão</u>.</b>	
Esperança	<b>E minha vida é assim, vivendo e <u>esperando</u> no que vai dar.</b>	
Moradia	<b>Vou ficar por <u>aqui</u> porque eu dependo demais deles por <u>aqui</u>, minha vida “tá” na mão deles abaixo de Deus. Porque eles podem me ajudar e assim eu “tô” levando.</b>	“aqui” refere-se ao albergue
Drogas	<b>Espero seguir meu objetivo e pare com esse negócio de <u>bebedeira</u>. E isso que fez eu ir pra rua, isso não tiro da cabeça que foi a <u>bebida</u>. <u>Droga</u> nenhuma eu uso, é a <u>bebida</u> mesmo. Me envolvi demais com a <u>bebida</u> e achando bom eu perdi a família, perdi o caráter, perdi filho, mulher, tudo. Não tenho dúvida que não foi a <u>bebida</u>, foi a <u>bebida</u> sim. Farra né de adolescente, caí na conversa dos outros, experimentei primeiro e foi daí que começou.</b>	
Indefinido	<b>Eu acho que é isso mesmo que complicou quase metade da minha vida.</b>	
Tristeza	<b>E eu não quero mais viver assim, não sei mais o que te dizer. Eu fico <u>triste</u> quando eu lembro.</b>	
Fé	<b>Eu “tô” pedindo à <u>Deus</u>, sinto muito aqui dentro do meu coração.</b>	
Família	<b>Sinto a falta da minha <u>mãe</u>, dos meus <u>irmãos</u>, da <u>filha</u> que foi a primeira, lembro tudo de quando <u>ela</u> era pequeninha. E hoje eu me acho sem nenhum <u>deles</u>.</b>	
Fé	<b>Às vezes eu me sento ali, fico meditando um pouco sobre minha vida: “Meu <u>Deus</u>, porque eu passei por isso?”</b>	
Pensamento	<b>Cheguei a chorar ali sentado. Quando eu “tô” deitado eu fico <u>pensando</u> que eu deveria ter feito antes.</b>	
Aprendizado	<b>A vida é assim, tem que apanhar para <u>aprender</u> e eu apanhei demais. E eu não sei não, sei que agora eu quero caminhar pra frente.</b>	
Emprego	<b>Agora mesmo, amanhã já vou no <u>emprego</u> lá e vou entregar o <u>currículo</u>. E me disseram eu “tão” pegando gente que já é possível começar a <u>trabalhar</u>. Aí daí pra melhor.</b>	
Fé	<b>Com <u>fé</u> em <u>Deus</u>!</b>	
Esperança	<b>Então minha vida “tá” assim nesse carrossel. <u>Eu quero</u> que fique do lado certo.</b>	
Família	<b>É porque eu não sei mais o que falar assim, mas minha vida quando larguei minha <u>família</u> ficou assim. Nunca</b>	

	briguei na rua depois que aconteceu esse problema comigo da minha separação <u>familiar</u> .	
Moradia	<b>Trabalho em beira de praia, “tô” aqui no <u>albergue</u>, esperando um <u>cantinho</u> pra poder ir e daqui pra frente, antes eu morava em <u>barraquinho</u>, pedia ajuda e hoje eu “tô” <u>aqui</u>.</b>	“aqui” refere-se ao albergue
Medo	Eu sofri bastante que eu tinha <u>medo</u> , porque aqui o pessoal tem que ter <u>medo</u> . Não falo mal de nenhum, o pessoal qualquer coisinha estoura lá fora. <b>E tenho <u>medo</u>, peço toda noite à Deus pra mim não fazer coisa errada. O meu <u>medo</u> é esse de fazer a coisa errada e ser cobrado porque sempre vem a cobrança.</b>	
Fé	<b>E eu “tô” me entregando à <u>Deus</u> e vou tocar a minha vida, porque eu não tenho outro lugar pra ir até conseguir minha casa e esse emprego.</b>	
Esperança	<b>E eu querendo eu vou <u>conseguir</u>. Quando eu quero uma coisa eu vou e luto, sem essa bebida. E é tocar a vida pra frente né? Pra <u>melhoria</u>.</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento	<b>É igual quando a <u>Dona J.</u> fala pra mim, tudo que eu fizer aqui pra vocês é de bom e eu agradeço <u>ela</u>.</b>	
Lembrança	<b>E eu “tô” tocando. Não sei mais nem o que falo, não tenho muita <u>lembrança</u>, só de sofrimento e dói né. <u>Agora não “tô” bem lembrado não.</u></b>	
Tristeza	<b>“Tô” passando sinceridade e o que realmente aconteceu e tem mais coisas, durante o intervalo de tempo vai acontecendo, a gente vai se envolvendo com outras coisas, aquele <u>sofrimento</u> a gente vai amenizando. Mas de repente volta tudo que aconteceu e não é bom não. Se eu for bem analisar mesmo não é bom, é <u>sofrido</u>. Às vezes pedir um pão, uma água o pessoal não dava nem água. Andei muito a pé e caindo o couro do pé, caindo mesmo no asfalto quente. Com sede, com fome, eu bebia água nos bebedouros dos boi cheia de lama, aí bebi e matei minha vontade. Me deitava no meio dos matos, foi mais no sul o <u>sofrimento</u> vindo de lá pra cá. <b>Eu não quero mais <u>sofrer</u> assim não, quero não.</b></b>	
Roubo	<b>Apanhei, fui <u>roubado</u> quando estava vindo pra cá. <u>Roubaram</u> minha carteira de trabalho, meus contatos, meu celular e minha mochila. Aí chegando aqui consegui tirar tudo de novo.</b>	
Tristeza	<b>Daí minha vida “tá” assim, <u>sofrida</u>, mas “tá” <u>melhor</u> do que eu “tava”.</b>	
Moradia	<b>Porque onde eu “tava” não tinha o que eu tenho <u>aqui</u>.</b>	“aqui” refere-se ao albergue
Cuidado	<b>Não tinha um documento, não tinha minha vida assim de alguém me observando, de me olhar, de querer</b>	

	<u>conversar comigo e me ajudar.</u>	
Fé	<b>Aqui eu “tô” tendo ajuda e tenho ajuda graças à <u>Deus!</u></b>	
Cuidado	<b>O <u>peçoal</u> ajuda aqui e o <u>peçoal</u> de fora também, tenho vários conhecimentos aqui. De vez em quando eu trabalho com um e com outro, mas é bico. Já “tô” bem conhecido na cidade, já conheço um bocado de <u>gente</u>.</b>	
Indefinido	<b>É isso só que tenho pra dizer.</b>	

De acordo com o quadro 5, as unidades temáticas apresentadas na primeira entrevista deste participante foram: família, casamento, drogas, moradia, coragem, acolhimento, desprezo, pensamento, fé, esperança, mudança, velhice, certidão, tristeza, aprendizado, emprego, medo, coordenadora do Serviço de Acolhimento, lembrança, roubo, cuidado e uma situação temática indefinida. Com relação à dinâmica de posições de ‘si mesmo’ (*Self*) observou-se que uma leve tendência para a posição do narrador, relacionada, na maioria das vezes com os temas de família, drogas, coragem, esperança, mudança, tristeza. A posição de protagonista também foi muito frequente esteve presente nas unidades temáticas moradia e fé, mas não transitou nos temas: casamento, desprezo, velhice, certidão, lembrança e roubo. A posição de narrador não foi relacionada aos temas acolhimento, esperança, emprego; mas esteve presente nas demais unidades temáticas.

#### QUADRO 6: Narrativa 4 (Presente)

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Mudança	<b>Assim, viver nessa vida de <u>mundão</u> é igual o que expliquei.</b>	
Família	<b>Eu não tenho mais amor de <u>mãe, irmão</u>, de nenhum <u>familiar</u>. Eu prefiro assim, aonde eu chegar é construir uma <u>família</u> e viver nessa vida assim de melhoria né! Pra mim melhorar, estar com alguém, conseguir essa casinha, progredir pra frente. Porque pra viver com eles eu não vou mais, pra perto da minha mulher eu não vou mais e dos meus <u>filhos</u> também não. Igual eu te expliquei, eu não tenho comunicação com eles mais, não sei daqui pra frente.</b>	
Mudança	<b>E a vida do <u>mundão</u> que eu falo é essa: seguir em frente e me adaptar em algum lugar mesmo igual aqui eu “tô”.</b>	
Emprego	<b>Já “tô” me adaptando, já “tô” arrumando uns <u>trabalhos</u>, uns <u>bicos</u> e vivendo minha vida.</b>	

Família	Longe da minha <u>família</u> né! Se um dia eu chegar a me comunicar com <u>eles</u> tudo bem posso até me juntar a <u>eles</u> , tipo assim uma sociedade, uma amizade, mesmo com a falsidade que <u>eles</u> tem. Que eu não queria “tá” distante <u>deles</u> , eu queria “tá” perto.	
Mudança	E a vida do mundão é essa que eu falo pra ti, não é viver perambulando.	
Moradia	É aqui, “tá” aqui arrumando minha <u>casinha</u> igual a dona J. falou pra mim que no mês de março “tá” pra sair as <u>casas</u> .	
Família	E eu tenho plano de arrumar alguém na minha vida e construir uma <u>família</u> , um laço <u>familiar</u> : mulher e <u>filho</u> .	
Fé	Não “tô” tão velho assim e eu espero daqui pra frente <u>Deus</u> me ajudar.	
Mudança	É isso que eu falo pra ti do <u>mundão</u> . Eu “tô” distante deles mesmo, daqui pro <u>Ceará</u> é longe. Não sei como vai ser daqui pra frente, eu acho assim pra mim melhorar porque eu “tô” aqui melhorando até conseguir isso. <u>Mundão</u> porque eu quero construir minha vida aqui, nesse <u>mundão</u> que me referi. Aqui ou no interior aqui por perto. Porque lá não me sentia com eles, quando eu viajava eu me sentia no mundão. Me sinto bem em <u>Maceió</u> .	
Família	Eu só fico triste porque eu não tenho mais comunicação com <u>eles</u> , aproximação. Não sei como <u>eles</u> estão, como “tá” meu <u>filho</u> , minha <u>filha</u> , minha <u>net</u> , minha <u>mulher</u> . E minha <u>mãe</u> quando eu soube <u>ela</u> “tava” meio doente, <u>ela</u> tinha pressão alta e tinha problema no coração. A maioria da minha <u>família</u> morre de ataque né! Meu <u>pai</u> também morreu de ataque. E meus <u>irmãos</u> , apesar deles não gostarem de mim, eu sinto ainda o amor no meu coração por eles. Todo <u>irmão</u> quer saber da vida do outro. Embora eu ache que eles não queiram saber de mim, mas eu quero. Meu coração não é tão duro.	
Esperança	Eu acho que deu pra mim responder né? Hoje eu me preparo para um <u>futuro</u> próximo. Hoje me preparo para depois, eu planto aqui pra mim colher amanhã uma coisa melhor. Porque eu arrumando alguém, eu já tenho como me manter, me estabelecer ali e viver de boa com ela, oferecer o melhor porque minha vida “tava” pior. Não foi tão boa. E eu “tô” tentando melhorar.	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento	<u>Dona J.</u> “tá” vendo e “tá” me dando todo o apoio, o que ela pede eu faço. E daqui pra melhor. Tem meus compromissos que eu “tô” cumprindo certinho como <u>Dona J.</u> falou: “faça certo que daqui você vai para sua casa”. Hoje “teve” um probleminha com um colega, mas conversei com <u>Dona J.</u> e tudo se resolveu. Troquei	

	<b>umas palavras com o colega porque não sou de ferro, mas chamei ela e ficou bom.</b>	
Moradia	<b>Eu me sinto bem <u>aqui</u>, mas não quero viver permanente aqui nesse <u>albergue</u> porque não é pra sempre, é passagem.</b>	“Aqui” se refere ao albergue
Mudança	<b>E essa vida do <u>mundão</u> que te falo é essa da melhoria que eu espero ter respondido. A pessoa andando pelo <u>mundo</u> assim fica sem plano, sem rumo né!</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<b>Aí quando eu vim pra cá pedi apoio, <u>Dona J.</u> conversou comigo, assim como falo com você aqui. <u>Ela</u> disse: “vou te dar um prazo, aí tu vê aí”.</b>	
Esperança	<b>Conversei com a assistente social, nós conversamos e disse que eu tinha um prazo, mas que não era pra mim me acomodar. Aí foi que tirei a documentação e os dias foram passando, agora “tô” <u>progredindo</u>.</b>	
Emprego	<b>Na hora que arrumar um <u>emprego</u> vai ficar melhor.</b>	
Família	<b>Quem sabe quando eu não tiver com minha casinha eu não ligo pra minha <u>filha</u>, entrar na internet ver o site dela, alguma coisa né! De repente eu vejo o número dela pra se comunicar com <u>ela</u>.</b>	
Fé	<b>Eu peço à <u>Deus</u> ajuda e “tá” conversando contigo aqui eu me sinto mais leve, feliz.</b>	
Indefinido	<b>Eu não tinha com quem conversar. Você conta aqui um segredo e o outro já fica sabendo.</b>	
Velhice	<b>E aqui eu desabafo sobre minha vida, eu gosto de conversar contigo quando você vem aqui. Então é isso minha vida, eu quero prosperar. Tanto do meu psicológico como do meu coração e no meu entendimento. Eu “tô” fazendo por onde, já “tô” com <u>41 anos</u>, daqui a pouco <u>envelheço</u> mais e aí quem vai me ajudar? Não vou viver todo o tempo assim.</b>	

De acordo com o quadro 6 as unidades temáticas apresentadas foram: mudança, família, emprego, moradia, fé, esperança, coordenadora do Serviço de Acolhimento, velhice e uma situação temática indefinida. Com relação à dinâmica de posições de ‘si mesmo’ (*Self*) observou-se que a predominância da posição de protagonista. As poucas posições de narrador estiveram relacionadas com as seguintes unidades temáticas: família, esperança e coordenadora do Serviço de Acolhimento. Na maioria das vezes a posição de protagonista esteve presente na unidade temática “família” e transitou em todos os temas.

QUADRO 7: Narrativa 9 (Futuro)

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Moradia	<p>Eu imagino assim, saindo daqui logo pra minha <u>casa</u> né? Porque assim, eu “tando” na minha <u>casa</u> eu vou ter meu espaço, eu não vou “tá” como eu “tô” <u>aqui</u>. <u>Aqui</u> tem hora pra entrar, tem hora pra sair. Eu vou ser mais reservado, mais atento do que eu sou <u>aqui</u>. Porque <u>aqui</u> todos entra e sai, ninguém conhece, ninguém sabe quem entra e sai. Eu já quero que minha <u>casa</u> saia pra mim ficar no que é meu e ficar naquela segurança. Já que é meu eu vou fazer minha segurança. Aqui você nunca faz sua segurança. O quarto é aberto, o portão de vez em quando entra gente aí que ninguém conhece. De repente chega um aí e tem uma confusão e entra pra dentro do quarto da gente naquele corre-corre. Aí eu me sinto assim pra sair logo minha <u>casa</u>, pra mim montar minha <u>casinha</u>, se preservar mais ainda porque aqui não tem condições.</p>	<p>“Aqui” se refere ao albergue</p>
Medo	<p>Aqui a gente fica com <u>medo</u>, acontece coisa que ninguém espera. Entra bicho ruim e entra bicho bom.</p>	
Moradia	<p>É isso aí que eu “tô” te falando de “tá” na minha <u>casinha</u>, na minha segurança mesmo porque eu faço do jeito que eu quero. Na <u>casa</u> da gente a gente come o que quer, consegue o que quer, não tem que dar satisfação pra ninguém.</p>	
Fé	<p>É você e <u>Deus</u>.</p>	
Moradia	<p>É isso mesmo o significado de “ta” na minha <u>casinha</u>, o meu querer de “ta” na minha <u>casinha</u>. Porque eu sempre tive o sonho de ter uma <u>casa</u>, de me manter. Eu sempre me “manti”. Eu não tinha <u>casa</u>, eu tinha alugado. Minha <u>casa</u> era toda organizada. E <u>aqui</u> não dá, é passageiro mesmo e faz um ano já. Eu fico com vergonha de “tá” <u>aqui</u>. O pessoal já fala “O W. já ta há um ano <u>aqui</u> e nunca conseguiu dinheiro pra pagar aluguel”. Eu consegui, mas eu não vou dar uma de bobo para sair daqui enquanto não sai minha <u>casa</u>. Eu “tô” lá e não sai minha <u>casa</u>. Aí eu vou comprar as minhas coisas. É nisso que me sinto assim de querer a minha <u>casa</u> entendeu? Daqui pra minha <u>casa</u>. Quero me sentir bem na minha <u>casa</u>. Ter minha segurança, ter minhas coisas, ter o prazer de entrar dentro da minha <u>casa</u>.</p>	<p>“Aqui” se refere ao albergue</p>
Fé	<p>Fazer minha <u>oração</u>. Porque quando eu “tô” ali no quarto que me ajoelho um vai lá e acende a luz, outro faz barulho. Não! Eu quero um cantinho reservado para agradecer à <u>Deus</u>, só eu e <u>Deus</u>. Meditar porque aqui não tem como meditar. Você “tá” aqui</p>	

	conversando com <u>Deus</u> , mas o pensamento “ta” ali fora. Aí você já sai do quarto e “vê” aquela multidão. Um sorrindo e o outro “mangando” da cara da gente. Já sai espalhando. Por isso eu quero meu cantinho, me preservar. Eu e <u>Deus</u> .	
Mulheres	Igual eu te falei na outra entrevista lá: se aparecer uma <u>mulher</u> pra mim eu vou viver a minha vida.	
Moradia	Eu quero o meu <u>cantinho</u> pra mim me sentir bem, pra limpar as minhas coisinhas, passar pano. <u>Aqui</u> some tudo, mas lá na minha <u>casinha</u> vai ter tudo arrumadinho. Ter meu banheiro limpo porque nesse daqui eu não sento com medo de alguma bactéria. Eu não sou melhor do que ninguém, somos todos igual, mas eu tenho o meu higiênico também. É isso que eu te falo, eu quero o meu <u>cantinho</u> pra viver. A senhora olha a minha caminha aqui é tudo organizado, meu armário é tudo organizado. O dia de limpeza eu tiro tudo, eu limpo. Se eu vejo uma mesa suja eu já vou limpar. E eu quero ter o meu <u>cantinho</u> pra fazer as coisas do meu jeito, do meu gosto. Pra quando eu chegar do trabalho, chegar em <u>casa</u> ter aquele cheirinho de limpo.	“Aqui” se refere ao albergue
Mulheres	Não terei que dar satisfação, a não ser pra minha <u>mulher</u> . Quando tiver com minha <u>mulher</u> . Vou avisar onde vou, o que vou fazer.	
Moradia	Eu imagino assim, minha vida assim. Viver no meu <u>cantinho</u> . Olhando pra esse quadrado <u>aqui</u> eu já imagino minha <u>casa</u> , meu fogão, geladeira, tudo limpinho. Minhas coisas de higiene tudo arrumado. Quando eu morava só a minha <u>casa</u> era limpinha, o meu banheiro limpinho. Era tudo limpo, eu cuidava de tudo. Eu gosto de planta também. E sou assim, eu quero minha vida assim. “Tô” pedindo muito à Deus e que dona J. consiga minha <u>casinha</u> .	“Aqui” se refere ao albergue
Medo	Eu “tô” com <u>medo</u> de “tá” aqui, não sou de me meter em confusão, mas eu tenho <u>medo</u> .	
Brigas	<u>Ontem mesmo tinha um cara querendo bater num velhinho e bateu boca com a dona J. aí fora. Não dá pra confiar em gente assim, fica complicado. Pra muita gente aí fora nós não tem valor de nada, quem passa aí já pensa que são tudo marginal, ladrão e embora não seja todos, sempre tem alguém de bem. Mas o pessoal de fora não dá valor.</u>	
Emprego	Tu vai lá e arruma um <u>emprego</u> , um <u>bico</u> pra fazer e já perguntam: “tu é de onde? Não tem endereço?” Por isso que quero a minha casa pra ter minhas coisinhas tudo entendeu? Te juro por Deus, assim não dá. Eu tenho minha continha da caixa econômica, mas é conta salário. Mas deposito minha graninha pra me manter.	

Coordenadora do Serviço de Acolhimento	<b>A dona J. falou que vai sair esse mês ainda minha casinha, agora eu vou esperar e eu fico ansioso.</b>	
Indefinido	<b>Pois é minha querida, é isso!</b>	

No quadro 7 observou-se que o entrevistado explorou mais a unidade temática “moradia”, onde também se posicionou com maior frequência como protagonista. As posições menos frequentes de narrador estiveram relacionadas com os temas de medo e brigas. A posição de protagonista não transitou nos temas moradia, fé, emprego e coordenadora do Serviço de Acolhimento; mas esteve presente nas demais unidades temáticas.

Destacou-se também nesse quadro 7, quando o entrevista falou do futuro, a grande frequência dos temas de velhice e medo. Observou-se que a alta frequência desse tema esteve relacionada com a posição de protagonista. As posições de protagonista transitaram por todas as unidades temáticas: velhice, medo, família, cuidado, dinheiro e solidão.

O aspecto mais relevante na configuração desses resultados foi à observação da redução das unidades temáticas relacionada com o aumento de situações de posicionamento de protagonista. Destaca-se que essa posição se caracteriza pelo olhar para o futuro. O entrevistador se organizou, ao assumir a posição de protagonista, antecipando possibilidades de experiências futuras.

#### **QUADRO 8: Levantamento de frequência de unidades temáticas e posicionamento do Self (total = nove entrevistas de W. L. S)**

UNIDADES TEMÁTICAS	PAS	PRES	FUT	POSIÇÃO DO SELF			OBS
				NAR	PROT	INDEF	
FAMÍLIA (pai, mãe, filhos, tia, padrinho, irmãos)	25	08	03	22	17	***	
CASAMENTO (casei, casado)	01	***	***	01	***	***	
DROGAS (álcool, bebida, cachaca, beber, bêbado)	05	01	***	06	03	***	
MORADIA (casa, casinha, cantinho, albergue, barracão)	06	10	05	06	18	***	
INDEFINIDO	06	07	02	06	05	05	
CORAGEM	06	***	***	01	03	01	
ACOLHIMENTO (proteção, acolhido)	01	01	***	01	02	***	
DESPREZO (condenar)	02	***	***	02	***	***	
PENSAMENTO	03	***	***	02	01	***	
FÉ (Deus, orações)	08	04	02	02	12	***	

ESPERANÇA (esperar, querer, conseguir)	05	04	***	02	09	***	
MUDANÇA (mundo, mundão, cidade)	07	05	***	05	07	01	
VELHICE (envelhecendo, asilo, velho)	01	01	04	01	05	***	
CERTIDÃO (registro, cartório)	01	***	***	01	***	***	
TRISTEZA (triste, sofrimento, sofrido, sofrer, chorar, desanimar)	09	01	***	06	06	***	
APRENDIZADO (aprender)	01	***	***	01	01	***	
EMPREGO (bico, currículo, trabalho)	02	04	01	01	06	***	
MEDO (trauma, temente, inseguro, preocupado)	03	08	07	07	19	***	
COORDENADORA DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO	01	04	02	01	06	***	
LEMBRANÇA (lembrar)	03	***	***	02	01	01	
ROUBO (roubaram, roubar)	01	***	***	01	***	***	
CUIDADO (conversar, ajudar, pessoal, gente)	02	***	01	02	02	***	
DINHEIRO	01	***	04	01	04	***	
CONFIANÇA (moral)	02	***	***	02	***	***	
PERDÃO (perdoando)	01	***	***	01	***	***	
AMIZADE	***	01	***	***	01	***	
CORAÇÃO	***	02	***	***	02	***	
BRIGAS (bateu boca, bater, facada)	***	01	01	02	01	***	
MULHERES	***	***	02	***	02	***	
TRANQUILIDADE (reservado)	***	***	01	***	01	***	
RESPONSABILIDADE	***	***	01	***	01	***	
PREVENIR (preservar)	***	***	01	01	01	***	
SOLIDÃO (sozinho)	***	***	01	***	01	***	

Neste quadro 8 destacou-se que a unidade temática “família” foi mais frequente no tempo passado e esteve mais relacionada com a posição de narrador. Já a unidade temática “moradia” foi mais frequente nas narrativas no tempo presente e esteve relacionada com a posição de protagonista. Observou-se, também que a unidade temática “medo” foi mais frequente no tempo futuro e esteve relacionada com a posição de protagonista. Por fim, considerando-se todos os tempos (passado, presente e futuro) o entrevistado se posicionou mais como narrador do que como protagonista.

### 7.3- Sobre as experiências de ‘si mesmo’ (*Self*) dos adultos em situação de rua participantes dessa pesquisa

O quadro 9 corresponde a um levantamento das unidades temáticas que apresentaram as maiores frequências, relacionadas com o tempo da narrativa e das situações de

posicionamento do ‘si mesmo’ (*Self*). A realização desse quadro, nessa etapa da análise, teve o propósito de chamar a atenção para uma dimensão qualitativa dos processos analisados. Isto é, a partir de um contraste sobre quais configurações foram mais ou menos frequentes foi possível mapear informações relevantes sobre a organização do ‘si mesmo’ (*Self*) dos adultos em situação de rua que participaram dessa investigação.

**QUADRO 9: Levantamento quantitativo geral dos dois participantes (Total: 18 narrativas)**

UNIDADES TEMÁTICAS	PAS	PRES	FUT	PAS/PRES/FUT	POSIÇÃO DO <i>SELF</i>			
					NAR	PROT	NAR/PROT	INDEF
<b>FAMÍLIA</b>	<b>47</b>	<b>11</b>	<b>06</b>	<b>64</b>	<b>51</b>	<b>31</b>	<b>82</b>	<b>***</b>
<b>DROGAS</b>	<b>24</b>	<b>03</b>	<b>***</b>	<b>27</b>	<b>33</b>	<b>07</b>	<b>37</b>	<b>01</b>
<b>MORADIA</b>	<b>08</b>	<b>22</b>	<b>17</b>	<b>47</b>	<b>22</b>	<b>44</b>	<b>66</b>	<b>02</b>
<b>MUDANÇA</b>	<b>18</b>	<b>05</b>	<b>***</b>	<b>23</b>	<b>16</b>	<b>08</b>	<b>24</b>	<b>01</b>
<b>INDEFINIDO</b>	<b>03</b>	<b>04</b>	<b>02</b>	<b>09</b>	<b>06</b>	<b>04</b>	<b>10</b>	<b>***</b>
<b>COORD. DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO</b>	<b>01</b>	<b>09</b>	<b>02</b>	<b>12</b>	<b>06</b>	<b>06</b>	<b>12</b>	<b>01</b>
<b>MEDO</b>	<b>05</b>	<b>08</b>	<b>08</b>	<b>21</b>	<b>10</b>	<b>19</b>	<b>29</b>	<b>***</b>

Observou-se, então, a partir do quadro 9, que as unidades temáticas “família”, “drogas” e “moradia” foram as mais frequentes, nas narrativas dos dois participantes. Relacionado com essa informação, destacou-se uma situação especial, quando os participantes discutiram sobre família (o tema mais frequente, com n = 64), pois, ainda que esse tema tenha sido mais frequentemente relacionado com a posição de narrador (n=51) é possível dizer que este tema “família” também esteve frequentemente relacionado com a posição de protagonista (n=31). Isto é, o quase equilíbrio das duas posições do ‘si mesmo’ (*Self*), sugeriu um nível maior de ambiguidade que este tema refletiu para a negociação de significados sobre a história das experiências no mundo dos participantes.

Esse alto nível de ambiguidade quando os participantes falaram sobre “família”, fica ainda mais claro, quando se observou que, embora esse tema tenha sido mais frequente quando eles falaram do passado (Passado n = 47; Presente n= 11; Futuro n= 06), eles exerceram, também com muita frequência, posições de protagonista (Protagonista n= 31). Lembra-se, no entanto, que de acordo com Bruner (1997) é a posição de narrador quem se

remete ao passado. No entanto, quando eles falaram sobre “família”, ainda que no passado, eles não apenas justificaram situações experimentadas, mas agregaram avaliação aquelas experiências do passado, sendo a avaliação uma característica do exercício da posição de protagonista. Interpretou-se, então, que a emergência dessa ação de avaliação (típica da posição de protagonista, que chama o tempo narrativo para uma situação imediata e presente), indicou que aquelas experiências (narradas no passado) ainda estão no presente e imersas numa intensa dinâmica de negociação de significados. Nessas condições, a negociação de significados envolvida com esse tema ainda causa inquietação e indefinição para os participantes.

O segundo tema mais frequente foi “moradia”. Mas, diferente do que foi configurado com o tema anterior, observou-se uma maior coerência com o que se discute na literatura (Bruner, 1997), visto a predominância da posição de protagonista (n = 44) relacionada com altas frequências do tema quando os participantes falaram no/sobre o presente (n = 22) e o futuro (n = 17). Isto que dizer que as avaliações foram ativas nesses tempos narrativos e que contrastam com experiências passadas, pois estas últimas parecem ter um apelo maior para a estabilidade favorecendo, principalmente, às justificativas. No que diz respeito á negociação de significados sobre o tema “moradia”, a predominância da posição de protagonista indicou a relevância desse tema no presente dos participantes e apesar de intensidade com que eles o trataram (visto que foi muito frequente) não sustentou ambiguidade.

A tessitura do argumento sobre a experiência de ambiguidade durante a negociação de significados na narrativa dos participantes, considerando-se a relação entre o tema e as posições do ‘si mesmo’ (*Self*), pode ficar mais clara ao se relacionar a configuração das frequências para os temas “drogas” e “mudança” quando os participantes falaram no/sobre o passado (n = 24 e n = 18, respectivamente) com a posição de ‘si mesmo’ (*Self*) de narrador. Destaca-se que nessa relação - tempo da narrativa passado e posição de narrador, os participantes se envolveram em mais situações de justificativas. Nesses casos, a ambiguidade foi diminuída na medida em que o passado assume o claro controle na negociação de significados, pressupondo-se sua maior estabilidade sobre as experiências imediatas.

#### **7.4 - Sobre o papel do tempo na organização das experiências de ‘si mesmo’ (*Self*) nas narrativas autobiográficas**

Tomou-se aqui a experiência de ambiguidade como parâmetro para se explorar explicações acerca do papel do tempo na organização experiências de ‘si mesmo’ (*Self*) nas

narrativas autobiográficas. Isto porque, a experiência de ambiguidade se revelou como consequência de possibilidades para a transgressão do tempo imediato suportada pelo funcionamento semiótico (simbólico) da linguagem. Isto é, a natureza simbólica da linguagem possibilita que durante a narrativa o falante transite pelo passado e futuro na janela imediata do presente. Mas é no presente que ele exerce, de fato, a negociação de sentidos e significados para suas experiências no mundo.

Nesse funcionamento, as narrativas autobiográficas se revelam como plataforma natural e apropriada para essa negociação, na medida em que as palavras podem ser associadas e alinhadas de acordo com a vontade do falante. Ação dirigida para metas é, portanto, o princípio psicológico exercido narrativamente. A narrativa pressupõe que o falante é ativo e construtor de sentidos para as suas experiências. Quando ele [o falante] se utiliza dos recursos simbólicos, próprios da linguagem, ele se liberta da situação imediata e transita simbolicamente em diferentes tempos, mergulhando em situações de ambiguidade, pela situação de convergência do passado e do futuro para o presente (Vigotski, 1984; Valsiner, 2012, Silva, 2016).

Bakhtin (2003) teceu explicações sobre essa ambiguidade e tensão referindo-se a dinâmica de forças centrípetas e centrífugas no cerne dos usos de linguagem, para a produção de sentidos. Nas suas explicações ele lança mão de amplo aparato conceptual (por exemplo, conceito de vozes, relações dialógicas, discurso do outrem etc.), para destacar um movimento contrário, mas interdepende de falantes, no sentido de conservar significados ou inovar sentidos. Bakhtin (2003), destaca que essas forças antagônicas e interdependentes refletem uma dinâmica entre monologia de significado e plurissignificação, enquanto tendências para preservar o discurso do outrem (força centrípeta) ou dispersar essas vozes conhecidas para inovar nos processos de significação (forças centrífugas).

Valsiner (2012) reafirmou o papel dessa tensão e ambiguidade nas suas explicações sobre a regulação semiótica dos processos psicológicos humanos, que para ele, tem como principal fundamento a irreversibilidade do tempo. Isto é, nas suas explicações, a ambiguidade emerge relacionada com a direção do passado para futuro, onde o presente é uma janela no qual essas operações simbólicas se organizam. Então, o ‘si mesmo’ (*Self*), ao transitar entre o passado e futuro, opera em cenários simbólicos ambíguos.

Silva (2017) também destacou a experiência de ambiguidade refletindo sobre a simultaneidade do passado e futuro no presente, nas experiências entre mãe e bebê no começo da vida. Nas suas observações sobre essas experiências a autora destacou que as mães atuam dentro “de um inacabado passado” ao reproduzir comportamentos aprendidos sobre a

maternidade. Mas de acordo com a autora, esse é um processo marcado por tensões, considerando que ao mesmo tempo as mães são desafiadas por situações imediatas com seus bebês e precisam responder, eticamente, sem alibi, como situações únicas.

Na perspectiva da presente análise, o tempo torna-se um parâmetro fundamental para essa dinâmica de forças centrípetas e centrífugas, que atuam no exercício da linguagem: conservar padrões (passado) ou inovar (antecipar futuro). Nas narrativas dos adultos em situação de rua, aqui considerados, essa ambiguidade pode ser observada, a partir de inúmeras situações quando eles transitavam por tempos diferentes daquele em que o pesquisador se fazia a pergunta. Lembra-se aqui, que a estratégia metodológica utilizada, o controle do tempo verbal na pergunta gerativa e nas questões circunstanciais realizadas pelo pesquisador durante as narrativas, teve o propósito de observar o papel do tempo na negociação de significados. Durante a análise das narrativas, observou-se que essa estratégia não impediu que os adultos transitassem por outros tempos diferentes daquele que o pesquisador referenciou. Os exemplos abaixo ilustram esse funcionamento:

Exemplo 1 – Transitou do passado para o presente: “(...) *e não respeitava mais família, fiquei no mundo mesmo, abandonei a família e hoje eu ‘tô’ assim perambulando no mundo assim*” (Entrevistado W. L. S.; Narrativa do passado; quadro 5);

Exemplo 2 – Transitou do presente para o futuro: “*Longe da minha família né! Se um dia eu chegar a me comunicar com eles tudo bem posso até me juntar a eles, tipo assim uma sociedade, uma amizade, mesmo com a falsidade que eles tem. Que eu não queria ‘tá’ distante deles, eu queria ‘tá’ perto*” (Entrevistado, W. L. S.; Narrativa do presente; quadro 6);

Exemplo 3 - Transitou do futuro para o passado e para o presente: “(...) *E com a ajuda de meu irmão eu vou continuar minha vida, porque pra começar tem que ter a ajuda de alguém. Eu vou procurar meu irmão pro meu irmão me ajudar. E aí eu tenho certeza que ele vai me ajudar. Pra ele arrumar um serviço pra mim. Pra quando eu me apertar também eu recorro a ele. Sempre recorri a ele e ele sempre me ajudou. Aí ele me empresta dinheiro, eu pago a ele quando for pra pagar algumas contas quando eu estiver sem dinheiro. Eu sempre procuro ele, aí pego emprestado com ele e depois eu pago. É isso aí!*” (Entrevistado, J.C.D.; Narrativa do futuro; quadro 3).

Esses três exemplos ilustram como a ambiguidade refletiu a experiência de simultaneidade de tempos diferentes na situação imediata quando os adultos em situação de

rua foram entrevistados. Nos três exemplos os trechos sublinhados destacam momentos quando eles divergiram do tempo solicitado pelo pesquisador, a partir da pergunta gerativa. No exemplo 1, trava-se de uma entrevista no presente. No entanto, durante a entrevista, W. L. S., transitou para o presente. No exemplo 2, durante a entrevista no presente, ele transitou para o futuro. No exemplo 3, J.C.D., durante a sua entrevista iniciada com a pergunta gerativa no futuro, transitou para o passado e para o presente.

Argumentou-se aqui, que esses movimentos por diferentes tempos refletem como processos de natureza simbólica, possibilitado pela linguagem, atuam para a negociação de significados nas narrativas, sustentando experiências de simultaneidade do passado e do futuro no presente. Nesse argumento, reafirmam-se explicações de Bakhtin (2003) e os apontamentos de pesquisadores atuais sobre essas explicações (Valsiner, 2012; Silva, 2016; Maior, 2017) que destacam ação de forças centrípetas e centrífugas e da experiência de ambiguidade no processo de negociação de significados e sentidos nas narrativas.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: Sobre o potencial das narrativas autobiográficas para análise do funcionamento psicológico humano**

Considerando um dos objetivos centrais dessa pesquisa, que foi analisar o potencial das narrativas autobiográficas para a investigação e análise dos processos psicológicos, reivindica-se uma retrospectiva do leitor, no sentido de reunir o conjunto de informações construídas a partir das narrativas autobiográficas de dois adultos em situação de rua, objeto de investigação empírica da presente pesquisa.

Acredita-se que essa retrospectiva o levará a proceder conosco, uma avaliação sobre o potencial desse instrumento teórico e metodológico. Nessa expectativa, assumimos que foram propriedades desse instrumento que possibilitaram a visualização de uma complexa interdependência de processos implicados na negociação de significados durante as narrativas. Nas narrativas aqui analisadas, destacamos, por exemplo, os processos de organização das experiências de ‘si mesmo’ (*Self*) relacionados com negociação de significados. Durante essa negociação, destacamos possibilidades diferentes de posicionamento do ‘si mesmo’ (*Self*) (narrador e protagonista).

Além disso, foi possível observar como aspectos históricos e culturais, aspectos de natureza ontológicas, atuaram nos processos de negociação de significados refletindo a função do tempo para a organização das experiências na narrativa. A configuração de ambiguidades e

tensão, vinculada à experiência de simultaneidade do passado e futuro no presente também foram fenômenos acessíveis na plataforma das narrativas autobiográficas.

Portanto, a captura desses fenômenos leva-nos ao reconhecimento do potencial desse instrumento, sobretudo, por nele se preservar a condição de processo, isto é da natureza extremamente diversa e dinâmica do funcionamento psicológico humano, que tem como princípio fundamental, a ação de significar as experiências no mundo. Acredita-se que a análise que se procedeu nesta pesquisa revelou esse princípio, sem alienar os processos de negociação de significados das condições específicas e singulares, no alinhamento com a história e com aspectos ontológicos de cada participante.

Destaca-se, ainda, que os recursos desse instrumento, as narrativas autobiográficas, ao possibilitar o olhar para a condição de processo, avança sobre outras abordagens teórica/metodológica que se detêm na “análise de conteúdos”, na medida em que, enquanto análise de processo as narrativas autobiográficas podem agregar conhecimentos para o propósito de generalização aspirado pelas ciências.

Mas é importante considerar, no entanto, que o caminho para essa generalização é diferente daquele que se pratica na artificialização de relações de causalidade linear, durante aplicação do método experimental clássico. De forma diferente, o uso de narrativas autobiográficas nas pesquisas, remonta pressupostos da Psicologia Cultural, onde se destaca a função de mensuração como processo semiótico, onde o dado é simbólico (Valsiner, 2012) e, por conseguinte, a generalização não poderá prescindir da habilidade dos pesquisadores para articular suas informações e fomentar interlocução com informações de outros pesquisadores.

Finalmente, destaca-se a partir desta pesquisa, a contribuição de profissionais que atuam no Serviço de Acolhimento Institucional para Jovens e Adultos em Situação de Rua Profº Manoel Coelho Neto da Secretaria Municipal de Assistência Social da capital. Acreditamos também que as informações sobre os processos na organização do ‘si mesmo’ (*Self*) capturados nas narrativas dos dois adultos que frequentam esse serviço, podem ser úteis para esses profissionais na expectativa de tornarem seus serviços mais alinhados com perspectivas socioculturais do funcionamento psicológico humano e da saúde mental.

Essa crença se sustenta a partir de depoimentos dos adultos que, após 18 encontros para as entrevistas, relataram, informalmente, que a presença de uma pessoa para ouvi-los (referindo-se a pessoa do entrevistador) foi de suma importância, já que o serviço de acolhimento é um espaço que muitos são atendidos e que nem sempre todos tem sua vez de falar.

Além disso, muitos usuários desse serviço não são estimulados para falar, por não querer atrapalhar ou para evitar falar de tudo o que pensam. Nesse contexto, os participantes mencionaram a alegria em poder dividir com alguém sua história de vida e ter um espaço que priorizasse a escuta dessa história.

Diante do exposto, as histórias narradas neste estudo evidenciaram que essas PSR precisam de um suporte adequado por parte dos profissionais envolvidos na assistência social. Nesse contexto apontou-se o olhar do assistente social e do psicólogo pelas próprias características do profissional, em ter a atividade humana nos diferentes contextos e áreas de desempenho como objetivo no processo de reinserção do indivíduo na sociedade atual.

## REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas. ABNT NBR 6023: **informação e documentação: referência e elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

Bakhtin, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bakhtin, M.; Volochinov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social (2009). **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília/DF, 11 de novembro de 2009. Disponível em <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/tipificacao.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf)>

Brandão, T.O; Germano, I. **Experiência, memória e sofrimento em narrativas autobiográficas de mulheres**. *Psicologia & Sociedade*; 21: 5-15, 2009.

Brockmeier, J; Harré, R. **Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 16, n 3, p. 525-535, 2003.

Bruner, J. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Martins Fontes, 1997.

Costa, A. P. M. **População em situação de rua: contextualização e caracterização**. *Revista Virtual Textos Contextos*. 2005; 4(4). [Citado 2012 ago. 03]. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/993>>.

Clark, Katerina; Holquist, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspective, 2004.

Correia, M. F. B. **A constituição social da mente: (re) descobrindo Jerome Bruner e construção de significados**. *Estudos de Psicologia*, 2003, 8(3), 505-513.

Crossley, M. L. **Narrative Psychology, trauma and the study of self/identity**. *Theory Psychology*, Sage Publications, v. 10, n. 4, p. 527-546, 2000.

Di Fanti, Maria da Glória. **A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**. Revista Veredas, Juiz de Fora, v.7, n. 1 e n. 2, p. 95 – 111, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo32.pdf>>.

Elichirigoity. Cadernos de Letras da UFF. **A formação do sentido e da identidade na visão Bakhtiniana**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 181-206, 2008. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo12.pdf>>.

Flick, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

Freitas, Maria Teresa de Assunção. **Vygotski e Bakhtin**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

Gergen, K. J.; Gergen, M. M. **Narrative form and the construction of psychological science**. In: SARBIN, T. R. (Ed.). Narrative Psychology: The storied nature of human conduct. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1986. p. 22-44.

Germano, I; Serpa, F. A. D. **Narrativas autobiográficas de jovens em conflito com a lei**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 60, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrj.br/abp>>.

Guido, M. H. L.X. **A composição cronotópica das significações nas histórias de mães sobre seus filhos com necessidades especiais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2015.

Holanda, A. J. **A atuação de forças centrípeta e centrífuga nos discursos sobre o ensino da língua portuguesa**. Revista Revelli. Outubro/2016; v.8 n3. P. 51 – 63. Dossiê Práticas de letramento e ensino de línguas na educação básica.

Lopes, L. E. (Org.). Caderno de atividades: **curso atenção integral à saúde de pessoas em situação de rua com ênfase nas equipes de consultórios na rua**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2014.

Polkinghorne, D. E. **Narrative knowing and the human sciences**. Albany, NY: State University of New York Press, 1988.

Ricoeur, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papirus, 1996.

Sarbin, T. R. **The narrative as root metaphor for psychology**. In: SARBIN, T. R. (Ed.). Narrative Psychology: The storied nature of human conduct. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1986. p. 3-21.

Schutze, F. **Pressure and guilt: War experiences of a young German soldier and their biographical implications**. Part 1. International Sociology, v. 7, n 2, p. 187-208, 1992a.

Silva, N.M.V; Vasconcelos, A. N. **O Self dialógico no desenho infantil**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Volume 26 n° 2, 2013.

Silva, N.M.V. **Ética e Estética na produção de sentidos no começo da vida: considerações sobre a simultaneidade do passado e futuro no presente: Baktiniana**. São Paulo, 181-201, 2017.

Valsiner, J. **Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed; 2012.

Vygotsky, Lev S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## ANEXO 1

## Entrevistas do participante J. C. D

## Narrativas do Tempo Passado (quadros 1, 2 e 3)

## Quadro 1:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Drogas	O que me fez ir morar na rua foi a <u>bebida</u> e a <u>maconha</u> também.	
Família	Essas coisas aí. Me envolvia em muitos problemas e compliquei muito a minha <u>família</u> . Aí resolvi largar minha <u>família</u> de mão e ir embora para bem longe. <b>E agora é que eu “tô” voltando pra cá, pra Maceió.</b>	
Mudança	Passei doze anos <u>longe daqui</u> , só que eu já havia ido pra rua aqui porque aqui mesmo eu já “tava” na rua. Não foi só quando eu <u>saí daqui</u> não. Aqui mesmo eu já vivia na rua.	
Família	Eu brigava com a minha <u>família</u> e “ia” pra rua.	
Mudança	Aí eu fui pra <u>longe</u> e fiquei <u>andando</u> por aí. Num estado e outro. “Tive” em <u>São Paulo</u> , “tive” em <u>Minas Gerais</u> , “tive” na <u>Bahia</u> , um <u>bocado de estado</u> aí, um <u>bocado de cidade</u> .	
Família	Então larguei minha <u>família</u> porque eu me envolvi com bebida e com droga. Aí resolvi largar minha <u>família</u> para evitar problema pra <u>eles</u> , só isso aí.	
Mudança	Então nesses doze anos fui para <u>São Paulo</u> , <u>Minas</u> , <u>Bahia</u> , <u>Mato Grosso do Sul</u> , em <u>vários estados</u> . Agora todos em situação de rua também.	
Drogas	Eu “ia” para albergue, consegui casa também, consegui mulher, mas não deu certo porque a mulher era usuária de <u>droga</u> também e “tive” vários problemas. Aí foi quando consegui parar de <u>beber</u> .	
Cadeia	Foi quando fui para a <u>cadeia</u> quando “tive” briga com a mulher. Acabei parando na <u>cadeia</u> . Aí por causa dessa briga com a mulher eu fui parar na <u>cadeia</u> .	
Drogas	<b>Eu parei de <u>beber</u>, já “tava” uns cinco anos e alguns dias que eu parei de <u>beber</u>.</b>	
Mulheres	Havia a <u>mãe dos meus filhos</u> que mora em Anadia. Ali eu levei uma “gaia”, aí eu resolvi largar. Eu resolvi largar porque não adianta brigar, nem nada. <u>Ela</u> também não me agrediu, nem nada. E <u>essa segunda</u> , <u>essa outra</u> , foi porque <u>ela</u> me agrediu e eu retribuí a <u>agressão dela</u> .	
Cadeia	Aí deu no que deu, fui parar na <u>cadeia</u> . Passei um ano e mais uns meses <u>preso</u> .	

Drogas	Aí esse tempo todinho parei de <u>beber</u> . Lá dentro tinha <u>cachaça</u> , mas não queria <u>beber</u> . Aí resolvi que iria parar de <u>beber</u> e até hoje não “tô” <u>bebendo</u> mais, nem uso <u>droga</u> . Usei lá dentro da cadeia <u>maconha</u> ainda, mas agora não uso. Desde menino usando, desde menino <u>bebendo</u> , não dá nem vontade mais. <b>E quando dá vontade eu passo por cima dessa vontade. Eu me controlei e até hoje “tô” me controlando. Espero que me controle mais ainda pra ver se saio <u>dessa</u>.</b>	
Família	Já que eu procurei mudar, minha <u>família</u> não acredita mais em mim né?! Aí meu <u>irmão</u> não veio aqui. Nunca que <u>ele</u> veio aqui me olhar pra saber: “ô miserável, você tá bem?” (risos). Nunca! <b>Até hoje eu “tô” aqui e <u>ele não veio ainda</u>.</b>	
Drogas	E eu penso em ir lá em cima, mas lá em cima “tive” problema por causa da <u>bebida</u> . “Tive” problema por causa da <u>bebida</u> , “tive” briga. Esses problemas aí com pagamento da <u>bebida</u> e não posso andar pra lá assim de boqueira.	
Família	<b>Porque meu <u>irmão</u> tem medo que os “cabra” vai e se vinga da <u>família</u> dele por causa de mim. Aí eu também não vou lá para evitar preocupação pra <u>ele</u>. Aí eu “tô” aqui esperando que <u>ele</u> apareça pra poder a gente conversar, se ele aparecer né? Não sei se <u>ele</u> vai aparecer. Eu acho que eu vou embora pra minha casa e <u>ele não vai aparecer</u>. Estou com dezoito anos que “tô” na rua, mas doze anos longe da <u>família</u>.</b>	
Mudança	Com dezoito anos <u>saí do estado de Alagoas</u> e fui embora. Porque eu vivia do <u>estado de Alagoas</u> para o <u>estado da Bahia</u> .	
Família	Onde tenho <u>família</u> lá. Mas minha <u>família</u> é de Alagoas mesmo, mas em Salvador tem algumas pessoas da <u>família</u> . Aí quando minha <u>tia</u> , minhas duas <u>tias</u> e meu <u>paimorreu</u> , aí foi que eu sumi de vez.	
Mudança	Fui pra <u>longe</u> . Fui pra <u>Mato Grosso</u> , fui pra <u>Minas Gerais</u> .	
Brigas	<b>Eu tenho sangue muito doce para o lado de <u>briga</u>, aí pronto!</b>	
Tranquilidade	<b>Agora que eu “tô” mais velho, eu “tô” dando uma <u>“aquetada”</u>.</b>	
Brigas	Agora, novo eu tinha a <u>cabeça quente</u> . Qualquer coisa que eu fazia o <u>estopim</u> acendia e a <u>bomba</u> estourava. Aí pronto, era por isso que eu arrumava <u>briga</u> , arrumava <u>problema</u> .	
Tranquilidade	Agora não, agora eu “tô” mais <u>tranquilo</u> , mais <u>paciente</u> .	
Remédio	<b>“Tô” tomando <u>remédio</u> e “tá” tudo em dia.</b>	
Tranquilidade	<b>Tudo <u>sossegado</u> pra poder dormir em paz e não ter <u>problema</u>. “Tô” bem <u>tranquilo</u> agora.</b>	

Drogas	Então, a saída para as ruas foi <u>abebeida</u> e o uso da <u>maconha</u> também. Mas a <u>maconha</u> a família não sabia, mas se sabia não dizia nada.	
Família	Porque larguei da minha <u>família</u> e <u>eles</u> têm medo de mim. Tenho vários <u>irmãos</u> mais velho, maior do que eu, mas <u>eles</u> não respeita. <u>Eles</u> tem medo, a verdade é essa. E eu que já aprontei, <u>eles</u> tem medo mesmo. <b>Aí eu não tenho o que perder. Eu acho que <u>eles</u> pensam assim: “<u>ele</u> não tem o que perder e a gente tem”.</b> Aí foi por isso que saí de casa, porque “tava” aprontando demais, arrumando muita confusão. Não queria prejudicar os meus <u>irmãos</u> e fui embora. Minha <u>irmã</u> mesmo. Passei em Delmiro Gouveia, <u>elamandou</u> eu dormir só uma noite no dia seguinte, de manhã cedo, <u>ela</u> botou eu no carro e me mandou embora para Maceió. Aí chegou aqui o outro <u>irmão</u> , já falou que não queria que eu fosse pra casa <u>dele</u> . Que o pessoal ainda “tava” me procurando. Aí eu falei que <u>ele</u> não se preocupasse que eu não “ia” pra casa <u>dele</u> . Quando cheguei no albergue liguei pra <u>ele</u> . Aí falei pra <u>ele</u> : “cuida da tua <u>família</u> que eu me viro”, e aí <u>ele</u> disse: “Obrigado C.!” Daí “cabou-se” e nunca mais veio aqui porque era pra <u>ele</u> vir pra cá, porque <u>ele</u> era o único irmão que me acolheu. <b>Só que agora <u>ele</u> não acredita. <u>Ninguém</u> acredita que eu mudei. Eu parei de beber, mas <u>ninguém</u> acredita.</b>	
Tranquilidade	Eu “tô” mais <u>tranquilo</u> , “tô” mais <u>sossegado</u> . Antes eu era uma praga. Agora eu “tô” <u>sossegado</u> graças à Deus!	
Indefinido	<b>Então “tá” tudo certo! Já respondi a pergunta e já deu para falar do que “tava” preso.</b>	
Família	<b>O que “tá” preso é que <u>ele [irmão]</u> não me procura pra me ver. Um psicólogo lá do CAPS mandou <u>ele</u> ir lá procurar ele e <u>ele</u> disse que não. E fica nesse negócio. <u>Ele</u> pediu para não ir na casa <u>dele</u> e eu vou fazer o que lá? Aí complica! <u>Ele</u> tem que me procurar. <b>Então se eu vê algum conhecido eu mando um recado pra <u>ele</u> vir. Quando eu <u>vêele</u>, a gente vê o que pode fazer. Porque fui olhar meu <u>primo</u> que trabalha na polícia federal, conversei com <u>ele</u> e me tratou muito bem. Só não vi os outros <u>primos</u>. Mas o que eu queria era ver o meu <u>irmão</u>. O meu <u>irmão</u> até agora nada!</b></b>	
Moradia	<b>E “tô” aqui até sair minha <u>casinha</u>, que se Deus quiser vai sair agora em dezembro. E é isso mesmo!</b>	

SIGLA	POSIÇÃO	COR
<b>PROT</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Vermelho</b>
<b>NAR</b>	<b>Narrador</b>	<b>Azul</b>

INDEF	Indefinido	Verde
-------	------------	-------

**Quadro 2:**

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Drogas	A primeira <u>bebida</u> que tomei foi com 14 anos. Cheguei em casa <u>bêbado</u> cego e apanhei. Nos 14 anos comecei a <u>beber</u> e não parei mais. Desde os 14 anos <u>bebendo</u> . Foi muita <u>cachaça</u> de lá pra cá.	
Brigas	Até arrumar bastante <u>problema</u> , até resolver parar. E só resolvi parar quando “tava” no <u>fundo do poço</u> mesmo.	
Drogas	Fora isso, eu não “tava” nem aí para parar de <u>beber</u> .	
Cadeia	Mas quando eu vi que o negócio prejudicava mesmo, me levou a <u>cadeia</u> eu não quis mais não.	
Drogas	Eu digo: “vou tomar vergonha e vou parar de <u>beber</u> , aí parei de <u>beber</u> ”. Aí é complicado.	
Drogas	Arriscado a matar alguém e a morrer, porque eu <u>bebia</u> e não lembrava não que tinha <u>bebido</u> não. Tomava duas <u>cervejas</u> e a mente apagava, andava que nem zumbi.	
Mudança	<u>Andava</u> em tudo quanto era <u>canto</u> , mas não sabia o que “tava” fazendo.	
Lembrança	<u>Lembrava</u> das coisas e tipo um <i>flash</i> , eu <u>lembrava</u> só do <i>flash</i> de algumas coisas que fazia, que acontecia. Eu <u>lembrava</u> só como se passasse um filme da minha vida. Só aqueles “ <u>tape</u> ”.	
Medo	Aí quando era no dia seguinte eu ficava até com <u>medo</u> de sair na rua porque podia ter aprontado e alguém vim cobrar. Aí eu ficava meio <u>cismado</u> .	
Drogas	Sempre, sempre quando eu <u>bebia</u> era assim. Logo cedo eu fiquei com a mente “meia” fraca devido <u>adroga</u> e a <u>cachaça</u> né!	
Medo	Aí afetou muito a minha mente. Aí eu tinha <u>medo</u> de sair na rua.	
Indefinido	Comecei com 14 anos, mas depois quando eu “tava” com uns 20 anos já, aí já “tava” desse jeito aí.	
Lembrança	Já “tava” perdendo a <u>memória</u> , não <u>lembrava</u> mais o que fazia, já ficava só “aperriado” no dia seguinte ficava preocupado sem saber se eu tinha aprontado alguma coisa ou se eu não tinha. Se eu tinha batido, se eu tinha apanhado. Eu já não <u>lembrava</u> mais de nada.	
Drogas	E <u>bebia</u> muito. Isso aí eu sei que eu <u>bebia</u> muito. Tinha vez que eu passava um mês <u>bebendo</u> sem parar. Só tomando <u>cachaça</u> direto. Acordava de manhã cedo e “ia” pro bar tomar <u>cachaça</u> . Dormia <u>bêbado</u> , acordava	

	e pra <u>beber</u> . Era assim.	
Família	Minha <u>tia</u> reclamando, dando conselho. Minha <u>irmã</u> infernizando a minha vida. Eu só bebia mesmo por causa da minha <u>irmã</u> porque quando eu “tava” bom <u>ela</u> ficava rindo da minha cara, zombando. Dizendo: “você ‘tá’ pensando que não lhe conheço. Você bebeu”. E eu dizia: “agora eu vou beber”. Praticamente <u>ela</u> empurrava eu pra beber.	
Drogas	Ela zombava dizendo que eu tinha <u>bebido</u> . “Você <u>bebeu</u> , agora fica aí mentindo pra mim, não sei o que. Eu conheço você”. Aí eu digo: “Agora eu vou <u>beber</u> ! Não ‘tava’ <u>bêbado</u> não, mas agora eu vou <u>beber</u> ”. Aí “ia” <u>beber</u> . Por causa dela, para não escutar “pirraça”, ela fazia “pirraça” aí eu <u>bebia</u> .	
Drogas	Não sabendo que eu é que “tava” me prejudicando e a gente quando usa <u>droga</u> ou <u>bebe</u> cachaça, a gente já procura uma pessoa pra culpar, algum problema.	
Motivo	A gente já quer alguma coisa pra dar <u>motivo</u> . E aparecendo uma pessoa pra dar <u>motivo</u> , aí pronto! É só o que a gente quer. <b>Agora, hoje em dia não tem mais esse <u>motivo</u> não.</b>	
Drogas	Pode ter o maior desaforo, o maior “desmantelo” eu não invento de <u>beber</u> mais que eu já paguei o preço. Paguei o preço e não quero pagar mais o preço <u>dessa infeliz</u> não. <b>Quero parar de <u>beber</u>. Se Deus quiser eu não vou colocar mais uma gota de <u>álcool</u> na boca.</b>	
Família	Quando eu já tinha 20 anos minha <u>irmã</u> já ficava reclamando, chegou até a desejar minha morte uma vez que eu tive um problema lá em Sergipe. Cheguei em casa perguntando a minha <u>tia</u> se tinha recebido o que eu tinha escrito pra <u>ela</u> . Aí minha <u>tia</u> disse: “não, não escreveram” e eu digo: “tem certeza <u>tia</u> ?” e eu “tava” descascando o côco pra justamente “pros” filho da minha <u>irmã</u> beber água. Aí minha <u>irmã</u> disse bem assim: “Se quer saber, a gente recebeu um telegrama seu mesmo, mas não retornou porque você fica procurando briga e eu queria que você morresse”. Aí eu falei: “pois bote o pé aqui de novo, venha bater o seu pé de novo pra ver se eu não corto”. <u>Ela</u> colocou o pé e eu meti o facão e enfiou no cimento. <u>Ela</u> ficou chorando: “ele ‘ia’ cortar meu pé”. “Isso é pra você aprender a deixar de ser desaforada”. Aí a <u>tia</u> disse bem assim: “Tu ‘tá’ vendo que você não pode ‘tá’ enraivando seu <u>irmão</u> , não sabe como ele é?”.	
Drogas	Aí pronto, aí eu larguei as coisas pra lá, terminei de descascar o côco e fui pro bar tomar <u>cachaça</u> . Aí ela correu pra casa da sogra com medo.	

Família	Eu era triste! Eu fazia muita raiva pro meu <u>irmão</u> e minha <u>tia</u> . Minha <u>tia</u> gostava muito de mim. <u>Ela</u> caducou e quem cuidou <u>dela</u> foi minha <u>sobrinha</u> . Minha <u>sobrinha</u> cuidou <u>dela</u> até <u>ela</u> falecer. E <u>ela</u> sempre gostou de mim essa <u>tia</u> . <u>Essa</u> e a <u>outra</u> de Piranhas, todas <u>duas</u> . Depois que <u>elas</u> morreram aí foi que eu tomei destino ignorado. E fui dar notícia muito tempo depois.	
Alegria	Eu não vou mentir. Eu não tinha <u>alegria</u> , eu não tinha disposição pra nada. Não tinha <u>alegria</u> de nada. Minha vida era que nem uma folha seca, de um canto pra outro.	
Família	Chegava na casa de minha <u>tia</u> e daqui a pouco <u>ela</u> reclamava comigo. Vinha pra casa aqui do meu <u>irmão</u> e eu tinha raiva na casa de meu <u>irmão</u> .	
Mudança	“Ia” pra <u>Salvador</u> e voltava “praqui” de novo, “ia” pra cidade <u>Maravilha</u> e ficava na casa do meu pai.	
Abandono	Eu vivia <u>jogado</u> , praticamente <u>jogado</u> . Já desde muito novo que eu já vivia <u>jogado</u> .	
Mudança	Na casa de um pra outro. Depois foi que eu <u>ganhei a vida</u> . Depois que já “tava” de maior mesmo foi que eu <u>ganhei a vida</u> .	
Abandono	Mas eu já vivia <u>jogado</u> já. Porque minha tia gostava de mim, mas mesmo assim ela <u>não aceitava</u> as coisas que eu fazia. Eu fazia muito <u>besteira</u> .	
Brigas	Bebia, <u>brigava</u> , andava fazendo besteira com os outros aí. Se a pessoa fizesse qualquer coisa comigo eu “ia” me <u>vingar</u> . Eu era muito <u>vingativo</u> . Eu não tinha dó de ninguém. Não tinha dó nem de mim mesmo.	
Família	Gostava muito da minha tia, mas nem da minha tia eu tinha dó. Eu fazia ela sofrer muito.	
Tristeza	Então, eu era uma pessoa, sei lá, não tenho nem como explicar como é que eu era antes. Eu era <u>triste</u> mesmo, eu era uma pessoa que a família não engolia.	
Família	Depois de muito tempo eu pensando eu vim reaver as coisas e vi que realmente a minha <u>família</u> tinha razão. Tem razão de ter virado as costas pra mim. Porque esse <u>irmão</u> que eu tenho lá em cima é o único que gosta de mim né?! <u>Esse</u> que tem lá no Tabuleiro dos Martins. <u>Esse</u> era o único que gostava de mim, mas até <u>ele</u> não aguentou, não aguentou mais. E <u>ele</u> ficava triste quando eu “tava” bebendo. Só que também eu nunca menti pra <u>ele</u> . Quando <u>ele</u> chegava o pessoal dizia: “Ele não ta bebendo não <u>irmão</u> C.”. Aí eu dizia: “Tô bebendo sim, já tomei tantas doses”. Aí <u>ele</u> ficava “doidinho”, já não tinha sossego de cuidar de nada mais. A mulher <u>dele</u> brigava com <u>ele</u> por causa de mim. Aí foi esse tempo, foi até eu resolver ir embora de vez e largar <u>todo mundo</u> sossegado.	

Família	Mas quando eu era jovem eu era triste, então eu não culpo minha <u>família</u> não. Eu culpo a mim mesmo. Só que agora “tá” um pouco meio tarde <u>pra gente</u> rever esse negócio aí. <b>Agora só <u>ele</u> se aproximando de mim pra ver como é que eu “tô” mudado realmente.</b>	
Brigas	Aqui eu já “tive” vários <u>desentendimentos</u> , várias <u>desavenças</u> , mas só <u>bate boca</u> besta e parei. Não fiz o que eu fazia antes. Porque antigamente se eu tivesse um <u>bate boca</u> com alguém, eu “ia” logo para as vias de fato. Não dava chance pra ninguém. Eu não dava chance porque eu pensava que se eu vacilasse ele não “ia” dar chance pra mim. Então eu não dava chance pra ninguém, fazia <u>besteira</u> mesmo.	
Pensamento	<b>Mas hoje eu <u>penso</u> duas vezes antes de fazer alguma coisa. Hoje em dia eu tenho que <u>pensar</u>.</b>	
Cadeia	<b>Ou eu penso ou eu vou parar na <u>cadeia</u> de novo e vou sofrer um bocado. Já “tô” ficando velho mesmo e <u>cadeia</u> não é lugar de velho. <u>Cadeia</u> é lugar desses meninos novo que andam aprontando.</b>	
Pensamento	Esse menino não <u>pensava</u> em nada. Ele só agia. Tanto que meu irmão falava uma frase pra mim: “Cabeça que não <u>pensa</u> o corpo padece”. Porque eu agia e não <u>pensava</u> em nada. Não pensava nas consequências, não pensava em nada, só agia. Só fazia as coisas erradas e não <u>pensava</u> em nada. Pra mim eu “tava” certo, só quem “tava” certo no mundo era eu, o resto “tava” tudo errado.	
Família	Eu tinha muitas pessoas que gostavam de mim e davam apoio, mas da rua. Mas da <u>família</u> mesmo não gostavam de mim, ninguém gostava. Até minha <u>tia</u> que gostava de mim, às vezes tinha raiva de mim e me criticava.	
Brigas	E eu ficava <u>zangado</u> com ela e “ia” pra rua beber de novo, “ia” <u>aprontar</u> . <u>Brigava</u> direto. Mesmo quando eu dormia no cemitério, dormia dentro das caatingas. Porque eu <u>aprontava</u> e os caras queriam me pegar, aí eu ficava escondido por uns tempos e depois eu voltava pra casa de novo.	
Coragem	Pra você ver que eu não tinha <u>nenhum medo</u> . Porque dormia fora e depois voltava pra casa. Aí quando tinha um carro diferente “arrodeando” eu já colava no carro e já perguntava o que ele queria. Porque eu <u>não “tava” nem aí</u> , andava armado.	
Família	Isso quando eu “tava” na casa da minha <u>tia</u> ainda em Delmiro Gouveia. Minha <u>tia</u> gostava muito de mim. Mas perto dessa <u>tia</u> eu nunca aprontei não. Essa outra <u>tia</u> foi porque eu morei com <u>ela</u> . De vez em quando <u>ela</u> me criticava quando <u>ela</u> via que “tava” demais. Aí o ódio subia ainda mais. <u>Ela</u> reclamava que eu “tava” fazendo a coisa errada. <u>Ela</u> só dizia: “Não vai beber	

	não! Você quando bebe, você já não presta”. Daí <u>ela</u> falava: “Também parece o pai. Esse ‘diacho’ é igualzinho ao <u>pai</u> ”. Só falava assim pra mim. Aí aquilo ali pra mim era uma crítica terrível, eu não gostava muito do meu <u>pai</u> .	
Família	Aí depois eu comecei a andar na casa do meu <u>pai</u> e meu <u>pai</u> que não gostava de mim. Eu ajudava a <u>família</u> dele, ajudava <u>ele</u> , mas meu <u>pai</u> nunca gostou de mim porque minha <u>madrasta</u> fazia minha caveira para o meu <u>pai</u> . Minha <u>madrasta</u> sempre dizia que gostava de mim como se eu fosse <u>filho</u> , na frente, por trás eu pegava <u>ela</u> falando de mim direto com <u>ele</u> . Tanto que meu <u>pai</u> morreu intrigado de mim e eu nunca mais fui lá na casa <u>dele</u> . Meus <u>irmãos</u> por parte de <u>pai</u> chamou pra eu ir lá e eu disse: “Não vou! Eu disse a vocês, quando eu estivesse com raiva de vocês, vocês iriam descobrir. E eu não vou mesmo não”. Aí nunca mais eu fui lá. Nunca mais tive contato com <u>eles</u> .	
Família	Minha <u>irmã</u> disse que <u>eles</u> estão tudo em São Paulo, mas eu não tenho um pingão de vontade de ir pra lá. Porque eu fui criticado por <u>eles</u> lá também, justamente por essa <u>madrasta</u> minha botando todos <u>eles</u> contra mim também. <b>Eu nunca mais fui lá e nem pretendo ver nenhum <u>deles</u>, só se eu aparecer por aí em Delmiro Gouveia e <u>ele</u> “tiver” lá, aí eu converso. Mas pra procurar <u>ele</u> eu não procuro mais. Apesar de que eu não procuro nenhum <u>deles</u>. (pausa curta). Porque no dia que eles quiserem me encontrar para falar comigo. <u>Ele</u> sabe que eu “tô” aqui. Liguei pra <u>ele</u> assim que cheguei, então <u>ele</u> deve saber que eu “tô” aqui. Se <u>ele</u> quiser me ver, <u>ele</u> vem aqui. Falei pra <u>ele</u> que eu “tava” no albergue, se <u>ele</u> quiser me ver, <u>ele</u> sabe onde me encontrar.</b>	
Morte	E esse menino que eu falo, que de vez em quando, ou seja em mim, eu tinha tipo uma <u>sombra</u> . Uma vez até uns irmão falou que eu tinha a <u>sombra da morte</u> nas costas. Mas Deus é mais!	
Drogas	Eu tinha uma sombra triste porque toda vez que eu <u>bebia</u> , toda vez que eu fosse <u>beber</u> no bar, tinha que <u>beber com os amigos</u> .	
Brigas	Porque se eu fosse beber no bar, arrumava <u>confusão</u> toda vez. Não tinha primeira vez que eu bebesse no bar pra não arrumar <u>confusão</u> . A não ser que eu tomasse uma cerveja, um conhaque e saísse. Mas se eu permanecesse no bar, arrumava <u>confusão</u> . Era um sangue doce, o cara olhava pra mim eu já encarava o cara. O cara vinha com pergunta e aí pronto, já dava <u>confusão</u> . Aí minha família tinha medo disso aí. Sempre, sempre eu fazendo <u>besteira</u> .	

Agressão	<p>Ái meus irmãos antigamente quando eu era criança eles <u>batiam</u> em mim. Menos esse daqui de cima, ele nunca <u>bateu</u> em mim não. Mas os outros <u>batiam</u> em mim direto. Depois que eu fiquei velho, quando eles “tão” brabo, se eu falar alguma coisa e der um <u>berro</u>, todos param. Se eu <u>gritar</u>, se eu falar para parar a confusão eles ficavam calado. Até meu irmão mais velho “tava” <u>discutindo</u> com a minha sobrinha, eu digo: “Para com isso, cala boca aí rapaz, não é isso não. É assim, assim, assado”. Num instante se calou, baixou a cabeça bufando, mas não falou nada. Ái minha sobrinha chegou lá e falou: “Até painho tem <u>medo</u> do tio C.”. Ái eu falei pra ela calar a boca pra ele não <u>bater</u> na menina, pra ele não ouvir. Ele <u>judiou</u> muito de mim. Eu prometi matar ele, mas depois de velho ele não quis mais se meter comigo não. Que eu <u>apanhava</u> muito dele, esse aí foi o que mais <u>judiou</u> de mim.</p>	
Agressão	<p>O irmão mais velho <u>batia</u> em mim que a marca nas costas dá a grossura de um dedo. Ele <u>batia</u> com mangueira e deixava as marcas nas costas, ficava os calombos. Ficava parecendo uma zebra de tão listrado. Ele <u>batia</u>, <u>judiava</u> mesmo de mim com fio, com correia de “ventuinha” de carro. Ele <u>batia</u> de murro. Quando eu segurava, quando fiquei mais forte comecei a segurar. Ái pronto, aí peguei um <u>ódio</u> nele. Mas hoje em dia eu não <u>odeio</u> ele não. Mas na época se ele procurasse confusão comigo eu mandava ele pra outro lugar. Brincando, <u>sem dó, nem piedade</u>.</p>	
Culpa	<p><b>Agora eu não tenho raiva dele não.</b> Ás vezes eu tenho raiva de mim mesmo. Entendeu? Porque eu aprontei muito. Então ele não tem <u>culpa</u>. O <u>culpado</u> mesmo era eu. A não ser esse mais velho aí que tem um pouquinho de <u>culpa</u> porque ele era quem judiava de mim desde quando eu era criança. Eu cuidava da casa, cuidava da minha sobrinha e quando ele chegava já batia em mim.</p>	
Perdão	<p><b>Ái não dá pro caraperdoar esse negócio. O cara pode perdoar da boca pra fora, mas fica <u>cravado</u>. A gente não esquece nunca.</b></p>	
Moradia	<p>Apanhava, tinha vez que eu corria na madrugada. Meia noite eu saía pra outro bairro longe pra caramba. Saía de meia noite e chegava três horas da manhã na <u>porta</u> da minha irmã. Ái a sogra da minha irmã me chamava, chamava minha irmã e mandava “bota” eu <u>pra dentro</u>. Ás vezes ela me chamava pra dentro. Ái dizia: “O B. já queria bater no seu irmão! Seu irmão ‘tá’ aí”. Me colocavapra <u>dentro</u>, daí eu “ia” dormir e passava uns dois dias na <u>casa</u> dela. Depois ela levava eu lá na <u>casa</u> dele.</p>	

Agressão	Aí ele ficava olhando pra mim, aí pronto, aquilo ali ele já guardava pra outra <u>surra</u> . Aquela <u>raiva</u> ele já guardava pra <u>bater</u> dobrado e podia ter certeza que o couro caía. Aí mandava eu ir pra praia tomar banho toda vez que me <u>batia</u> , toda vez. Ele <u>judiava</u> muito de mim.	
Tranquilidade	<b>Mas tenho raiva dele agora não. Agora eu “tô” <u>tranquilo</u> com ele. É triste!</b>	
Pensamento	Esse menino era praticamente sem alma. Não tinha alma. Esse menino aí era um menino que não <u>pensava</u> . Quer dizer, <u>pensava</u> em algumas pessoas né?! Em algumas, mas na família dele só via o bicho.	
Brigas	Porque qualquer coisa que dissesse com esse menino, ele ficava muito <u>nervoso</u> , muito <u>zangado</u> .	
Drogas	Aí procurava logo desabafar na <u>cachaça</u> e nas <u>drogas</u> . Complicado! Às vezes eu chegava “ <u>emacanhado</u> ”, cheio de <u>cachaça</u> em casa.	
Família	Minha <u>tia</u> só fazia olhar pra mim e eu me “entocava” no quarto e “ia” dormir. <u>Ela</u> não falava nada. <u>Ela</u> deixava para reclamar comigo no dia seguinte quando eu “tava” bom. Mas essa minha <u>irmã</u> reclamava na mesma hora que eu “tava” bêbado. Aí eu ficava nervoso.	
Esperança	Mas eu não tinha dó de ninguém e nem de mim mesmo. <b>Agora graças à Deus <u>mudou</u> um pouco e “tô” tentando <u>mudar</u> a cada dia mais. É só isso mesmo.</b>	

### Quadro 3: Narrativa 3

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Indefinido	É porque é assim, eu não tinha nada né. Não ganhava presente, não podia brincar muito, tinha que carregar água pra minha cunhada lavar a roupa. Esse negócio assim.	
Agressão	Eu tinha que trabalhar praticamente. E meu irmão “botava” eu pra ir buscar um bujão na cabeça e se trouxesse rolando e se passasse a mão e tivesse areia, ele <u>batia</u> . Ele queria que eu trouxesse na cabeça. Eu era jovem ainda. E era longe, não era perto não. E ele <u>judiava</u> muito de mim.	
Trabalho	Minha cunhada dizia que eu não queria <u>carregar</u> água, que os vizinhos não “queria” mais que <u>carregasse</u> água, que lá na casa de meu irmão não tinha água. E eu tinha que <u>carregar</u> as dos vizinhos. Aí ela gastando muita água os vizinhos não queria mais dar água. Aí ela ficava dizendo que era eu que não queria <u>carregar</u> .	

Agressão	Aí meu irmão chegava em casa e <u>batia em mim</u> . Toda vez eu <u>apanhava</u> dele, toda vez. Aí fui crescendo e criando um menino que não gostava de ninguém. Fiquei com <u>raiva</u> mesmo. Toda vez sendo <u>judiado</u> à toa. Aí eu fiquei <u>nervoso</u> .	
Mudança	Eu apanhava demais e vivia sendo jogado de uma casa pra outra. “Ia” pra <u>Salvador</u> , de <u>Salvador</u> vinha pra <u>Delmiro</u> , de <u>Delmiro</u> vinha pra <u>Maceió</u> , de <u>Maceió</u> voltava pra <u>Delmiro Gouveia</u> e de <u>Delmiro</u> pra <u>Salvador</u> de novo. Vivia sempre jogado, “dum” canto pra outro. Eu era criança ainda. Aí na minha adolescência eu passei aqui em <u>Maceió</u> , com dezoito anos eu completei aqui em <u>Maceió</u> . Mas, minha vida foi assim. Desde pequenininho, desde novinho que era <u>pra lá e pra cá</u> .	
Abandono	Aí já era um <u>desgosto</u> grande. Porque eu me sentia como um <u>cachorro vira-lata</u> . Eu me sentia como um <u>bicho perdido</u> no mundo, um <u>cachorro jogado</u> no mundo.	
Família	Então eu via as outras crianças tudo tendo casa, sendo feliz com os <u>pais</u> e eu sozinho ali sem ninguém. Porque eu não tinha meu <u>pai</u> comigo. Eu já vim andar na casa de meu <u>pai</u> já depois que eu “tava” de maior. Que eu vim conhecer meu <u>pai</u> com dezoito anos, quando eu “tava” com dezoito anos foi que <u>ele</u> veio aí em Maceió.	
Mudança	Então eu comecei a andar na casa dele. Aí mesmo assim depois de velho que eu continuei nesse batido: <u>São Paulo, Maceió, Salvador, Delmiro Gouveia e a casa de meu pai</u> . Ficava nessa jogada aí. E eu não regulava direito do cérebro mesmo porque pra digerir esse negócio aí é complicado. Aí quando eu “tava” já de maior mesmo, com trinta e poucos anos foi que eu vim abrir a mente e vim procurar um <u>lugar</u> .	
Mulheres	Aí foi que eu comecei a arrumar gente, morar junto com <u>mulher</u> , essas coisas, passar “uns tempo” <u>com uma</u> , daí separava e passava uns tempo <u>com outra</u> . E assim foi que eu comecei a viver né.	
Abandono	Mais quando eu era criança era assim. Era <u>triste</u> . Já <u>jogado no mundo</u> de um canto pra outro. Aí não tinha como. Só isso mesmo. <u>Jogado igual cachorro vira-lata</u> . (suspiro)	
Família	A única que ainda durava um bocado comigo em casa era minha <u>tia</u> , essa de Delmiro Gouveia. Mais foi tanto que quando <u>ela</u> morreu, <u>ela</u> e minha outra <u>tia</u> lá de Piranhas, aí eu ganhei o mundo. Não achei mais solução. Morreu <u>ela</u> , minha <u>tia</u> e meu <u>paino</u> meio da páscoa. No meio da páscoa morreu todos três logo.	
Mudança	Aí eu ganhei o <u>mundo</u> , não fiquei mais por aqui. Nessa época que eu fui <u>embora</u> daqui.	
Abandono	Só isso mesmo. <u>Tristeza!</u>	

## Narrativas do Tempo Presente (quadros 4, 5 e 6)

## Quadro 4:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Emprego	O que faz eu estar ainda em situação de rua é que eu não tenho <u>emprego</u> entendeu. Não tenho condições financeiras, não tenho <u>emprego</u> . Não tenho como me erguer novamente.	
Moradia	Tá faltando uma <u>casa</u> que agora a dona J. fez a inscrição <u>habitação</u> pra mim e eu consegui.	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	Que essa <u>dona J.</u> é uma estrela de luz pra mim né, <u>ela é</u> minha vida.	
Moradia	Ela vai conseguir uma <u>casa</u> pra mim já. Já fez a <u>habitação</u> e eu vou morar no meu <u>cantinho</u> .	
Cidadão	E vou viver <u>minha vida</u> novamente né, normal. Uma vida de <u>cidadão</u> , se Deus quiser porque ultimamente...	
Moradia	Eu tinha conseguido uma <u>casa</u> lá em Cuiabá, morava com a mulher e tudo. Mas perdi a <u>casa</u> pra ela e fiquei na rua de novo, em situação de rua. Aí “vim me” embora pra cá. Aí agora aqui eu fiz a <u>habitação</u> , vou conseguir a <u>casa</u> de novo. Já tá tudo certinho, só esperar agora em dezembro talvez eu consiga minha <u>casa</u> . Só isso aí. “Tô” pra conseguir minha <u>casa</u> se Deus quiser! Eu consegui uma <u>casa</u> em Cuiabá, cheguei a morar na <u>casa</u> com a mulher, mas a mulher começou a me colocar na parede e queria que eu fosse embora de qualquer jeito.	
Brigas	Quando foi no dia “deu” ir embora aí ela, a gente <u>brigou</u> e deu no que deu.	
Cadeia	Fui parar na <u>cadeia</u> .	
Benefício	Aí eu perdi o <u>benefício</u> que eu tinha também, tive <u>benefício</u> . Lá em Cuiabá eu já recebia o <u>benefício</u> e agora eu vou ver se consigo de novo o <u>benefício</u> . Mas lá eu tinha meu <u>benefício</u> .	
Emprego	<u>Trabalhava</u> e ainda ganhava mil conto por mês, ainda fazia <u>serviço</u> fim de semana, feriado eu fazia esse <u>servicinho</u> e ganhava um troquinho. Não ficava <u>parado</u> maneira alguma.	

Conhecimento	Agora aqui não, aqui eu “tô” parado de tudo quanto é jeito. Não tenho <u>conhecimento</u> , aqui eu não tenho nenhum, aí fica difícil pra mim. Que o que importa é o <u>conhecimento</u> , a pessoa tendo <u>conhecimento</u> a pessoa consegue serviço, consegue essas coisas.	
Família	Se eu conseguir minha casa eu vou lá em cima, converso com meu <u>irmão</u> , converso com meus <u>primos</u> e consigo minhas coisinhas e com meu <u>irmão</u> vou ver se consigo um servicinho pra eu me manter né. É isso aí!	
Benefício	O <u>benefício</u> que eu recebia era o auxílio doença, problema psicológico.	
Moradia	E o cadastro da <u>habitação</u> foi no “minha <u>casa</u> , minha vida”. A <u>casa</u> em Cuiabá eu ganhei de um colega meu. Teve em área de risco aí ele saiu da <u>casa</u> pra ganhar uma <u>casa</u> e eu fiquei na <u>casa</u> dele. Aí aquela <u>casa</u> que era dele ficou sendo minha, ele me deu. Aí só que a mulher teve o olho grande e começou a crescer o olho e a querer ficar com a <u>casa</u> . Arrumei a <u>casinha</u> todinha e ela quis ficar com a <u>casa</u> .	
Brigas	Aí ela acabou me <u>batendo</u> , aí eu me <u>zanguei</u> . Eu “tava” bêbado e tinha tomado remédio aí <u>meti o pau</u> nela também. Meti a <u>faca</u> nela, deu um “ <u>desmantelo</u> ” lá. Agora <u>aspauladas</u> eu lembro vagamente, mas desse negócio de <u>faca</u> eu não lembro não.	
Cadeia	Aí fui pra <u>cadeia</u> , passei um ano e onze meses. Todo mundo na <u>cadeia</u> lá gostava de mim. Tinha uns pessoal lá que gostava, a maioria e a maioria é o que importa. Alguns tinha raiva, mas não tinha coragem de enfrentar. Eu era meio enjoado <u>lá dentro</u> também, eu não era boa peça também não. Aí pronto! Saí da <u>cadeia</u> .	
Moradia	E fui procurar meu destino, fiquei no <u>albergue</u> .	
Cadeia	Aí foi meu <u>juízo</u> . Fui <u>juizado</u> . Aí fui liberado porque caiu por <u>lesão corporal</u> .	
Mulheres	E não foi tudo aquilo que <u>eladizia</u> . <u>Ela</u> falou que eu bati <u>nela</u> com taco de sinuca e dentro de casa não tem sinuca, nem tinha taco. E <u>ela</u> enganchou num...eu enganchei na corrente do cachorro e lá não tinha cachorro entendeu? Porque o nosso cachorro era uma cachorrinha que tinha fugido. E <u>ela</u> inventou muita mentira.	Refere-se à mulher com quem ele morava
Cadeia	Só que a advogada foi muito boa e caiu tudo por terra, aí eu fui só condenado por <u>lesão corporal</u> . Baixou tudo pra <u>lesão corporal</u> , aí era seis meses de <u>reclusão</u> e como eu já <u>passei um ano e onze meses eu saí livre pela portada frente</u> sossegado entendeu?	
Moradia	E ela ficou com a <u>casa</u> que ela queria né? Só isso! Isso tudo em Cuiabá.	

Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<p>Agora quando eu cheguei aqui encontrei <u>essa estrela, esse anjo</u> de luz, a <u>minha princesa J.Essa J</u>, tá no meu coração, <u>ela</u> fez muita coisa por mim, <u>ela</u> me ajuda muito. Quando tem qualquer problema eu “vô” lá conversar com <u>ela</u> e <u>ela</u> me atende muito bem, entendeu? E é assim, <u>dona J</u>, tá sendo uma mãe pra mim. Uma mãe que eu não tive. <u>Ela</u> tá sendo uma mãe mesmo. E eu gosto muito da <u>dona J</u>. Ave Maria, se alguma pessoa falar mal da <u>dona J</u>. E num lugar desse não falta quem fale né?<u>eu fico com o coração apertado</u>. Mas como não pode brigar, não pode fazer nada aí eu também fico calado. Que <u>ela</u> sabe que a maioria do pessoal fala <u>dela</u>. Na frente fala bem e atrás fala mal. Mas eu não tenho o que falar mal <u>dela</u>, pra mim <u>ela</u> é um anjo de luz, <u>ela</u> é minha estrela guia. Não tem pra onde. É isso aí.</p>	
Emprego	<p>Não tenho <u>emprego</u> e “tô” esperando essa casa. <u>Eu “tô” aqui nesse lugar e não tem condições “deu” sair pra longe pra procurar um emprego.</u></p>	
Família	<p><u>Também “tô” no aguardo que meu irmão me procure, na esperança que um dia meu irmão apareça aí.</u></p>	
Moradia	<p><u>Aí eu fico por aqui sempre.</u></p>	<p>“aqui” refere-se ao albergue</p>
Conhecimento	<p><u>E também não tenho conhecimento.</u></p>	
Emprego	<p><u>Quem tem profissão pra arrumar emprego é difícil, imagina eu que não tenho profissão. Tô com 49 anos e não tenho uma profissão.</u></p>	
Benefício	<p><u>Vou tentar ver se consigo o benefício. Já vai ser o mês que vem, dia 10 do mês que vem, 08h40min da manhã. Aí eu vou ver se consigo receber o benefício de volta que aí já melhora, já ajuda. Aí eu “tando” no meu canto eu vou ver o que eu consigo fazer com esse benefício. É isso aí.</u></p>	
Transtorno Mental	<p><u>O benefício que vou tentar é de problema psicológico, mas não sei o que é. Da outra vez quando eu fui pegar minha carteirinha de ônibus, diz que era... meu Deus do céu, diz que era <u>esquizofrenia</u>. O médico explicando pro outro que “ia” ficar no lugar dele, aí ele explicou que era <u>esquizofrenia</u>. Aí eu coloquei isso na cabeça. Aí eu fui e perguntei pro outro médico e o outro médico disse: “não é <u>esquizofrenia</u>, você não tem <u>esquizofrenia</u>”. Então, eu não sei o que é. Porque um disse uma coisa e o outro já disse que é outra e agora “vamo” vê aí com esse médico, o que ele vai resolver pra mim.</u></p>	
Benefício	<p><u>Vou ver se consigo, se eu não conseguir também a vida continua.</u></p>	<p>Refere-se ao benefício</p>

Moradia	<b>Eu tendo meu <u>cantinho</u> eu tenho que correr atrás de qualquer jeito.</b>	
Emprego	<b>Eu vô querer <u>trabalhar</u> porque um salário também é meio complicado, não dá. Eu vô vê se <u>trabalho</u> como servente de pedreiro, qualquer coisa que dê pra <u>trabalhar eu trabalho</u>.</b>	
Moradia	<b>E a <u>casa</u> só falta esperar o sorteio. E se Deus quiser sai esse sorteio aí e eu fico contente. Assim que disser: “óh o seu nome saiu no diário oficial”.</b>	
Família	<b>Aí eu já vou procurar meu <u>primo</u>, já vou procurar o meu <u>irmão</u> pra poder <u>eles</u> me ajudarem com os móveis, com as coisas né? Da <u>minha</u> casinha. Porque <u>eles</u> querem ver eu quieto num canto, então essa é a oportunidade. E eu já tô velho também e não “tô” aguentando mais andar não.</b>	
Moradia	<b>É a oportunidade “deu” me estabelecer num <u>canto</u>. Porque agora eu tô sozinho, <b>vou ficar sozinho no meu <u>canto</u>.</b></b>	
Mulheres	<b>Não quero saber de “<u>muié</u>” pra perturbar meu juízo não. Porque essas “<u>muié</u>” desmantelada de albergue pra mim não tem futuro. Isso aí não é “<u>muié</u>” não, isso é “baguio”. Isso aí tudinho tem problema com droga, tem problema com bebida, tem problema com a família. É a mesma coisa do “<u>homi</u>”, talvez pior que o “<u>homi</u>”. Porque o homem já é desmantelado mesmo, mas quando a “<u>muié</u>” chega a ficar numa situação dessa é porque boa coisa não é. E a <u>minha</u> eu tirei numa casa dessas. Tirei, <u>ela</u> disse que tinha parado de usar droga. Eu acreditei, dei a maior força. Fiquei, fiquei e quando foi morar comigo poucos dias depois “tava” chupando que nem uma cascavel, parecendo que “tava” chupando um doce bem gostoso de tanto fumar pedra. Aí eu chegava em casa e eu já percebia porque eu ajudava lá no albergue de Cuiabá. Aí eu percebia que <u>ela</u> tinha usado. E eu dizia: “já usou essa porcaria aí?”. E <u>ela</u>: “larga minha vida, você não tem nada a ver com minha vida não... que não sei o que, não sei o que”. Aí começava a discutir, só brigava comigo e eu fazia rir e brincar e tudo. Aí acabou no que acabou, deu o problema que deu. Então a vida continua, larguei <u>ela</u> pra lá e foi viver a vida <u>dela</u>, morrer com as próprias mãos. E eu “tô” tocando <u>minha vida pra frente</u>.</b>	
Moradia	<b>Agora vou viver no meu <u>cantinho</u> sossegado, sem ninguém pra encher minha paciência.</b>	

Mulheres	Se arrumar é <u>uma pessoa</u> que eu primeiro tenho que conhecer a família, tenho que conhecer todo mundo pra ver o temperamento <u>da pessoa</u> . Não vou mais me agarrar com a primeira coisa que vem porque eu não ando desesperado mesmo. Eu sou feio, mas não tô desesperado não. É isso aí.	
Indefinido	Vou tocar minha vida pra frente se Deus quiser. É o que eu mais quero.	
Tranquilidade	Esse tempo de tormenta já passou, eu agora “tô” muito mais <u>sossegado</u> .	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	Quando eu cheguei aqui eu ainda era meio estourado, mas a pessoa maravilhosa que a <u>dona J.é, ela</u> conversando comigo amoleceu meu coração.	
Indefinido	Meu coração ficou igual a uma manteiga, passa a faca, afunda a faca, coração mole.	
Brigas	E agora já tive muita <u>discussão</u> aqui.	
Transtorno Mental	Porque um lugar desse aqui que “tô” fazendo meu <u>tratamento</u> , num lugar desse aqui não é um lugar pra uma pessoa que nem eu.	
Indefinido	Porque sempre tem uma pessoa pra encher a paciência. Aqui é o sistema da rua, a gente não ouve nada, não vê nada e não fala nada e é isso aí. Só isso mesmo.	

#### Quadro 5:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Tranquilidade	Agora eu penso nas pessoas né? Não penso em fazer maldade com ninguém, só penso em <u>sossego</u> .	
Moradia	Só penso em conseguir minha <u>casinha</u> pra poder viver minha vida em paz.	
Agressão	Só penso em tocar minha vida pra frente, não penso mais em fazer <u>maldade</u> que antes eu pensava em fazer <u>maldade</u> . Qualquer “ <u>discussãozinha</u> ” que eu tinha guardava no coração e ficava com aquela mágoa. Aí ficava pensando em fazer <u>maldade</u> com a pessoa, primeiro vacilo que me dava eu fazia <u>maldade</u> . Eu achava que “tava” me defendendo, “tava” fazendo o certo, mas sempre é o errado.	
Tranquilidade	Então, hoje em dia eu “tô” mais <u>tranquilo</u> , “tô” mais <u>sossegado</u> . Só isso! É por causa da <u>tranquilidade</u> .	
Remédio	Por causa dos <u>remédios</u> que eu “tô” tomando. Logo	

	quando eu cheguei aqui tinha um rapaz que encheu minha paciência muito, aí eu fiquei com vontade de catar ele. Aí indo pro <u>CAPS</u> de novo, comecei a tomar <u>remédio</u> , comecei a dormir normal novamente.	
Tranquilidade	Aí fiquei <u>tranquilo</u> até hoje, até hoje eu “tô” <u>tranquilo</u> . O pessoal já me conhece, ninguém enche minha paciência mais, o pessoal não me incomoda. Então eu deixo eles pra lá e eu fico no meu canto e eles ficam no canto deles.	
Drogas	Eles <u>fumam</u> as porcaria deles pra lá e eu fico <u>fumando</u> meu “porranquinho”, fico no meu cantinho quieto. Aí eu fico <u>fumando</u> meu <u>cigarrinho</u> de fumo e nem eles me incomodam e nem eu incomodo eles. Eles nem me pedem <u>cigarro</u> porque sabem que eu não “do” também. Eles têm dinheiro pra comprar <u>maconha</u> e “num” tem dinheiro pra comprar um pacote de fumo? O <u>cigarro de maconha</u> é 5 reais e o pacote de fumo é 2 reais. Então eu não “do”. Porque não é ruindade não, é porque se eles têm dinheiro pra gastar porcaria, eles podem muito bem sustentar o <u>vício</u> deles. <b>Eu não vou sustentar o vício de ninguém.</b>	
Tranquilidade	<b>Aí pronto, ninguém me incomoda e eu fico no meu canto quieto, eles ficam no canto deles. Fico <u>sossegado</u>, continuo <u>sossegado</u>.</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<u>Dona J.</u> já conversou comigo tudo certinho, disse que era pra fazer meu tratamento direitinho. E até hoje eu “tô” obedecendo as ordens <u>dela</u> né, o que <u>elamandou</u> eu fazer e eu “tô” fazendo.	
Tranquilidade	<b>“Tô” ficando <u>sossegado</u>. Quando acontece confusão eu falo o que tem que falar e vou para o meu quarto.</b>	
Brigas	Já teve até um que disse que “ia” me <u>pegar</u> aí fora, no mesmo instante eu saí pra fumar, ele saiu e foi lá pro outro lado e eu fiquei do lado de cá. Aí pensei: “que homem é esse que diz que ‘ia’ me <u>pegar</u> e não veio?”. Já saí na intenção dele me <u>pegar</u> , aí já com um pouco de maldade no coração. Porque às vezes a gente tem um minuto de loucura, cada um tem um minuto de loucura. E nesse minuto aí faz besteira sem saber. Às vezes quando o ódio vem no coração da gente, a gente faz <u>besteira</u> . Quando a gente vê já fez <u>besteira</u> .	
Tranquilidade	<b>Então é isso aí que eu procuro me controlar. Vê o que falo, vê o que faço pra poder não incomodar ninguém e não me incomodar também. E não atrapalha minha vida. É isso aí! Eles sabem o limite, sabem que não podem mexer comigo e eu fico no meu canto e eles ficam no canto deles. E é</b>	

	<p>assim que a gente toca a vida, assim que a banda toca. Aí eu fico <u>tranquilo</u> no meu canto e eles ficam <u>tranquilo</u> no canto deles, não tem problema nenhum. Fico sempre <u>sossegado</u> pra não dar trabalho para o pessoal da casa, para os funcionários porque os funcionários são pessoas excelentes também. Eles tratam a gente bem entendeu? Tem hora que uns ficam nervoso às vezes, mas a gente respeita o lado deles e eles respeitam o lado da gente também. São tudo boas pessoas, pra mim não tem gente ruim não, tudo gente boa e é assim mesmo.</p>	
Brigas	<p>O problema é não tocar em mim, enquanto “tiver” discutindo “tá” bom. Mas se tocar em mim, bater em mim com alguma coisa aí o remédio não dá jeito, ninguém dá jeito. Ainda hoje em dia, nada dá jeito. Porque o que aconteceu lá atrás com minha mulher foi porque ela bateu em mim, então se a pessoa “triscar” em mim aí pronto! Aí me perdoe porque eu não vou me segurar não. Faço de tudo pra não brigar, mas também se a pessoa tocar em mim aí a briga “tá” certa mesmo. Aí a confusão é grande, o cara pode correr porque se ele bater em mim ele pode correr, ele não fique não porque se ele ficar ele leva. Eu não vou bater em ninguém porque eu não sou pai de ninguém, mas eu já faço coisa ruim mesmo.</p>	
Tranquilidade	<p>É só isso aí mesmo, é só não mexer comigo que eu fico <u>tranquilo</u> no meu canto. Meu remédio já é para controlar o meu nervo pra eu ficar <u>tranquilo</u>. Fico <u>sossegado</u> o dia todo, durmo <u>sossegado</u>, mas se a pessoa mexer comigo eu não me controlo não, já é de mim mesmo. Não sei o que é isso não, só sei que é de mim.</p>	
Tristeza	<p>Falo de coração mole porque hoje em dia eu gosto das pessoas, eu tenho dó das pessoas quando as pessoas “tão” com problema eu fico <u>triste</u>, fico muito, muito <u>triste</u>. Quando eu não posso ajudar a pessoa eu também fico <u>triste</u>. Daí quando eu vejo os irmãozinho lá fora pedindo comida, por exemplo, quando não tem mais comida, aquilo ali eu fico <u>triste</u> pra caramba porque eu não posso fazer nada. E quando tem alguma pessoa com problema aqui dentro doente ou alguma coisa assim eu fico <u>triste</u> também.</p>	
Preocupação	<p>Então meu coração amoleceu muito porque antes eu podia ver a pessoa doente e eu não “tava” nem aí, podia ver a pessoa com fome e eu não “tava” nem aí. Hoje em dia não, hoje em dia eu me <u>preocupo</u>, hoje em dia eu fico triste. É só isso aí o</p>	

	coração mole, porque eu me <u>preocupo</u> com os irmãozinho, principalmente quando tem uma pessoa que é gente boa e bebe ou faz alguma coisa de errado aqui que é posto pra fora. Aquilo ali me corta o coração.	
Moradia	<b>Eu não posso fazer nada que o cara não vai com a regra da <u>casa</u>. Todo lugar tem regra, até na própria <u>casa</u> da gente a gente impõe regra. Porque se não tiver regra não vai pra frente, tendo mais de uma pessoa dentro da <u>casa</u> tem que ter regra se não vira bagunça. Então, é isso aí.</b>	
Tranquilidade	Eu sou muito <u>tranquilo</u> porque eu já “tô” um bocado de tempo aqui e graças à Deus nunca mais teve problema, “tô” <u>sossegado</u> , não briguei com ninguém, só isso. Muito <u>sossegado</u> mesmo.	

Quadro 6:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Tranquilidade	É um pouco difícil de falar sobre a gente, pra falar sobre a gente mesmo é mais complicado do que falar sobre os outros. Mas, essa pessoa tranquila que eu “tô” vendo agora é uma pessoa que mudou bastante no decorrer do tempo, com a idade também né?	
Pensamento	<b>A idade vem chegando e a gente vai tendo outro pensar, a gente vai pensando diferente, a gente vai abrandando mais o coração, a gente vai observando as coisas como elas são e o que é certo e o que é errado a gente tem que distinguir um do outro pra poder toda hora não “tá” errando a gente erra direto.</b>	
Tranquilidade	<b>Mas quando a gente “tá” numa certa idade, a gente tem mais <u>cautela</u>. É isso aí! O homem de hoje em dia é mais <u>sossegado</u> porque procura ver as coisas primeiro né?</b>	
Pensamento	<b>Procura ver direito pra não errar. Então é isso aí, a gente <u>observando</u> as coisas pra não errar, aí a gente vai se tornando uma pessoa melhor. A gente quando faz as coisas sem <u>pensar</u> a gente faz besteira direto e a gente fazendo <u>pensando</u> a gente vai melhorando um pouquinho cada dia mais. Só isso mesmo!</b>	
Abandono	<b>Antes eu <u>não gostava</u> muito de ninguém, não, pra mim não era apegado a ninguém.</b>	
Amizade	<b>Hoje em dia eu me <u>apego</u> às pessoas, faço <u>amizades</u>. Antigamente eu não tinha muita</b>	

	<p>amizade porque qualquer besteirinha a <u>amizade</u> sumia e era complicado. <b>Então hoje em dia eu consigo fazer mais <u>amizade</u>, conversar mais.</b> Tem um senhor aqui que eu converso com ele direto, sento ali do outro lado e fico conversando com ele a tarde todinha. Toda vez que saio pra fumar, saio mais ele e fico sentado mais ele conversando, batendo papo. Peguei uma <u>afinidade</u> com ele. Antigamente não tinha esse negócio, gostava de andar sozinho.</p>	
Tranquilidade	<p>Quando andava em grupo, era um grupo de cabra desmantelado também. <b>Então, hoje em dia eu procuro as pessoas mais velhas, mais <u>tranquilas</u> pra poder andar com elas, pessoas que não façam coisa errada. Eu “tô” tentando mudar né? Tentando mudar mesmo. É isso aí!</b></p>	
Amizade	<p>Quando ando com as pessoas tranquilas me ajuda porque quando a gente quer fazer uma besteira, “tá” um pouco nervoso, essas pessoas tem que dar <u>conselho</u>: “se acalme, pára com isso, deixa pra lá, larga de mão”. <u>Eles ajuda dando conselho.</u></p>	
Preocupação	<p>As pessoas fazem as coisas erradas, são pessoas boas, mas usa droga, usa bebida e não consegue parar. Então eu tenho <u>pena</u> dessas pessoas porque eu também já fui assim entendeu? Então eu sinto <u>pena</u>, porque estão tentando ajudar elas e elas não querem ser <u>ajudadas</u>.</p>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<p><u>Dona J.</u> tenta ajudar esse povo, mas eles não quer ser ajudado.</p>	
Preocupação	<p>Às vezes por displicência, mas porque não sofreu consequência por aí ainda pra poder parar com essas coisas. Eu <u>sinto pena</u> porque essas pessoas não conseguem se livrar dessa maldição. Porque pra mim esse negócio aí é uma maldição. As pessoas pensam que é safadeza, mas não! Só quem sabe o que é, é quem já “teve” dentro e sabe o que é isso. Isso aí é uma <u>tristeza</u>, como um vício qualquer.</p>	
Drogas	<p><b>Qualquer vício, nenhum presta. De jogo, de <u>droga</u> e <u>bebida</u>, nenhum presta. Então é isso aí que eu tenho pra dizer.</b></p>	
Agressão	<p>Às vezes essas pessoas faz <u>maldade</u> sem querer, porque as pessoas que usa essas coisas aí, bebida, esses negócio, fazem as besteiras sem querer, fazem por instinto. Porque fazem mesmo, mas sem <u>maldade</u>, muita gente faz sem <u>maldade</u>. Aí faz a besteira, quando vai ver já</p>	

	<b>fez.</b>	
Indefinido	<b>Aí diz: “eu sou o cara!” e naquilo ali bota na cabeça que é o cara e diz que não tem pena de ninguém e fica por isso mesmo, mas se a pessoa parar para pensar direitinho, a pessoa vai pelo certo, ela vai ver que esse negócio aí “tá” errado.</b>	
Pensamento	<b>Ele vai procurar piedade, porque antes eu fazia assim também. Agora eu “tô” <u>pensando</u> antes de fazer as coisas, <u>penso</u> duas vezes. Então é isso aí, a pessoa tem que procurar fazer a coisa certa. Só isso mesmo.</b>	

### Narrativas do Tempo Futuro (quadros 7, 8 e 9)

#### Quadro 7:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Moradia	<b>Daqui pra frente se Deus quiser vou conseguir a minha <u>casinha</u> e vou trabalhar pra tocar minha vida pra frente né? Viver minha vida que já “tava” num fosso. Agora não, agora eu “tô” querendo construir minha vida. E eu conseguindo minha <u>casinha</u>, vou <u>morar no que é meu</u>. Vou viver a minha vida.</b>	
Emprego	<b>Vou <u>trabalhar de novo</u>, vou tocar minha vida pra frente. É isso aí! É <u>começar a trabalhar</u>.</b>	
Família	<b>E com a ajuda de meu <u>irmão</u> eu vou continuar minha vida, porque pra começar tem que ter a ajuda de alguém. Eu vou procurar meu <u>irmão</u> pro meu <u>irmão</u> me ajudar. E aí eu tenho certeza que <u>ele</u> vai me ajudar. Pra <u>ele</u> arrumar um serviço pra mim. Pra quando eu me apertar também eu recorro a <u>ele</u>. Sempre recorri a <u>ele</u> e <u>ele</u> sempre me ajudou. Aí <u>ele</u> me empresta dinheiro, eu pago a <u>ele</u> quando for pra pagar algumas contas quando eu estiver sem dinheiro. Eu sempre procuro <u>ele</u>, aí pego emprestado com <u>ele</u> e depois eu pago. É isso aí!</b>	
Moradia	<b>Assim, eu tendo minha <u>casinha</u> eu vou “tá” no que é meu. Vou viver a minha vida, vou reconstruir minha vida, continuar pra frente. Então é isso aí. Sair do <u>albergue</u> já é uma vitória. Vou pra minha <u>casinha</u>, começo a trabalhar, vou comprando minhas coisinhas, mobiliando minha <u>casa</u> e cuidando da minha saúde. Aí esse homem aí vai tocar a vida pra frente, é isso aí, tocar a vida.</b>	
Emprego	<b>Eu <u>vendia prestação</u>. Então eu já posso <u>trabalhar</u> com isso, mas vou pegar o empréstimo por fora porque quando estiver em tempo eu tenho como</b>	

	recorrer a minha aposentadoria que “tô” ficando velho né?	
Cidadão	É difícil falar sobre a gente mesmo, é difícil. Mas eu vou me sentir um <u>cidadão</u> de bem.	
Moradia	Porque eu vou ter minha <u>casa</u> .	
Emprego	Vou ter meu <u>trabalho</u> , vou andar com as minhas próprias pernas, vou me <u>sustentar</u> .	
Cidadão	Então o que <u>eu</u> quiser comer eu como, na hora que eu quiser dormir <u>eu</u> durmo, se <u>eu</u> não quiser dormir <u>eu</u> não durmo entendeu? <u>Eu</u> vou viver pra mim mesmo. Não vou viver à custa dos outros, esperando pelos outros. Porque aqui a gente espera pelos outros né?	O “eu” se refere a cidadão, pois é o momento em que o entrevistado apresenta uma autonomia de reconhecimento por ser um cidadão.
Moradia	E eu tendo minha <u>casa</u> eu vou viver minha vida. É isso aí, só isso. Trabalhar e viver minha vida. Tocar minha vida pra frente, se Deus quiser e ele quer. Minha <u>casa</u> vai sair, logo, logo “tá” saindo. Já é um bom começo. “Tô” esperando que saia essa <u>casinha</u> aí, já sonhei tanto com essa <u>casa</u> , sonhei demais, já pensei, já fiz muitos planos com a chegada dessa <u>casa</u> . Conseguir minhas coisinhas, comprar minhas coisinhas, mobiliar minha <u>casa</u> da maneira que eu quero. Não deixar faltar nada e trabalhar pra tocar minha vida pra frente, pra não faltar nada dentro de <u>casa</u> e sempre ter um troquinho separado pra quando precisar ter um dinheiro. É isso aí, meu plano é esse. Agora explicar esse negócio é difícil porque falar logo na <u>casa</u> já fico agoniado. Agoniado pela espera, porque “tô” esperando essa <u>casa</u> já tem dias já. Logo, logo <u>ela</u> sai.	
Família	Eu não consegui mais contato com o meu <u>irmão</u> porque se não eu ia pedir um celular pra pegar contato com <u>ele</u> , do meu <u>sobrinho</u> e minha <u>sobrinha</u> . Do meu <u>primo</u> eu tenho na caderneta.	
Celular	Mas não <u>ligo</u> daqui do albergue, ligo do <u>celular</u> de alguém. Coloco crédito e <u>ligo</u> .	
Família	Quando eu tinha meu celular ligava direto pra <u>ele</u> , era a <u>única</u> pessoa que eu tinha o número quando “tava” longe daqui.	

Celular	<b>Mas agora eu não tenho <u>celular</u> porque eu vendi para comprar os remédios e fiquei sem <u>celular</u>.</b>	
Tranquilidade	<b>Quero viver minha vida <u>sossegado</u>, <u>tranquilo</u> e sem problemas. Só isso mesmo!</b>	

**Quadro 8:**

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Cidadão	<b>Esse <u>cidadão</u> de bem é ter minha casa, ter o meu trabalho, tocar a minha vida pra frente. Ser <u>cidadão</u> de bem é trabalhar sossegado, viver minha vida mesmo, sem precisar das pessoas, tocando minha vida por mim mesmo.</b>	
Moradia	<b>Porque <u>aqui</u> a gente “tá” dependendo dos outros. Na <u>casa</u> não, na <u>casa</u> a gente vai trabalhar, vai manter o padrão de vida. É isso aí!“Tando” na minha <u>casa</u>, “tando” trabalhando, eu vivendo as minhas custas entendeu? Sem depender das pessoas.<u>Aqui</u> não, <u>aqui</u> a gente depende dos outros. Tem que esperar a hora pra dormir, esperar o horário pra comer, tudo tem horário aqui.Na <u>casa</u> da gente não, na <u>casa</u> da gente a hora que a gente quiser come, na hora que quiser dormir dorme, na <u>casa</u> da gente é diferente porque a gente é que comanda o que a gente faz.<u>Aqui</u> não, <u>aqui</u> tem regras.Lá na minha <u>casa</u> seria eu que mandava, a minha regra.</b>	“aqui” se refere ao albergue
Tranquilidade	<b>A minha regra é viver minha vida sossegado.</b>	
Moradia	<b>Ver minha TV é tomar meus banhos na hora certa que <u>aqui</u> na pode.Que às vezes a gente chega no banheiro e tem gente né?E <u>lá</u> não, <u>lá</u> vai ser o banheiro só pra mim. Cozinhar minha comidinha, na hora que eu tiver com fome comer, pode ser 22hs, 23hs. Querendo almoçar eu almoço, <u>aqui</u> não, <u>aqui</u> tem que ser no horário que chega a comida. Então é isso aí! Só isso!</b>	Na palavra “lá” ele se refere a sua futura casa
Emprego	<b><u>Trabalhar</u>, chegar em casa na hora certa sossegado. Se for esse <u>trabalho</u> de vender prestação, eu posso <u>trabalhar</u> até meio dia e ficar a tarde todinha em casa. Quando eu quiser eu <u>trabalho</u> o dia todo.Eu sempre vendi prestação, às vezes eu <u>trabalhava</u> uma parte do dia, às vezes eu <u>trabalhava</u> o dia todo. Quando o dia “tava” bom eu continuava o dia todinho, mas quando “tava” ruim eu só <u>trabalhava</u> até</b>	

	<b>meio dia. É isso aí! O serviço aí é sossegado. E eu já sei o que é que vou fazer. Se não tiver prestação eu posso <u>trabalhar</u> de ajudante de pedreiro mesmo. Não tem problema, qualquer serviço pra mim é bom.</b>	
Moradia	<b>A regra é na hora que quiser comer eu como, que quiser dormir eu durmo, na hora que quiser assistir televisão eu assisto. <u>Aqui</u> não pode assistir até tarde, tem uns programas que <u>aqui</u> não pode assistir. “Tando” em <u>casa</u> não, a gente pode assistir a programação sossegado. E <u>aqui</u> tem essas regras contra a gente. A regra a favor é a gente chegar na nossa <u>casa</u> e poder assistir a televisão a hora que quer. Tomar banho a hora que quer, ter um banheiro só pra gente, comer a hora que quer, entendeu? A regra já inverte pra gente. Só isso mesmo!</b>	“aqui” ele se refere ao albergue
Liberdade	<b>Isso aí é <u>liberdade</u>, porque aqui a gente não “tá” na <u>liberdade</u> total. Em casa que a gente vai “tá” <u>liberto</u>, em <u>liberdade</u>. <u>Aqui</u> a <u>liberdade</u> é reduzida, tem regra pra tudo. Então, se a gente sai de manhã só pode voltar meio dia.</b>	
Moradia	<b>Então tem essas regras que em <u>casa</u> a gente pode chegar a hora que quer pra fazer o que quer. Mas <u>aqui</u> tem regras e a gente tem que respeitar. É isso aí!</b>	“aqui” ele se refere ao albergue
Tranquilidade	<b>Ser um cara do bem é ter também uma boa vizinhança, que converse nas horas vagas, joga um baralho, um dominó. É só ter que interagir com os vizinhos.</b>	
Indefinido	<b>Eu também não vou ficar trancado no meu mundinho que aí complica.</b>	
Moradia	<b>Talvez até eu fique trancado no meu mundinho, só no meu <u>barraco</u> mesmo, na minha <u>casa</u> mesmo. Muitas vezes é melhor “tá” dentro de <u>casa</u> do que “tá” com vizinho arrumando confusão. Então eu posso ficar só dentro de <u>casa</u> mesmo, do trabalho pra <u>casa</u>. Vai depender da vizinhança.</b>	

#### Quadro 9:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Tranquilidade	<b>Pra mim a regra é viver minha vida <u>sossegado</u>, viver <u>tranquilo</u> entendeu? Trabalhando, ficar na minha casa <u>sossegado</u> e manter minha vida</b>	

	<b>tranquila sem brigas, sem problemas. Essa é a regra, regra básica.</b>	
Brigas	<b>Assim, no passado eu já tive muitos <u>problemas</u>, andei com muitos <u>problemas</u>.</b>	
Tranquilidade	<b>Mas agora eu quero tocar minha vida comum, normal. Sem arrumar problema, viver minha vida <u>sossegado</u>, sem problema com ninguém. Nem com justiça, nem com nada. Viver minha vida <u>tranquilo</u>.</b>	
Emprego	<b><u>Trabalhando</u>, da minha casa pro <u>trabalho</u>, do <u>trabalho</u> pra minha casa, sossegado. Só isso aí mesmo!</b>	
Moradia	<b>Logo cedo eu vou “tá” dentro de <u>casa</u>.</b>	
Medo	<b>Eu não gosto de <u>andar tarde</u> na rua, não gosto de <u>andar à noite</u> na rua e de dia eu ando, mas de noite não. Eu fico quieto no meu canto. Não gosto de <u>andar de noite</u> nem a pau.</b>	
Indefinido	<b>Vou comer na hora que der fome, preparando a comida e na hora que der fome eu como. Isso aí é normal.</b>	
Moradia	<b>Eu “tando” na minha <u>casa</u> quando der fome e o almoço pronto eu já almoço. Se for na hora da janta vai ser do mesmo jeito. Porque na <u>casa</u> da gente a gente come a hora que quer. É isso aí. Isso aí é sem problema. Por exemplo, se o estômago pedir pra comer às 22hs eu como, se pedir 22:30hs eu como. Porque geralmente quando eu “tô” na minha <u>casa</u> eu preparo o almoço cedo.</b>	
Emprego	<b>A não ser que eu “teja” <u>trabalhando</u>. Se eu tiver <u>trabalhando</u> aí quando eu chegar é que eu vou preparar o almoço. Então eu espero o horário pra quando eu preparar o almoço poder comer. Mas “tando” o almoço pronto geralmente eu deixo pronto e vou <u>trabalhar</u>. Nesse caso aí eu já chego do <u>trabalho</u> e já vou comer sossegado.</b>	
Moradia	<b>E na televisão vou assistir os programas que eu gosto que <u>aqui</u> não pode. Só isso mesmo! Agora é esperar a <u>casa</u> sair, depois que a <u>casa</u> sair eu vou colocar em ordem os planos. A cabeça da gente gira a mil grau. Vou mobiliar minha <u>casinha</u> toda, deixar tudinho do jeito que eu gosto, do jeito que eu quero. Mas com fé em Deus eu consigo isso logo.</b>	

## ANEXO 2

## Entrevistas do participante W. L. S

## Narrativas do Tempo Passado (quadros 1, 2 e 3)

## Quadro 1:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Família	O que me fez ir morar na rua em primeiro lugar foi a <u>família</u> porque comecei assim cedo.	
Casamento	Primeiro me <u>casei</u> com 19 anos, não tinha a experiência mesmo né com a vida de <u>casado</u> . Assim, cara jovem. Aí passei a ter toda a responsabilidade que eu não queria né?	
Drogas	E comecei a sair no mundo, me entreguei ao <u>álcool</u> eu a <u>bebedeira</u> .	
Família	E não respeitava mais <u>família</u> , fiquei no mundo mesmo, abandonei a <u>família</u> e hoje eu “tô” assim perambulando no mundo assim.	
Moradia	Onde eu chego eu tento fazer daquele local um <u>lar</u> até eu encontrar uma coisa melhor pra mim. “Tô” esperando sair <u>daqui</u> pra ver se melhora e consigo minha <u>casinha</u> . Isso aqui é o que eu posso lhe falar da minha vida um pouco. É isso aí o que me fez sair de <u>casa</u> .	“daqui” refere-se ao albergue
Indefinido	E tem mais coisa né, que certas coisas não dá pra falar.	
Família	Não aceitam mais eu dentro de casa, a minha <u>família</u> . Sou do Ceará e minha <u>família</u> lá do Ceará. Quando eu tentei voltar <u>eles</u> não abriram mais a porta pra mim e eu me sinto, pelo que eu fiz, rejeitado. Aí eu não tenho mais cara de voltar pra casa, pra viver com <u>eles</u> .	
Coragem	Não tenho mais. Como se diz assim: não me acho com <u>coragem</u> mais.	
Acolhimento	Aí fico assim no mundo até o dia que Deus quiser e agradeço por ter sido <u>acolhido</u> aqui.	
Desprezo	É isso que eu tenho, tem muitas coisas e fico sem jeito de falar ao <u>desprezo</u> que me deram e fiquei com trauma.	
Família	Minha <u>mãe</u> me desprezou também. Minha <u>mãe</u> não quis mais acordo comigo. Meu <u>pai</u> morreu, não cheguei a encontrar com <u>ele</u> quando “tava” no mundo. E meus <u>irmãos</u> nunca quiseram assim intimidade assim pra conversar, botar os papos em dia. Tudo que eu falava pra <u>eles</u> eu era mentiroso o certo eram <u>eles</u> . Eu não podia se aproximar da minha <u>mãe</u> que minha <u>irmã</u> encostada mais velha dizia que eu não prestava.	

Drogas	<b>A <u>cachaça</u> destruiu um pouco da minha vida.</b>	
Pensamento	<b>Aí não <u>pensava</u> né, mas hoje eu já <u>penso</u>. Mas queria que fosse antes eu <u>pensasse</u> porque eu acho que é tarde agora.</b>	
Família	<b>Eu prefiro “tá” assim, eu não sei o que acontece lá e <u>eles</u> não sabem o que acontece comigo aqui.</b>	
Fé	<b>Eu só peço à <u>Deus</u> mesmo em ter me ajudado e a tocar minha vida.</b>	
Esperança	<b><u>Esperança</u> em mudar a minha vida eu não tenho porque assim, se eu não fiz antes agora que eu não vou fazer mais.</b>	
Coragem	<b>Não tenho mais condições, eu tenho a experiência só não tenho mais <u>coragem</u> pra voltar pra família e fazer de novo. Não tenho mais <u>coragem</u> pra isso. Aí é isso assim.</b>	
Família	<b>Eu abandonei todos da minha <u>família</u> em 2007.</b>	
Mudança	<b>E fui para o <u>mundão</u>. Eu fui pro <u>Maranhão</u>, do <u>Maranhão</u> fui pra <u>Recife</u>, de <u>Recife</u> eu voltei pro <u>Ceará</u> de novo, do <u>Ceará</u> fui pro sul pra <u>Santa Catarina</u>, fui morar em <u>Joenville</u>, fui pra <u>São Paulo</u> e <u>mudei</u>. Aí vim pra <u>Londrina</u> e hoje eu “tô” aqui.</b>	
Família	<b>Quando voltei pro Ceará não me reaproximei da <u>família</u>, fui pra outra cidade no Ceará e não pra ficar perto <u>deles</u>. Ninguém sabe onde é que eu “tô” no momento, nenhum <u>deles</u>. Perdi contato <u>deles</u> tudinho.</b>	
Mudança	<b>Aí de <u>Londrina</u> eu vim pra cá. Aí “tô” <u>aqui</u> agora.</b>	“aqui” refere-se à Maceió
Moradia	<b>Tentando arrumar minha <u>casinha</u> como te falei pra ver se eu melhora a minha vida.</b>	
Velhice	<b>Porque desse jeito não dá não, eu “tô” <u>envelhecendo</u>. Daqui a pouco “tô” com <u>cinquenta anos</u> e aí? Vou viver como? Em abrigo? Tem condições não.</b>	
Drogas	<b>Foi mais a <u>bebida</u> porque a <u>bebida</u> não leva ninguém a nada mesmo não. Hoje quando eu tenho uns problemas aqui eu fico pensando será que eu devo <u>beber</u> outra vez. Eu não digo que não <u>bebo</u>, mas não para ficar <u>bêbado</u>, é só para espairer um pouco. Não <u>bebo</u> mais como eu <u>bebia</u> antes. Chegou a um ponto que a <u>cachaça</u> fez isso comigo, a <u>cachaça</u> não, a minha vontade.</b>	
Família	<b>E me destruiu lá com minha <u>família</u>, hoje eu me sinto sem ninguém da minha <u>família</u>. E agora minha <u>família</u> é onde eu chego, é complicado. Tenho <u>filhos</u> e <u>neta</u>, pra te falar a verdade eu nem sei a idade dos meus <u>filhos</u> mais. Não tenho mais contato com <u>eles</u> né. E minha mãe eu não sei nem se “tá” viva também. Meu <u>padrinho</u> que eu tive também não sei se <u>ele</u> “tá” vivo. Enfim eu perdi o contato todos, não tenho comunicação nenhuma mais.</b>	

Certidão	Pra pedir o <u>registro</u> meu, nem o nome do <u>cartório</u> eu sabia direito porque se eu tivesse o contato com minha mãe ficava mais fácil. Demorou três meses para chegar a <u>certidão</u> .	
Esperança	<b>E minha vida é assim, vivendo e <u>esperando</u> no que vai dar.</b>	
Moradia	<b>Vou ficar por <u>aqui</u> porque eu dependo demais deles por <u>aqui</u>, minha vida “tá” na mão deles abaixo de Deus. Porque eles podem me ajudar e assim eu “tô” levando.</b>	“aqui” refere-se ao albergue
Drogas	<b>Espero seguir meu objetivo e pare com esse negócio de <u>bebedeira</u>. E isso que fez eu ir pra rua, isso não tiro da cabeça que foi a <u>bebida</u>. <u>Droga</u> nenhuma eu uso, é a <u>bebida</u> mesmo. Me envolvi demais com a <u>bebida</u> e achando bom eu perdi a família, perdi o caráter, perdi filho, mulher, tudo. Não tenho dúvida que não foi a <u>bebida</u>, foi a <u>bebida</u> sim. Farra né de adolescente, caí na conversa dos outros, experimentei primeiro e foi daí que começou.</b>	
Indefinido	<b>Eu acho que é isso mesmo que complicou quase metade da minha vida.</b>	
Tristeza	<b>E eu não quero mais viver assim, não sei mais o que te dizer. Eu fico <u>triste</u> quando eu lembro.</b>	
Fé	<b>Eu “tô” pedindo à <u>Deus</u>, sinto muito aqui dentro do meu coração.</b>	
Família	<b>Sinto a falta da minha <u>mãe</u>, dos meus <u>irmãos</u>, da <u>filha</u> que foi a primeira, lembro tudo de quando <u>ela</u> era pequeninha. <b>E hoje eu me acho sem nenhum <u>deles</u>.</b></b>	
Fé	<b>Às vezes eu me sento ali, fico meditando um pouco sobre minha vida: “Meu <u>Deus</u>, porque eu passei por isso?”</b>	
Pensamento	<b>Cheguei a chorar ali sentado. Quando eu “tô” deitado eu fico <u>pensando</u> que eu deveria ter feito antes.</b>	
Aprendizado	<b>A vida é assim, tem que apanhar para <u>aprender</u> e eu apanhei demais. E eu não sei não, sei que agora eu quero caminhar pra frente.</b>	
Emprego	<b>Agora mesmo, amanhã já vou no <u>emprego</u> lá e vou entregar o <u>currículo</u>. E me disseram eu “tão” pegando gente que já é possível começar a <u>trabalhar</u>. Aí daí pra melhor.</b>	
Fé	<b>Com <u>fé</u> em <u>Deus</u>!</b>	
Esperança	<b>Então minha vida “tá” assim nesse carrossel. <u>Eu quero</u> que fique do lado certo.</b>	
Família	<b>É porque eu não sei mais o que falar assim, mas minha vida quando larguei minha <u>família</u> ficou assim. Nunca briguei na rua depois que aconteceu esse problema comigo da minha separação <u>familiar</u>.</b>	
Moradia	<b>Trabalho em beira de praia, “tô” aqui no <u>albergue</u>, <u>esperando um cantinho</u> pra poder ir e daqui pra frente,</b>	“aqui” refere-se

	antes eu morava em <u>barraquinho</u> , pedia ajuda e hoje eu “tô” <u>aqui</u> .	ao albergue
Medo	Eu sofri bastante que eu tinha <u>medo</u> , porque aqui o pessoal tem que ter <u>medo</u> . Não falo mal de nenhum, o pessoal qualquer coisinha estoura lá fora. <b>E tenho <u>medo</u>, peço toda noite à Deus pra mim não fazer coisa errada. O meu <u>medo</u> é esse de fazer a coisa errada e ser cobrado porque sempre vem a cobrança.</b>	
Fé	<b>E eu “tô” me entregando à <u>Deus</u> e vou tocar a minha vida, porque eu não tenho outro lugar pra ir até conseguir minha casa e esse emprego.</b>	
Esperança	<b>E eu querendo eu vou <u>conseguir</u>. Quando eu quero uma coisa eu vou e luto, sem essa bebida. E é tocar a vida pra frente né? Pra <u>melhoria</u>.</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<b>É igual quando a <u>Dona J.</u> fala pra mim, tudo que eu fizer aqui pra vocês é de bom e eu agradeço <u>ela</u>.</b>	
Lembrança	<b>E eu “tô” tocando. Não sei mais nem o que falo, não tenho muita <u>lembrança</u>, só de sofrimento e dói né. <u>Agora não “tô” bem lembrado não.</u></b>	
Tristeza	<b>“Tô” passando sinceridade e o que realmente aconteceu e tem mais coisas, durante o intervalo de tempo vai acontecendo, a gente vai se envolvendo com outras coisas, aquele <u>sofrimento</u> a gente vai amenizando. Mas de repente volta tudo que aconteceu e não é bom não. Se eu for bem analisar mesmo não é bom, é <u>sofrido</u>. Às vezes pedir um pão, uma água o pessoal não dava nem água. Andei muito a pé e caindo o couro do pé, caindo mesmo no asfalto quente. Com sede, com fome, eu bebia água nos bebedouros dos boi cheia de lama, aí bebi e matei minha vontade. Me deitava no meio dos matos, foi mais no sul o <u>sofrimento</u> vindo de lá pra cá. <b>Eu não quero mais <u>sofrer</u> assim não, quero não.</b></b>	
Roubo	<b>Apanhei, fui <u>roubado</u> quando estava vindo pra cá. <u>Roubaram</u> minha carteira de trabalho, meus contatos, meu celular e minha mochila. Aí chegando aqui consegui tirar tudo de novo.</b>	
Tristeza	<b>Daí minha vida “tá” assim, <u>sofrida</u>, mas “tá” <b>melhor do que eu “tava”.</b></b>	
Moradia	<b>Porque onde eu “tava” não tinha o que eu tenho <u>aqui</u>.</b>	“aqui” refere-se ao albergue
Cuidado	<b>Não tinha um documento, não tinha minha vida assim de alguém me observando, de me olhar, de querer <u>conversar</u> comigo e me <u>ajudar</u>.</b>	
Fé	<b>Aqui eu “tô” tendo ajuda e tenho ajuda graças à <u>Deus!</u></b>	

Cuidado	<b>O <u>peçoal</u> ajuda aqui e o <u>peçoal</u> de fora também, tenho vários conhecimentos aqui. De vez em quando eu trabalho com um e com outro, mas é bico. Já “tô” bem conhecido na cidade, já conheço um bocadinho de <u>gente</u>.</b>	
Indefinido	<b>É isso só que tenho pra dizer.</b>	

**Quadro 2:**

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Família	Sobre o acordo, minha <u>mãe</u> não quis mais nada comigo né?! É porque assim, com meus <u>irmãos</u> não tem mais jeito. Eu era o cara que abandonou tudo, o que não tem mais jeito. Eu tentava se aproximar <u>dela</u> e tinha a <u>irmã</u> que ficava na cabeça <u>dela</u> falando e falando: “O W. não tem jeito, abandona ele”. E ficavam jogando <u>ela</u> contra mim e <u>ela</u> nunca se aproximava de mim, só do meu irmão e <u>dela</u> , da minha <u>irmã</u> .	
Tristeza	Aquilo ali me <u>entristeceu</u> , me deixou com as mãos atadas sem saber se chegava mais nela. Aquilo foi me distanciando dela e ela se distanciando de mim com a cabeça feita pelos outros e aquilo me <u>entristeceu</u> .	
Mudança	Aí caí mesmo no <u>mundo</u> .	
Família	É igual aquilo que te falei, achei <u>família</u> fora, o laço <u>familiar</u> achei na rua. Eu não me sinto que tenho <u>família</u> mais. Na época que meu <u>pai</u> se separou da minha <u>mãe</u> aí teve esse negócio de ter que ir pra casa do meu <u>pai</u> , aí vinha pra casa da <u>mãe</u> e passava um tempo. Aí sempre eles diziam que eu levava conversa pra lá e trazia conversa pra casa da <u>mãe</u> . Coisa que eu não fazia e <u>eles</u> diziam que eu era mentiroso que só vivia trazendo conversa. E eu era visto assim como mentiroso falando mal de uma <u>família</u> pra outra. Sempre foi assim.	
Dinheiro	Quando eu pegava um <u>dinheiro</u> eles falavam que o meu <u>dinheiro</u> não era aquilo, era mais.	
Confiança	Na verdade nunca fui bem visto por eles e com a bebida eu perdi a <u>moral</u> mesmo, nunca tive <u>moral</u> com eles depois que eu bebi. Antes eu tinha, agora não.	
Drogas	Comecei a viajar pra fora aí me perdi, comecei a <u>beber</u> coisa que eu não <u>bebia</u> e não usava.	
Confiança	Me misturei com os outros aí perdi <u>moral</u> de tudo mesmo. Ninguém tem mais <u>confiança</u> em mim. Aí que me destruiu, não é ruim?	
Família	Meus <u>irmãos</u> não gostavam da mulher do meu <u>pai</u> e aí ficavam com raiva de mim porque eu morava lá. Ela tinha outro <u>filho</u> com meu <u>pai</u> e ficava naquela né de leva e traz. Depois que meu <u>pai</u> morreu eu não tinha	

	contato mais com <u>ele</u> .	
Tristeza	<u>É triste, minha vida foi triste mesmo, não foi fácil.</u>	
Família	<u>É por isso que eu sinto falta deles, aí eu lembro do que eles me fizeram e vem aquele desgosto. Não sei mais chegar neles, não sei se aproximar, não tenho mais jeito de dizer para minha mãe e meus irmãos: “olha aqui como eu ‘tô’”.</u>	
Medo	<u>Não sei, não vai sair mais nada da minha boca porque eu fiquei com medo de coisas que eles falaram de mim, coisas que eu não fazia e um trauma na minha cabeça.</u>	
Desprezo	<u>Me condenaram, me desprezaram e fui pro mundo.</u>	
Família	<u>Sofri enquanto eles ficavam nos braços de mamãe e papai. E eu perdi tudinho. E pra falar a verdade pra você eu não tenho mais amor por eles, eu sinto falta, mas não é mais aquele amor.</u>	
Tristeza	<u>Aí desanimou tudo! É ruim, dói. Você lendo aí as coisas eu enchi os olhos, chorei um pouco por dentro. Chorei por dentro porque a história contada, escrita assim e lendo depois é que a gente vai sentir mais.</u>	
Família	<u>Aí vivi minha vida assim e “tô” vivendo, não tem mais como eu voltar e me sentir com a família. Levei a fama do leva e traz. Caí no mundo. Meu pai ainda chegou a me dar um bujão de gás quando me casei, depois me separei e caí no mundão mesmo. Aí pra frente não tive mais contato nenhum. Tenho dois filhos, mas não quero contato nenhum não.</u>	
Coragem	<u>Não tenho coragem. Sabe aquele negócio que você não tem mais coragem?</u>	
Medo	<u>Eu acho que não dá mais para encarar, tenho medo das respostas deles. Então fico com medo quando escuto a bomba.</u>	
Tristeza	<u>Não quero mais sofrer, prefiro ficar no meu cantinho mesmo.</u>	
Fé	<u>Com a força de Deus, a benção de Deus.</u>	
Esperança	<u>Tocar a vida pra frente. Penso que é o melhor pra mim porque quanto mais se envolve nunca vou ser olhado assim: “olha o W. que ele antes era assim e hoje assado”.</u>	
Mudança	<u>Agora que saí pro meio do mundo mesmo, o mundo oferece muita coisa né?!</u>	
Indefinido	<u>E eles não tão vendo o que eu “tô” fazendo. Na minha parte eu “tô” fazendo o certo: “não quero isso e tal”. Penso assim: “o cara chegou hoje e ‘tá’ pior do que tava”.</u>	
Família	<u>Daqui quando eu for tentar o que eu sou agora, quando eu tentar mostrar eles já vão ter me discriminado e arrancado o pescoço. Até minha mãe</u>	

	<b>mesmo me condena, por causa <u>deles</u> não confia em mim.</b>	
Coragem	<b><u>Aí não tenho coragem.</u></b>	
Família	<b>Se fosse só minha <u>mãe</u> eu perdoaria, mas fizeram a cabeça <u>dela</u>. Eu não quero, prefiro “tá” assim mesmo.</b>	
Coragem	<b>Eu acho que é o melhor pra mim daqui pra frente, não <u>tenho coragem</u> mais mesmo.</b>	
Indefinido	<b>Aconteceu tanta coisa na minha vida que não dá para acumular, eu não consegui guardar mágoa e não quero só falar das mágoas, quero falar dos momentos bons.</b>	
Família	<b>Eu tive momentos bons com <u>eles</u>, mas eu não lembro muita coisa assim.</b>	
Perdão	<b>De tanto conhecer pessoas fora a gente vai esquecendo, <u>perdoando</u> e pra voltar tipo tudo gira ao contrário na cabeça.</b>	
Lembrança	<b>Você perguntando e nós conversando eu <u>lembro</u> muita coisa.</b>	
Fé	<b>E entrego pra <u>Deus</u>. <u>Deus</u> sabe o que faz.</b>	
Indefinido	<b><u>Então é isso que eu tenho pra te dizer.</u></b>	

### Quadro 3:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Mudança	Na época os momentos bons que eu “tava” te falando é assim, quando eu saí de <u>Juazeiro</u> que eu fui pra outra cidade eu comecei a fazer parte na casa da minha tia.	
Cuidado	Aí sim já foram me <u>ajudando</u> mais, chegando pra mim e <u>cuidando</u> .	
Família	Mas era aquele tipo, eu ainda desconfiava da minha <u>família</u> porque tinha os momentos que às vezes sentava e conversava comigo, me explicava, me acalmava, me aconselhava e quando “ia” pro jogo ou alguma coisa minha eu convidava, mas momento bom mesmo foi na casa da tia. Mas momento bom mesmo eu não tive não, só depois que me aproximei deles com a <u>tia</u> me ajudando. Algumas coisinhas que <u>ela</u> me ajudava, não era tão bom.	
Pensamento	Eu falei assim por falar mesmo, porque de bom foram algumas coisas só. Mas com a tia eu me dei muito melhor e passei <u>momentos</u> bons, mas não sei te explicar como era. Bom assim porque ainda “tavam” me olhando de outro jeito, queriam se aproximar de mim, mas eu sempre desconfiava, não tinha mais ânimo nem nada na época que eu era mais novo né? Aí eu <u>penso</u> assim, não tem muito <u>momento</u> bom não.	

Família	Momento bom foi quando minha <u>tia</u> me mostrou como ajudar com outro olhar. Eu tinha medo de voltar como era tudo de novo, aí não confiava em ninguém da minha <u>família</u> .	
Moradia	Aí eu levei minha vida assim desde que eu saí de <u>casa</u> .	
Família	Minha <u>família</u> até ajudou quando minha <u>filha</u> nasceu, minha <u>irmã</u> me ajudou muito. Mas eu penso assim, era pela minha <u>filha</u> , não era por mim. Que é igual ela falou assim: “nós estamos ajudando não é por ele, mas por causa da criança”. E minha <u>irmã</u> gostava da minha mulher, mas de mim nunca ajudou pra nada de conforto e meus <u>irmãos</u> . Se “tavam” me ajudando na época era tipo assim, falsidade. Como eu “tava” com minha <u>tia</u> eles queriam mostrar que ajudavam. Eu ficava na casa da <u>tia</u> e eu contava tudo pra <u>ela</u> , mas eles não me ajudaram por causa de mim, sentindo alguma coisa por mim. <u>Eles</u> tinham raiva de mim ou tem ainda, foi só por causa da minha <u>filha</u> que ajudaram.	
Emprego	Naquela época eu sempre <u>vendia</u> bacia, tapete e viaja, ganhava dinheiro.	
Tristeza	E só quando eu ganhava dinheiro eles se aproximavam, mas era pela falsidade. Eu me sentia o <u>pior</u> ser do mundo perto deles, eu não tinha amor mesmo assim grande coisa não. Sinceramente, juro por Deus que eu não tive amor deles, minha mãe já olhava com outro olhar. Pois é só os momentos pouco mesmo que eu tive, mas nada não.	
Família	Minha <u>mãe</u> “ia” lá em casa, de vez em quando <u>ela</u> “ia” quando eu “tava” em casa ou tinha alguma coisa pra fazer, mas era muito rápido que <u>ela</u> ficava. Qual o <u>filho</u> que não sente dor assim no coração? Porque com os outros <u>irmãos</u> <u>ela</u> ficava um tempo todinho. E eu me sentia assim: “poxa, a minha <u>mãe</u> vem aqui e nem ficava um pouco com a <u>neta</u> e vai embora”. Meus olhos enchem de lágrimas aqui por dentro só de lembrar. Minha esposa falava comigo: “W. porque tua <u>mãe</u> fica pouco tempo e já vai embora?” e eu respondia que não sabia. Quando eu “ia” na casa da minha <u>mãe</u> , eu sentava perto da minha esposa porque os outros <u>irmãos</u> tudo olhava, não sentava perto de mim.	
Tristeza	Eu só tenho assim é <u>mágoa</u> dentro de mim, não sei contar mais atrás não. Não sei se eu tenho amor, não tem alguma coisa dentro do meu coração. Momento bom foi muito pouco mesmo, <u>dói</u> por dentro de mim quando eu vou falar e <u>sinto muito</u> , não lembro muita coisa.	
Família	E outro momento bom que eu “tive” foi com meu <u>pai</u> antes de viajar, antes dele morrer. Eu tinha mais atenção do meu <u>pai</u> . Juro por Deus, meu <u>pai</u> era mais	

	carinhoso comigo, se preocupava comigo. Antes de casar, quando eu ficava lá eu tinha todo o cuidado, comprava comida, comprou uma carroça pra mim vender banana, abacate, essas coisas. Meu <u>pai</u> sempre gostou de mim, eu não “tava” no momento quando ele morreu. Meu <u>pai</u> era muito carinhoso, muito apegado comigo e a mulher dele também. Pra onde meu <u>pai</u> “ia” me levava. Meu <u>pai</u> sim, Deus me perdoe se eu “tiver” falando errado da minha <u>mãe</u> , mas eu não sinto amor dela por mim. Meu <u>pai</u> morreu e eu sinto falta dele até hoje, já dos outros da minha <u>família</u> eu sinto falta, mas não tenho coragem de se aproximar mais <u>deles</u> . Se meu pai tivesse vivo hoje eu “tava” com ele eu não tinha saído de perto do meu pai, não “ia” “tá” andando pelo mundo não. “Tava” com minha esposa ainda, “tava” com a minha <u>família</u> , minha <u>filha</u> , meu <u>filho</u> , “tava” vivendo perto <u>deles</u> . Minha <u>mãe</u> não dá porque os outros <u>filhos</u> não gostam de mim mesmo. Já o meu momento com meu <u>pai</u> foi muito maravilhoso.	
Mudança	Só que eu “tive” que cair no <u>mundo</u> mesmo. Aí começaram a dizer que eu mentia, levava conversa pra lá e pra cá, foi daí que <u>larguei</u> tudo como te falei.	
Família	Mas não lembro momento bom com a minha <u>mãe</u> , não tenho lembrança muito não. Meus <u>irmãos</u> por parte de <u>pai</u> eu cuidava <u>deles</u> quando levava pro colégio quando eram pequenos. Eu dormia numa rede e era bem cheirosinha, bem arrumadinha minhas coisas. Eram momentos bons com meu <u>pai</u> , agora com minha <u>mãe</u> não tenho mais lembranças não, não tenho mais não.	
Lembrança	<b>Se lembrar mais pra frente eu falo, mas agora era isso mesmo. Deu pra entender?</b>	
Mudança	<b>É melhor eu ficar nessa vida mesmo, no <u>mundão</u>.</b>	
Indefinido	<b>Pronto! É só isso mesmo.</b>	

#### Narrativas do Tempo Presente (quadros 4, 5 e 6)

#### Quadro 4:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Mudança	<b>Assim, viver nessa vida de <u>mundão</u> é igual o que expliquei.</b>	
Família	<b>Eu não tenho mais amor de <u>mãe</u>, <u>irmão</u>, de nenhum <u>familiar</u>. Eu prefiro assim, aonde eu chegar é construir uma <u>família</u> e viver nessa vida assim de melhoria né! Pra mim melhorar, estar com alguém, conseguir essa casinha, progredir pra frente. Porque pra viver com</b>	

	eles eu não vou mais, pra perto da minha mulher eu não vou mais e dos meus <u>filhos</u> também não. Igual eu te expliquei, eu não tenho comunicação com eles mais, não sei daqui pra frente.	
Mudança	E a vida do <u>mundão</u> que eu falo é essa: seguir em frente e me adaptar em algum lugar mesmo igual aqui eu “tô”.	
Emprego	Já “tô” me adaptando, já “tô” arrumando uns <u>trabalhos</u> , uns <u>bicos</u> e vivendo minha vida.	
Família	Longe da minha <u>família</u> né! Se um dia eu chegar a me comunicar com <u>eles</u> tudo bem posso até me juntar a <u>eles</u> , tipo assim uma sociedade, uma amizade, mesmo com a falsidade que <u>eles</u> tem. Que eu não queria “tá” distante <u>deles</u> , eu queria “tá” perto.	
Mudança	E a vida do mundão é essa que eu falo pra ti, não é viver perambulando.	
Moradia	É aqui, “tá” aqui arrumando minha <u>casinha</u> igual a dona J. falou pra mim que no mês de março “tá” pra sair as <u>casas</u> .	
Família	E eu tenho plano de arrumar alguém na minha vida e construir uma <u>família</u> , um laço <u>familiar</u> : mulher e <u>filho</u> .	
Fé	Não “tô” tão velho assim e eu espero daqui pra frente <u>Deus</u> me ajudar.	
Mudança	É isso que eu falo pra ti do <u>mundão</u> . Eu “tô” distante deles mesmo, daqui pro <u>Ceará</u> é longe. Não sei como vai ser daqui pra frente, eu acho assim pra mim melhorar porque eu “tô” aqui melhorando até conseguir isso. <u>Mundão</u> porque eu quero construir minha vida aqui, nesse <u>mundão</u> que me referi. Aqui ou no interior aqui por perto. Porque lá não me sentia com eles, quando eu viajava eu me sentia no mundão. Me sinto bem em <u>Maceió</u> .	
Família	Eu só fico triste porque eu não tenho mais <u>comunicação com eles</u> , <u>aproximação</u> . Não sei como <u>eles</u> estão, como “tá” meu <u>filho</u> , minha <u>filha</u> , minha <u>netá</u> , minha <u>mulher</u> . E minha <u>mãe</u> quando eu soube <u>ela</u> “tava” meio doente, <u>ela</u> tinha pressão alta e tinha problema no coração. A maioria da minha <u>família</u> morre de ataque né! Meu <u>pai</u> também morreu de ataque. E meus <u>irmãos</u> , apesar deles não gostarem de mim, eu sinto ainda o amor no meu coração por eles. Todo <u>irmão</u> quer saber da vida do outro. Embora eu ache que eles não queiram saber de mim, mas eu quero. Meu coração não é tão duro.	
Esperança	Eu acho que deu pra mim responder né? Hoje eu me preparo para um <u>futuro</u> próximo. Hoje me preparo para depois, eu planto aqui pra mim colher amanhã uma coisa melhor. Porque eu arrumando alguém, eu já tenho como me manter, me estabelecer ali e viver de	

	<b>boa com ela, oferecer o melhor porque minha vida “tava” pior. Não foi tão boa. E eu “tô” tentando melhorar.</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<b><u>Dona J.</u> “tá” vendo e “tá” me dando todo o apoio, o que ela pede eu faço. E daqui pra melhor. Tem meus compromissos que eu “tô” cumprindo certinho como <u>Dona J.</u> falou: “faça certo que daqui você vai para sua casa”. Hoje “teve” um probleminha com um colega, mas conversei com <u>Dona J.</u> e tudo se resolveu. Troquei umas palavras com o colega porque não sou de ferro, mas chamei ela e ficou bom.</b>	
Moradia	<b>Eu me sinto bem <u>aqui</u>, mas não quero viver permanente aqui nesse <u>albergue</u> porque não é pra sempre, é passagem.</b>	“Aqui” se refere ao albergue
Mudança	<b>E essa vida do <u>mundão</u> que te falo é essa da melhoria que eu espero ter respondido. A pessoa andando pelo <u>mundo</u> assim fica sem plano, sem rumo né!</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<b>Aí quando eu vim pra cá pedi apoio, <u>Dona J.</u> conversou comigo, assim como falo com você aqui. <u>Ela</u> disse: “vou te dar um prazo, aí tu vê aí”.</b>	
Esperança	<b>Conversei com a assistente social, nós conversamos e disse que eu tinha um prazo, mas que não era pra mim me acomodar. Aí foi que tirei a documentação e os dias foram passando, agora “tô” <u>progredindo</u>.</b>	
Emprego	<b>Na hora que arrumar um <u>emprego</u> vai ficar melhor.</b>	
Família	<b>Quem sabe quando eu não tiver com minha casinha eu não ligo pra minha <u>filha</u>, entrar na internet ver o site dela, alguma coisa né! De repente eu vejo o número dela pra se comunicar com <u>ela</u>.</b>	
Fé	<b>Eu peço à <u>Deus</u> ajuda e “tá” conversando contigo aqui eu me sinto mais leve, feliz.</b>	
Indefinido	<b>Eu não tinha com quem conversar. Você conta aqui um segredo e o outro já fica sabendo.</b>	
Velhice	<b>E aqui eu desabafo sobre minha vida, eu gosto de conversar contigo quando você vem aqui. Então é isso minha vida, eu quero prosperar. Tanto do meu psicológico como do meu coração e no meu entendimento. Eu “tô” fazendo por onde, já “tô” com <u>41 anos</u>, daqui a pouco <u>envelheço</u> mais e aí quem vai me ajudar? Não vou viver todo o tempo assim.</b>	

Quadro 5:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
------------------	--------------------------	-----

Amizade	É o que eu te falo, plantar aqui é fazer novas <u>amizades</u> , novos conhecidos.	
Emprego	“Tô” tendo uma série de <u>trabalho</u> como te falei com os caminhão, com os menino. Logo, logo “tô” arrumando um <u>emprego</u> melhor porque vou ter algo com eles lá no galpão. E daí vou prosperar, vou plantar mais coisa pra frente. Tendo meu <u>emprego</u> eu vou “tá” melhor pra poder encontrar minha filha.	
Moradia	O meu plantar <u>aqui</u> é esse pra colher depois. Porque quando eu tiver apoio <u>aqui</u> eu “tô” podendo ver coisa melhor, ajeitar minha <u>casinha</u> , montar toda direitinho.	“Aqui” se refere ao albergue
Família	E chegar o ponto de entrar na internet e tentar se comunicar com minha <u>filha</u> ou alguém da minha <u>família</u> e progredir pra frente pra ter coisa melhor. Na minha vontade mesmo pra ser bem sincero pra ti, o que eu queria mesmo era minha <u>filha</u> , meu <u>filho</u> tudo perto de mim embora minha mulher não quisesse mais. Mas com os <u>filhos</u> perto de mim tava de boa. Se eu não conseguisse uma mulher pelo menos com eles eu já tinha o coração mais feliz. Pelo menos o contato, manter o contato. Se eles não quisesse vim eu já teria o contato. É ruim você ter <u>filho</u> , ter <u>família</u> e não se comunicar com eles.	
Emprego	Durante esse <u>trabalho</u> que eu “tô” tendo aí eu já juntei 400 reais, 450 reais. É pouquinho né?	
Moradia	Mas não falei nada pra Dona J. pra ela não achar que já posso alugar uma <u>casinha</u> . Porque esse dinheirinho é para guardar, <u>aqui</u> não é pra sempre. Pode chegar o momento de alguém dizer que <u>aqui</u> não dá mais. E eu tendo meu dinheirinho e eu fico num <u>cantinho</u> até ter minha <u>casinha</u> . Aí esse negócio que “tô” te falando deu ter contato com eles é eu ter meu <u>cantinho</u> e ficar mais a vontade.	“Aqui” se refere ao albergue
Coração	Eu quero me sentir com eles no meu <u>coração</u> . Eu “tô” muito apertado, meu <u>coração</u> “tá” muito apertado sabe, sem rumo. Sem jeito pra trabalhar, pensando todo dia a mesma coisa. Toda hora que acordo é a mesma coisa, eu converso contigo eu me sinto bem, converso com dona J. e também fico bem. Mas não é todo dia que se pode manter o contato de conversa né? Não tem como.	
Família	Daí é assim, eu quero ter eles perto de mim. Pra mim quando chegar do meu trabalho me sentir bem com minha <u>filha</u> , minha <u>neta</u> . E no caso se eu arrumar alguém eu sei que ela não vai ser contra né? E eu quero viver minha vida assim tranquilo. Aí eu “tô” tentando encontrar minha <u>filha</u> , já falei com um amigo achar pela internet para pegar alguma informação, com alguma foto, telefone, essas coisas. Ele pediu para	

	ir na <i>lan house</i> falar com a <u>filha</u> dele e mexer na internet pra ver se vai dar certo.	
Indefinido	Aqui nem sempre as meninas vão ter tempo pra me deixar mexer na internet e como fico lá com esse colega ele deixa eu usar.	
Esperança	Pois então é isso, minha vida de plantar pra colher é a <u>melhoria</u> , sempre <u>melhorar</u> .	
Drogas	Eu não vou mentir pra ti que antes de ontem eu dei uma “ <u>bicadinha</u> ” né? A Assistente Social me chamou e puxou minha orelha. Eu “farrei”. <u>Molhei o bico</u> (risos). Mas não foi para prejudicar ninguém. E a Assistente Social falou pra mim: “Você precisa ir pro CAPS!” e eu disse que tudo bem. Fui lá e voltei, mas não avancei. Os que estavam comigo desde ontem estão <u>bebendo</u> e <u>curtindo</u> , mas eu não tenho nada a ver com a vida deles. E vão pegar na orelha deles também. Cada um cada um.	
Indefinido	Então era isso. Se tiver mais dias ou perguntas para fazer eu respondo.	

Quadro 6:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Acolhimento	Eu não tenho nada a ver com a vida de ninguém, cada um é cada um né? Todo dia a mesma coisa, um sai e se deita, se levanta e é sempre a mesma coisa. E eu fico com o coração apertado de ver gente aí fora também passando o que “tá” passando. Tem a oportunidade aqui dentro e não sabe acatar com as duas mãos. Uma coisa assim que é pra se <u>proteger</u> de gente lá fora. Porque tem muita gente boa, mas também tem muita gente ruim né? Principalmente nessa época de carnaval. Semana passada mesmo o rapaz deu duas facadas bem aqui na frente. A gente “tava” aqui dentro mesmo.	
Moradia	Mas eu me sinto mal, eu fico vendo essa cena e eu “tá” aqui, não ter conseguido meu <u>barraquinho</u> , a minha <u>casinha</u> pra eu poder sair.	
Medo	Aí pra eu poder sair durante o dia assim, eu entro e saio, eu fico assim com um aperto dentro de mim e aquilo pode acontecer comigo. Eu fico assim com meu coração <u>temente</u> , com <u>medo</u> . Aqui nós não temos amigos, temos conhecido. É pouca conversa e se falar demais já querem matar, já querem brigar.	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento	Querem colocar a gente contra a <u>dona J.</u> contra outras pessoas daqui. Até com a cozinheira também.	

(antigo albergue)		
Medo	<b>Eu me sinto com o coração apertado não vou mentir sabe, <u>temente</u>. Fico <u>preocupado</u> porque eu não tenho conhecimento aqui, tenho poucos meses aqui e nem chega a ser um ano. É um <u>medo</u> de ser assaltado nessas praticinhas. Vou andar e volto pro serviço com aquele troquinho no bolso, tem muito “cheirador” de cola, muitos “noiado” aí. Eu fico com <u>medo</u>.</b>	
Moradia	<b>Aqui mesmo eu nem posso chegar aqui no <u>albergue</u> que já dá aquele aperto em mim sabe. Daí você pensa assim: “poxa, não tô no que é meu, não tô na minha casa”.</b>	
Medo	<b>Você se sente <u>inseguro</u>, <u>temente</u> porque aperta mesmo. Não tem como não te apertar.</b>	
Moradia	<b>Mas quando eu entro pra dentro do <u>albergue</u> sempre tem um ou dois que a gente dialoga um pouco, bate um papo e aquilo vai esparecendo.</b>	
Fé	<b>Vai chegando à noite e tem minhas <u>orações</u> que eu faço porque eu gosto de orar à noite, pedir à <u>Deus</u> proteção. A gente com <u>Deus</u> já é do jeito que é imagina sem <u>Deus</u>.</b>	
Medo	<b>Daí eu fico com <u>medo</u>. Eu não sei, eu me sinto <u>apertado</u>.</b>	
Moradia	<b>É aquilo que eu te falo, eu já queria “ta” na minha cama, na minha <u>casinha</u> já.</b>	
Família	<b>É um aperto por essas coisas que “tô” te falando e um aperto também de não ter meus <u>filhos</u> por perto que “tá” mais me judiando.</b>	
Indefinido	<b>Não pude ter comunicação pela <u>lan house</u> porque “tava” fechado nesse período. Fui hoje lá também, ele “tava” ajeitando o carro do irmão dele e a menina “tava” tomando conta da sobrinha dela que “tava” doente porque a tia dela tinha viajado.</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<b>Aí fiquei com as mãos atadas sem saber o que eu faço. A <u>dona J.</u> nunca tem tempo, desde cedo <u>ela</u> não para de atender gente, sempre tem alguém para conversar com <u>ela</u>.</b>	
Medo	<b>Tenho muito <u>medo</u> aqui, esses que vivem na rua não tem <u>medo</u> de nada, se acostumou. E eu não sou de me misturar com muitos. Quando chega alguém pra perto de mim eu já fico “<u>descabriado</u>”, mas tem que ser né? Pra ter cuidado porque eles são viciados, assassinos também, usam drogas, roubam, não dispensa nada. Se te ver com o celular já procuram o jeitinho de dar o bote. Eu tenho roupa boa, tenho coisas boas, mas eu só ando assim porque qualquer vacilo eles deixam a gente nu. “Ontonte” mesmo tem um que fica aqui no albergue que apanhou duas vezes na cara e esse</b>	

	próprio que é de fora pegou e tomou o dinheiro dele e devolveu a carteira pro monitor. Aí fico assim com o coração apertado, <u>temente</u> mesmo.	
Tristeza	É esse o caso mesmo e “ta” com meu coração apertado. E esses dias vai passando e eu tive um sonho: “Meu Deus tomara que essa casinha já saia logo pra mim ir pra minha casinha”. Porque às vezes eu não “to” mais aguentando sabe, aperta mesmo e traz ansiedade. De repente vem uma <u>tristeza</u> que fica aqui dentro.	
Indefinido	Então não posso falar que tenho 400 ou 500 reais porque se alguém escuta e espalha daí pega o dinheiro de você e já era.	
Medo	Eu “tô” ficando com <u>medo</u> , os dias “ta” passando e eu “tô” ficando com <u>medo</u> .	
Moradia	Dizem que dona J. “ta” com um papel aí pra selecionar dez pra essas <u>casas</u> e eu “tô” pedindo à Deus que ela já “teja” pelo menos com a caneta já apontando meu nome ali. Assim eu já saio fora daqui.	
Indefinido	É isso a resposta que eu posso te dar.	
Medo	Não é fácil quando você acorda de manhã e abre aquele portão que já sai com aquele suspense porque esse pessoal não dorme. Eles pedem comida aí fora e se a gente não dá dizem que somos miserável. Sinceramente eu “tô” com <u>medo</u> porque eles ficam marcando as pessoas. É isso! Eu “to” <u>temendo</u> mesmo. Não tenho nada contra eles e nem eles comigo, mas não se sabe o que se espera quando sai daqui.	
Coração	De repente você “ta” com seu <u>coração</u> puro, fazendo o bem e pra eles não, eles acham que “ta” fazendo o mal. Nunca é bom pra esse tipo de gente. Não vou dizer que sou santinho, mas eu tento ser do bem.	
Brigas	Eu vi uma cena aqui na frente que o cara ficou na cadeira de rodas, foram sete pra cima dele dando <u>facada</u> e pode acontecer comigo. E era tudo amigo, pra você vê!	
Medo	Por isso que eu “tô” <u>temente</u> com o coração apertado, com bastante <u>medo</u> .	
Moradia	Tenho vontade de sair daqui, mas ainda tenho pouco dinheiro para me manter. E parece que esse mês “tá” pra sair as <u>casas</u> .	
Fé	Tô” pedindo muito à <u>Deus</u> .	
Medo	Eu sou assim, muito <u>preocupado</u> com a minha vida, não enxergo só coisa boa, tem coisas difíceis. Sempre tem os dois lados e eu sempre penso que “tô” fazendo o meu lado que é certo.	
Indefinido	Pois é minha querida, acho que é isso que eu tentei te responder.	

## Narrativas do Tempo Futuro (quadros 7, 8 e 9)

## Quadro 7: Narrativa 7

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Moradia	<p>Eu imagino assim, saindo daqui logo pra minha <u>casa</u> né? Porque assim, eu “tando” na minha <u>casa</u> eu vou ter meu espaço, eu não vou “tá” como eu “tô” <u>aqui</u>. <u>Aqui</u> tem hora pra entrar, tem hora pra sair. Eu vou ser mais reservado, mais atento do que eu sou <u>aqui</u>. Porque <u>aqui</u> todos entra e sai, ninguém conhece, ninguém sabe quem entra e sai. Eu já quero que minha <u>casa</u> saia pra mim ficar no que é meu e ficar naquela segurança. Já que é meu eu vou fazer minha segurança. Aqui você nunca faz sua segurança. O quarto é aberto, o portão de vez em quando entra gente aí que ninguém conhece. De repente chega um aí e tem uma confusão e entra pra dentro do quarto da gente naquele corre-corre. Aí eu me sinto assim pra sair logo minha <u>casa</u>, pra mim montar minha <u>casinha</u>, se preservar mais ainda porque aqui não tem condições.</p>	<p>“Aqui” se refere ao albergue</p>
Medo	<p><u>Aqui a gente fica com medo, acontece coisa que ninguém espera. Entra bicho ruim e entra bicho bom.</u></p>	
Moradia	<p>É isso aí que eu “tô” te falando de “tá” na minha <u>casinha</u>, na minha segurança mesmo porque eu faço do jeito que eu quero. Na <u>casa</u> da gente a gente come o que quer, consegue o que quer, não tem que dar satisfação pra ninguém.</p>	
Fé	<p>É você e <u>Deus</u>.</p>	
Moradia	<p>É isso mesmo o significado de “ta” na minha <u>casinha</u>, o meu querer de “ta” na minha <u>casinha</u>. Porque eu sempre tive o sonho de ter uma <u>casa</u>, de me manter. Eu sempre me “manti”. Eu não tinha <u>casa</u>, eu tinha alugado. Minha <u>casa</u> era toda organizada. E <u>aqui</u> não dá, é passageiro mesmo e faz um ano já. Eu fico com vergonha de “tá” <u>aqui</u>. O pessoal já fala “O W. já ta há um ano <u>aqui</u> e nunca conseguiu dinheiro pra pagar aluguel”. Eu consegui, mas eu não vou dar uma de bobo para sair daqui enquanto não sai minha <u>casa</u>. Eu “tô” lá e não sai minha <u>casa</u>. Aí eu vou comprar as minhas coisas. É nisso que me sinto assim de querer a minha <u>casa</u> entendeu? Daqui pra minha <u>casa</u>. Quero me sentir bem na minha <u>casa</u>. Ter minha segurança, ter minhas coisas, ter o prazer de entrar dentro da minha <u>casa</u>.</p>	<p>“Aqui” se refere ao albergue</p>

Fé	Fazer minha <u>oração</u> . Porque quando eu “tô” ali no quarto que me ajoelho um vai lá e acende a luz, outro faz barulho. Não! Eu quero um cantinho reservado para agradecer à <u>Deus</u> , só eu e <u>Deus</u> . Meditar porque aqui não tem como meditar. Você “tá” aqui conversando com <u>Deus</u> , mas o pensamento “ta” ali fora. Aí você já sai do quarto e “vê” aquela multidão. Um sorrindo e o outro “mangando” da cara da gente. Já sai espalhando. Por isso eu quero meu cantinho, me preservar. <u>Eu e Deus</u> .	
Mulheres	Igual eu te falei na outra entrevista lá: se aparecer uma <u>mulher</u> pra mim eu vou viver a minha vida.	
Moradia	Eu quero o meu <u>cantinho</u> pra mim me sentir bem, pra limpar as minhas coisinhas, passar pano. <u>Aqui</u> some tudo, mas lá na minha <u>casinha</u> vai ter tudo arrumadinho. Ter meu banheiro limpo porque nesse daqui eu não sento com medo de alguma bactéria. Eu não sou melhor do que ninguém, somos todos igual, mas eu tenho o meu higiênico também. É isso que eu te falo, eu quero o meu <u>cantinho</u> pra viver. A senhora olha a minha caminha aqui é tudo organizado, meu armário é tudo organizado. O dia de limpeza eu tiro tudo, eu limpo. Se eu vejo uma mesa suja eu já vou limpar. E eu quero ter o meu <u>cantinho</u> pra fazer as coisas do meu jeito, do meu gosto. Pra quando eu chegar do trabalho, chegar em <u>casa</u> ter aquele cheirinho de limpo.	“Aqui” se refere ao albergue
Mulheres	Não terei que dar satisfação, a não ser pra minha <u>mulher</u> . Quando tiver com minha <u>mulher</u> . Vou avisar onde vou, o que vou fazer.	
Moradia	Eu imagino assim, minha vida assim. Viver no meu <u>cantinho</u> . Olhando pra esse quadrado <u>aqui</u> eu já imagino minha <u>casa</u> , meu fogão, geladeira, tudo limpinho. Minhas coisas de higiene tudo arrumado. Quando eu morava só a minha <u>casa</u> era limpinha, o meu banheiro limpinho. Era tudo limpo, eu cuidava de tudo. Eu gosto de planta também. E sou assim, eu quero minha vida assim. “Tô” pedindo muito à Deus e que dona J. consiga minha <u>casinha</u> .	“Aqui” se refere ao albergue
Medo	Eu “tô” com <u>medo</u> de “tá” aqui, não sou de me meter em confusão, mas eu tenho <u>medo</u> .	
Brigas	<u>Ontem mesmo tinha um cara querendo bater num velhinho e bateu boca com a dona J. aí fora. Não dá pra confiar em gente assim, fica complicado. Pra muita gente aí fora nós não tem valor de nada, quem passa aí já pensa que são tudo marginal, ladrão e embora não seja todos, sempre tem alguém de bem. Mas o pessoal de fora não dá valor.</u>	

Emprego	<b>Tu vai lá e arruma um <u>emprego</u>, um <u>bico</u> pra fazer e já perguntam: “tu é de onde? Não tem endereço?” Por isso que quero a minha casa pra ter minhas coisinhas tudo entendeu? Te juro por Deus, assim não dá. Eu tenho minha continha da caixa econômica, mas é conta salário. Mas deposito minha graninha pra me manter.</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<b>A <u>dona J.</u> falou que vai sair esse mês ainda minha casinha, agora eu vou esperar e eu fico ansioso.</b>	
Indefinido	<b>Pois é minha querida, é isso!</b>	

### Quadro 8:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Tranquilidade	<b>No momento eu me sinto assim um cara mais <u>reservado</u> entendeu? Mas eu quero ser mais <u>reservado</u> ainda.</b>	
Dinheiro	<b>Por exemplo, eu conseguir um trabalho fixo, conseguir <u>dinheiro</u>, guardar para o futuro e me reservar. Reservar o <u>dinheiro</u> não só pra mim, mas para os meus filhos. Para mais na frente me suprir as minhas necessidades. Porque a pior coisa que eu vejo aí é as pessoas sem saber o que querem. Eu quero ter aquela condição lá na frente, a <u>condição financeira</u>. Condição de me suprir apesar da minha idade, ou seja lá como for.</b>	
Velhice	<b>Mas não ter nada na vida é ficar sofrendo por aí. Então eu quero me reservar para o futuro para conseguir alguma coisa pra mim pra não “tá” passando dificuldade como eu “tô” aqui. <u>Envelhecendo</u> nessa situação aqui eu creio que não é bom, não tem condições. Não tem condições de viver assim, então eu quero me preservar pra isso, pra frente, “pro” futuro.</b>	
Medo	<b>Me manter na minha idade. É ruim um asilo, é ruim não ter ninguém, eu tenho <u>medo</u>. Não tenho ninguém perto de mim igual eu te falei. Não consegui encontrar com ninguém até hoje. Vai dando <u>medo</u> de viver assim. Eu quero é me preservar pra isso. Minha idade “tá” chegando, já “tô” com 41 anos e não “tô” tendo nada até agora.</b>	
Coordenadora do Serviço de Acolhimento (antigo albergue)	<b>A <u>dona J.</u> falou que a casa só vai sair agora em setembro.</b>	

Dinheiro	<b>Olha bem aí, setembro! Vai demorar uns seis meses ainda. Daqui pra setembro tem muita coisa ainda pra chegar. Daí pra frente eu vou ter que lutar mais e mais. E guardando e guardando <u>dinheiro</u>. Eu não sei se de repente sai para alguns e outros não.</b>	
Medo	<b>Eu “tô” com <u>medo</u> é disso aí.</b>	
Dinheiro	<b>Aí “tô” me preparando mais pra isso. Eu não vou gastar meu <u>dinheiro</u>. Se eu conseguir mais, o suficiente, eu vou <u>guardando</u>. Quero comprar o que é meu para não depender deles aqui. Porque é chato depender dos outros. Aqui eu não <u>gasto</u> com nada e eu não vou comprar nada pra mim? Vou <u>guardar</u> para comprar.</b>	
Responsabilidade	<b>E lá na frente como vou viver só ganhando dos outros? Nunca vou me manter? Ter minha <u>responsabilidade</u>? Acostuma como o povo diz aí. O povo não sabe ralar para conseguir o que quer, até um cigarro ficam pedindo. Pelo amor de Deus gente! Vamos batalhar um pouquinho.</b>	
Prevenir	<b>Sempre aparece um bico, mas ninguém quer. Por isso que quero ir pra frente, me <u>prevenir</u>, me <u>preservar</u> pra isso, pra mim não ficar nessa. Porque viver de me dê, me dê não dá. Não tem lógica né? Saio de perto dessas pessoas. Tem lógica de viver assim? A senhora acha que tem? Então, o que eu tinha pra falar é isso. Me <u>prevenir</u> daqui pra frente. Não quero sofrer o que já “tô” sofrendo hoje aqui. Lá na frente vou ver melhora pra mim.</b>	
Família	<b>Guardar o que eu ganho pra no futuro ter minha velhice porque eu vou envelhecer mesmo. Acho que é assim. Eu penso nos meus <u>filhos</u> virem pra perto de mim, um dia eles vem. Com fé em Deus eu vou ficar com <u>eles</u> nos meus braços, dar aquele beijo, aquele cheiro.</b>	
Indefinido	<b>Pois é minha querida, é isso aí que eu tenho pra dizer.</b>	

### Quadro 9:

UNIDADE TEMÁTICA	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	OBS
Velhice	<b>Na <u>velhice</u> eu penso que já “tô” com 41 anos, eu sou chato pra caramba. Eu penso lá na frente na minha idade mais avançada de me viver assim em <u>asilo</u>, sem ninguém querer me suportar, me abandonar, sem ter um parente, sem ter alguém que cuidasse de mim, que tivesse paciência comigo, um sangue meu entendeu? Porque o pessoal do <u>asilo</u> tem espaço para ficar, para cuidar do outro.</b>	

Medo	<b>E eu tenho <u>medo</u> é disso, de não ter alguém que cuide de mim o suficiente, de me deixar à mingua. É, morrer assim à toa. Eu tenho esse <u>medo</u>. Eu penso assim, se tiver alguém na minha vida, da minha família e que cuide de mim com o carinho que eu preciso seria colaborar comigo e me ajudar. Eu tenho <u>medo</u> de envelhecer e de não ter ninguém comigo para me ajudar.</b>	
Velhice	<b>Eu me imagino assim, ficar <u>velhinho</u> sem ter alguém que cuide de mim o suficiente. Por isso que eu me previno. E daqui pra frente eu me imagino assim, <u>velhinho</u>, abusado e chato. Porque eu sou chato. Nessa idade eu já sou chato, imagino mais <u>velho</u>.</b>	
Medo	<b>Eu sei que não sou santo, mas num lugar como esse tem muita gente ruim. Aqui é uma <u>bomba relógio</u>. Tu dá um passo aqui o outro já te olha com uma cara ruim.</b>	
Família	<b>Daí eu já saio daqui com esse costume, já velhinho as coisas ficam ruins. Agora tendo alguém da <u>família</u> fica melhor. <u>Eles</u> vão me cuidar, mesmo que tenha só interesse e deseje que eu morra logo. Não seria aquela coisa que “vou te cuidar porque tenho carinho”, não! É por algum interesse. Mas eu queria alguém da minha <u>família</u>, alguém do meu sangue.</b>	
Cuidado	<b>Eu quero ser <u>cuidado</u> mesmo sendo chato.</b>	
Medo	<b>Meu <u>medo</u> é ficar sozinho. Não quero “tá” assim igual eu “tô” vivendo em albergue.</b>	
Dinheiro	<b>Eu penso que a idade tá chegando e tem que aproveitar agora para juntar <u>dinheiro</u>. Eu já “tô” gastando <u>dinheiro</u> com um monte de <u>dinheiro</u> agora, imagina depois.</b>	
Solidão	<b>Tenho que me manter <u>sozinho</u> e mesmo que eu tenha alguém com interesse nas minhas coisas eu não estarei <u>sozinho</u>. Mesmo que me dê veneno pra morrer logo entendeu? (risos).</b>	
Família	<b>E eu já sei quem é minha família, caso me aproxime deles eu já conheço quem são. O que eu queria mesmo era ter meus <u>filhos</u> perto de mim. Mas até agora não consegui encontrar <u>eles</u> na internet.</b>	
Velhice	<b>Mas é isso que eu tenho pra falar e eu acho que “tô” certo porque não tem condições da gente <u>envelhecer</u> sem pensar daqui pra frente e com medo.</b>	